

Universidade Federal do Rio de Janeiro

DISCURSOS SOBRE AMOR E GÊNERO EM PERFORMANCES NARRATIVAS  
DE UMA LEITORA DA SAGA CREPÚSCULO

Laura Mendes Pires

2014



DISCURSOS SOBRE AMOR E GÊNERO EM PERFORMANCES NARRATIVAS  
DE UMA LEITORA DA SAGA CREPÚSCULO

Laura Mendes Pires

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação  
em Linguística Aplicada da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro como quesito para  
a obtenção do Título de Mestre em  
Linguística Aplicada.

Orientador: Luiz Paulo da Moita Lopes

Rio de Janeiro

Setembro de 2014

## CIP - Catalogação na Publicação

P624d Pires, Laura Mendes  
Discursos sobre amor e gênero em performances  
narrativas de uma leitora da saga Crepúsculo / Laura  
Mendes Pires. -- Rio de Janeiro, 2014.  
159 f.

Orientador: Luiz Paulo da Moita Lopes.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa  
Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada,  
2014.

1. amor romântico. 2. amor confluyente. 3. gênero e  
sexualidade como performances. 4. performances  
narrativas. 5. letramentos. I. Moita Lopes, Luiz  
Paulo da, orient. II. Título.

DISCURSOS SOBRE AMOR E GÊNERO EM PERFORMANCES NARRATIVAS  
DE UMA LEITORA DA SAGA CREPÚSCULO

Laura Mendes Pires

Orientador: Luiz Paulo da Moita Lopes

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Aprovada por:

---

Presidente, Professor Doutor Luiz Paulo da Moita Lopes – UFRJ

---

Professora Doutora Branca Falabella Fabrício – UFRJ

---

Professora Doutora Maria das Graças Dias Pereira – PUC-Rio

---

Professora Doutora Paula Tatianne Carréra Szundy – UFRJ, suplente

---

Professora Doutora Liliana Cabral Bastos – PUC-Rio, suplente

Rio de Janeiro

Setembro de 2014

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a meus pais, que sempre me incentivaram a ler e a estudar. Sem esse incentivo de dentro de casa desde pequena, eu provavelmente teria seguido por caminhos muito diferentes – e me agrada ter seguido por esse.

Agradeço especialmente à minha mãe e minha tia Denise (que me presenteou com o livro Amor Líquido muito antes de eu pensar em fazer pesquisa), que me fizeram entrar em contato com a série de livros Crepúsculo e acabaram me instigando questões que se desenvolveram em todo um tema de pesquisa de mestrado. Agradeço também ao meu primo Gustavo, sempre disponível para dialogar, me fazendo refletir, e me ajudando de qualquer maneira que eu precisasse.

Sou extremamente grata ao meu orientador, Luiz Paulo, e igualmente à professora Branca Fabrício, que, ainda na graduação, me possibilitaram contato com leituras que me abriram para o mundo. Foi no grupo de pesquisa Salínguas que tive minha primeira sensação de pertencimento a algo. Graças a esses professores e também aos colegas do grupo, cresci não só academicamente, mas também aprendi muito como ser humano e sujeito social. Gostaria que o mundo inteiro fosse mais como é na sala F320.

Dentre os colegas do Salínguas, agradeço em especial à Raquel, à Hellem, à Cida e à Flávia, por todas as conversas produtivas antes e depois das aulas ou pelo Facebook. Agradeço também ao Victor, pelas caronas, pelas conversas sempre enriquecedoras e pela disponibilidade para tirar dúvidas a qualquer momento, e à Ana, também por sua disponibilidade e principalmente por aquela segunda-feira inteira que passamos no Skype discutindo meu anteprojeto.

Também tenho a agradecer às colegas que ingressaram comigo no mestrado, por estarem sempre tão abertas para discutirmos nossas dúvidas e frustrações ao longo do curso. Agradeço especialmente à Bia e à Sílvia Emília, que compartilharam comigo os maiores momentos de triunfo e desespero nesses dois anos e meio.

Agradeço aos professores que tive ao longo do curso, Rogério Tílio, Christine Nicolaidis, Liliana Bastos (Puc-Rio) e, principalmente, à Sílvia Becher, que tem me acompanhado desde o início da graduação, de diversas maneiras, sendo muito mais do que uma professora, mas uma pessoa muito querida, a quem admiro imensamente.

Por me acompanharem, por me entenderem em tudo (inclusive na minha falta de tempo para a vida social), por lerem meus e-mails gigantescos e por serem pessoas maravilhosas, agradeço aos meus melhores amigos de sempre: Marina, Fábio, Mariana e Carol.

Pelos almoços, piadas internas, mensagens de WhatsApp, descontração e basicamente por tornarem meus dias muito mais divertidos, agradeço aos “Pechos”: Heloise, Gustavo, Gabila e Leandro. Meus dias só fazem sentido porque estamos sempre nos falando sobre qualquer bobagem.

Pelas conversas motivacionais nos momentos mais críticos e pela companhia constante, agradeço ao Rafael.

Pelo profissionalismo, por me fornecerem um espaço para escrever sobre o que gosto, pelas conversas sobre qualquer assunto a qualquer hora do dia, pelos ensinamentos, pela paciência, pelo bom humor, por salvarem meu 2014 e por serem simplesmente pessoas admiráveis em tantos aspectos, agradeço a todas as meninas da Revista Capitolina.

Agradeço também a amigos (virtuais e reais) diversos que muito contribuíram para minhas reflexões (e também momentos de relaxamento), comentando sempre nas

minhas pesquisas, enquetes e crônicas. Essa troca foi fundamental para que eu continuasse escrevendo.

Por fim, obrigada à Capes pela bolsa concedida que me permitiu maior dedicação ao desenvolvimento desta pesquisa.

*“O mistério do amor é maior do que o mistério da morte.”*

*(Oscar Wilde)*



## RESUMO

### DISCURSOS SOBRE AMOR E IDENTIDADES DE GÊNERO NAS PERFORMANCES NARRATIVAS DE UMA LEITORA DA SAGA CREPÚSCULO

Laura Mendes Pires

Orientador: Professor Doutor Luiz Paulo da Moita Lopes

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

A presente pesquisa objetiva investigar como amor e gênero em relações amorosas são construídos discursivamente nas performances narrativas de uma leitora adulta da série de livros *best-seller* Crepúsculo. O estudo justifica-se dado que a série, voltada para o público feminino adolescente, teve também grande aceitação por parte de mulheres adultas que, ao mesmo tempo em que se identificam com ideais feministas, parecem desejar o mesmo tipo de “príncipe encantado” romântico por quem a protagonista dos livros se apaixona. Como pressupostos teóricos, me baseio em uma noção de linguagem como performativa (PENNYCOOK, 2007), capaz de produzir sentidos sobre o que pretende descrever, e o gênero e a sexualidade como construídos nessas performances (BUTLER, [1990] 2003), adotando uma abordagem *queer* das performances identitárias (BUTLER, 2002; SULLIVAN, 2003). Sobre o amor e as relações amorosas, considero as teorizações de Giddens (1993) e Bauman (2006) e propostas mais recentes sobre o tema de Lins (2012), entendendo que a forma como indivíduos experienciam o amor e as relações afetivas não é natural nem universal (FREIRE COSTA, 1998), mas responsiva ao contexto cultural em questão (REZENDE e COELHO, 2010). Os dados do estudo de caso (YIN, 2001) foram gerados em eventos de letramento (BARTON e HAMILTON, 1998; BLOOME, 1983; HEATH, 1993) realizados por meio de entrevistas semiestruturadas com uma mulher que se encaixa no perfil mencionado. A análise foi baseada nas performances narrativas geradas nesses eventos, entendendo que as narrativas são também produtoras de sentidos e identidades (BAUMAN, 1986; THORNBORROW e COATES, 2005; MOITA LOPES, 2009b; mimeo). Como instrumental analítico, utilizo as pistas indexicais (WORTHAM, 2001) para identificar posicionamentos em narrativas e a noção de entextualização de discursos (BLOMMAERT, 2009; 2010; BLOMMAERT e RAMPTON, 2011). Os resultados apontam mobilização de diferentes discursos relacionados a amor e gênero em relações amorosas em convivência e em competição, com maior inclinação para o amor romântico. As implicações desses discursos nas relações afetivas na contemporaneidade são discutidas levando em conta as entextualizações e posicionamentos da participante nesse estudo de caso.

Palavras-chave: amor romântico; amor confluyente; gênero e sexualidade como performances; performances narrativas; letramentos

**ABSTRACT****DISCOURSES ON LOVE AND GENDER IDENTITIES IN THE NARRATIVE  
PERFORMANCES OF A TWILIGHT SAGA FEMALE READER**

Laura Mendes Pires

Orientador: Professor Doutor Luiz Paulo da Moita Lopes

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

The aim of this research is to examine how love and gender in romantic relationships are constructed through discourse in the narrative performances of a female adult reader of the best-selling Twilight book series. This study is justified by the fact that, even though the books were originally designed for female teenage readers, the series was widely accepted by a female adult audience that relates to feminist ideals and, at the same time, seems to wish for a romantic “prince charming”, such as the one with whom the female protagonist falls in love. The theoretical foundations for this study are the notion of language as performative (PENNYCOOK, 2007), capable of producing meaning over what it intends to describe, and the notion of gender and sexuality as constructed in these performances (BUTLER, [1990] 2003), adopting a queer approach for the identity performances (BUTLER, 2002; SULLIVAN, 2003). Concerning love and romantic relationships, I take into consideration the theorizations of Giddens (1993) and Bauman (2006), as well as more recent propositions on the theme by Lins (2012), considering that the way individuals experience love and romantic relationships is neither natural nor universal (FREIRE COSTA, 1998), but responsive to the referred cultural context (REZENDE & COELHO, 2010). The data from the case study (YIN, 2001) were generated in literacy events (BARTON & HAMILTON, 1998; BLOOME, 1983; HEATH, 1993) conducted by means of semistructured interviews with a woman that fits the aforementioned profile. The analysis was based on the narrative performances that occurred in those events, considering that the narratives also produce meaning and identities (BAUMAN, 1986; THORNBORROW & COATES, 2005; MOITA LOPES, 2009b; mimeo). Indexical cues are used as analytical instruments in order to identify positionings in narratives. The notion of discourse entextualization (BLOMMAERT, 2009; 2010; BLOMMAERT & RAMPTON, 2011) is also used. The results indicate mobilization of different discourses that coexist and compete; discourses that concern love and gender in romantic relationships and that reveal a greater tendency towards romantic love. The implications of those discourses in contemporary romantic relationships are discussed, taking into account the entextualizations and positionings of the participant in the case study.

Key words: romantic love; confluent love; gender and sexuality as performances; narrative performances; literacy

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>13</b>
1.1 Contextualização sócio-histórica.....	17
1.2 O caráter INdisciplinar da Linguística Aplicada e a adequação desta pesquisa na área.....	21
1.3 A saga Crepúsculo e sua relação com os discursos de amor romântico.....	23
1.4 Objetivo e questões de pesquisa.....	28
1.5 Apresentação dos capítulos da dissertação.....	29
<b>2. Pressupostos teóricos.....</b>	<b>31</b>
2.1. Letramentos como práticas sociais.....	31
2.1.1 Eventos de letramento.....	41
2.2. Estudos de performance.....	43
2.2.1 Linguagem como performance.....	43
2.2.2 Gênero e sexualidade como performance.....	48
2.2.3 Performances narrativas.....	54
2.3. Teorizações sobre amor e relações amorosas.....	59
<b>3. Metodologia de pesquisa.....</b>	<b>69</b>
3.1 Tipo de pesquisa.....	69
3.2 Etapas da pesquisa.....	70
3.2.1 Geração de dados.....	70
3.2.2 Seleção, organização e análise de dados.....	71
3.3 Participantes de pesquisa.....	73
3.3.1 Participante Marília.....	74
3.3.2 Pesquisadora como participante.....	75
3.4 Contexto de pesquisa.....	76
3.5 Construtos teórico-analíticos utilizados.....	77
<b>4. Análise de dados.....</b>	<b>80</b>
4.1 Entextualizações de diferentes discursos sobre amor.....	80
4.1.1 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como aceitação/aprovação.....	80
4.1.2 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como um inconveniente.....	91
4.1.3 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como algo mágico e duradouro.....	105
4.1.4 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como companheirismo e cuidado com o outro.....	118
4.2 A construção dos gêneros nas relações amorosas.....	126
<b>5. Discussão.....</b>	<b>139</b>
5.1 Como os discursos de amor são entextualizados nas performances narrativas da participante?.....	139
5.2 Como os gêneros são construídos nas performances narrativas da participante da pesquisa em relação aos discursos de amor romântico presentes no livro e outros discursos de amor entextualizados por ela?.....	147

<b>6. Considerações finais.....</b>	<b>149</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>154</b>
<b>ANEXO 1 – Convenções de transcrições.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO 2 – Perguntas elaboradas para os eventos de letramento.....</b>	<b>160</b>

## 1. Introdução

Há muitas discussões, hoje em dia, sobre a chamada “crise de identidade” (HALL, 2006) no mundo contemporâneo. Enquanto a modernidade trouxe uma série de novidades tecnológicas, científicas e culturais, o desenvolvimento da globalização acelerou ainda mais esse processo, instaurando na vida contemporânea a ideia de velocidade em tudo que se faz e a de proximidade a opções e estilos de vida antes mais dificilmente acessíveis. Pode-se dizer, assim, que uma face positiva da globalização é a libertação dos constrangimentos de tempo, espaço e formas de vida (MOITA LOPES, 2003). Essa libertação, ao mesmo tempo em que oferece múltiplas e variadas formas de viver e ser, provoca certo atrito em relação aos conceitos do senso comum quanto às identidades e às relações sociais. As identidades, que antes eram vistas como algo fixo, estável e imutável, chocam-se com esse novo mundo de pluralidade e passam a ser entendidas como fluidas ou fragmentadas (MOITA LOPES, 2002).

Partindo-se da perspectiva de que as identidades são fluidas, “a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares” (MOITA LOPES, 2002, p. 34). Considerando que todo discurso se realiza em determinado contexto sócio-histórico, situacional e interacional (FARACO, 2009), cada um desses contextos pode constituir identidades muitas vezes conflitantes ou ambíguas (MOITA LOPES, 2002).

Ao lidar com as chamadas identidades fragmentadas e a forma como elas são construídas e reconstruídas no discurso, considera-se a noção de que a linguagem influencia a sociedade da mesma forma que é influenciada por ela. Os sentidos de mundo que conhecemos não preexistem à linguagem, mas são construídos e reconstruídos por meio dela. Está implícita, então, nessa teorização, uma postura anti-

essencialista das identidades, isto é, não há uma essência ou um conjunto de características que seja capaz de classificar ou agrupar, por exemplo, todos aqueles que se identificam com a categoria de gênero “mulher”, pois a identidade de gênero mulher também é fluida e construída em instâncias discursivas.

Quando os gêneros e a forma como são percebidos e (re)construídos nos dias de hoje é uma questão em pauta, torna-se indispensável falar sobre o feminismo. Hall (2006) aponta o feminismo como o quinto de cinco avanços (sendo os quatro primeiros associados aos pensamentos de Marx, Freud, Saussure e Foucault) da segunda metade do século XX que determinaram o chamado descentramento do sujeito cartesiano (HALL, 2006). Um movimento que começou com a luta pelo direito de voto das mulheres acabou por inaugurar novas formas de organização na vida social, como, por exemplo, a divisão do trabalho doméstico e a possibilidade de independência financeira feminina, o que necessariamente teve efeitos sobre a família e a sexualidade (GIDDENS, 1993; LINS, 2012). Se o homem era “criado” para ser o provedor da família, a partir do momento em que as mulheres passam a poder fazer basicamente tudo o que um homem faz, o papel do provedor perde o sentido (GAUNTLETT, 2008). Essa mudança definitivamente afetou as relações de gênero e suas identidades, pois redefiniu traços antes considerados característicos e essenciais a cada um.

Nesse contexto, é claro que foram afetadas também as relações amorosas e até mesmo o que as pessoas entendem por amor e esperam da experiência envolvida nesse sentimento. Tradicionalmente considerado um sentimento universal e natural, o amor nesta pesquisa é entendido também como uma construção social (REZENDE e COELHO, 2010; FREIRE COSTA, 1998). Isto significa que parto do pressuposto de que o amor não é compreendido nem vivido por todos os indivíduos da mesma maneira e nem é o mesmo tipo de amor em diferentes momentos da história e em diferentes

culturas ou mesmo em diferentes relações e momentos da vida de um indivíduo. Teorizações recentes apontam que o amor nos dias de hoje é líquido (BAUMAN, 2004), isto é, frágil nas relações interpessoais, e outras teorizações o entendem como confluyente (GIDDENS, 1993). O amor confluyente seria aquele vivido de maneira mais livre do que o amor romântico, supostamente eterno<sup>1</sup>. Havendo diferentes discursos em circulação nas sociedades contemporâneas sobre essa e outras questões, é cada vez mais possível – embora não necessariamente fácil em meio às regras sociais construirmos alternativas para nossas vidas sociais e para as relações nas quais nos engajamos.

Essas teorizações se relacionam com a minha pesquisa no que tange às relações amorosas e, conseqüentemente, à construção dos gêneros nessas relações. Nesta dissertação, investigo os diferentes discursos sobre amor e gêneros em relações amorosas (cf. seção 2.3) em um estudo de caso baseado nas performances narrativas (cf. subseção 2.2.3) em eventos de letramento (cf. seção 2.1) realizados com uma leitora adulta da saga Crepúsculo. O interesse pelo estudo dessas narrativas veio a partir de minha surpresa ao ouvir duas mulheres próximas a mim se referirem ao herói do livro como “o homem perfeito”. Por discordar dessa opinião a respeito do personagem, quis entender o que as levou a pensar assim.

A escolha da série de livros Crepúsculo e dos cinco filmes baseados nela justifica-se por esta conter uma variedade de elementos relacionados aos discursos referentes ao amor romântico e pela mesma ter se tornado recorde de vendas (cf. seção 1.4). A preferência por entrevistar uma mulher de faixa etária diferente da do público alvo dos livros dá-se devido ao fato surpreendente de que uma série de livros destinada a meninas adolescentes é também lida e apreciada, em grande número, por mulheres mais velhas que, aparentemente, em nada se assemelham à protagonista do livro, mas,

---

<sup>1</sup> A seção 2.3 irá tratar das diferentes teorizações sobre amor e relações amorosas.

ao mesmo tempo, dizem sonhar com o mesmo tipo de “príncipe encantado” por quem ela se apaixona.

Minha interpretação pessoal é de que a saga Crepúsculo se assemelha bastante a um conto de fadas tradicional, com uma moça apaixonada que tem sua vida completamente modificada graças ao amor por um príncipe encantado. Instigou-me, em primeiro lugar, o fato de duas mulheres independentes, na faixa de 45-50 anos de idade, se dizerem apaixonadas por Edward, herói do livro. Em segundo lugar, percebi, ao ler os livros, que muito mais do que o mito dos vampiros que é divulgado quando se fala da história, nele está presente o mito do amor romântico. Interessou-me, então, entender o que fez com que um livro destinado a meninas adolescentes e que resgata valores tão tradicionais de relações amorosas tenha se tornado um recorde de vendas também com mulheres mais velhas e independentes financeiramente que, por assim dizer, vivem as grandes conquistas do feminismo, movimento que desconstrói os estereótipos de gênero. Para isso, busquei investigar quais discursos sobre amor e gênero em relações amorosas são entextualizados por uma mulher com tal perfil.

Nas seções deste capítulo, faço uma breve contextualização sócio-histórica na qual esta pesquisa se insere e discuto a Linguística Aplicada na contemporaneidade de modo a explicitar a adequação desta investigação nessa área. Em seguida, apresento também a maneira como a saga Crepúsculo se relaciona com as teorias consideradas para este estudo, meus objetivos e questões de pesquisa e, por fim, um resumo do que pode ser encontrado em cada capítulo da dissertação.



## 1.1 Contextualização sócio-histórica

Os tempos globalizados atuais são marcados pela fluidez e pela mobilidade: de informações, indivíduos, produtos e, conseqüentemente, de identidades, conhecimentos e significados. Esse contato com a outridade é responsável pela hibridização de línguas, culturas e identidades, produzindo uma superdiversidade (VERTOVEC, 2007; BLOMMAERT, 2009) impossível de ser compreendida nos moldes rígidos da modernidade, ainda operantes no senso comum como lógica normativa. Dentro desse contexto, as identidades, tradicionalmente consideradas categorias fixas e dotadas de uma essência, passam a ser questionadas e, assim, entendidas e analisadas de outras formas. Considerando que o mundo em que vivemos não é mais o mesmo em relação à modernidade, faz sentido que pensemos em outras teorias para explicar a vida social.

A modernidade, desde sua concepção, pretendia desfazer os sólidos (BAUMAN, 2001), isto é, as certezas, os discursos hegemônicos normativos. Porém, seu objetivo era desfazê-los para que fossem substituídos por novos e aperfeiçoados sólidos, que seriam, estes sim, duradouros e confiáveis, o que tornaria o mundo mais facilmente administrável (FRIDMAN, 2000). A ciência descobriria o mundo e essas descobertas seriam tomadas como referências que guiariam os indivíduos.

Michel Foucault ([1987] 1999) faz uso do conceito de Panóptico como metáfora para entender o poder na modernidade. O Panóptico é um sistema de vigilância no qual os vigiados não sabem de onde estão sendo observados e, por isso, nunca estão livres para se comportarem de modo diferente da regra. Foucault, então, mostra que a ordem do modelo panóptico da modernidade tem uma característica curiosa: os observados estão satisfeitos, pois “vivem em um ambiente cuidadosamente controlado e, por isso, sabem exatamente o que fazer” (BAUMAN, 1992, p. 16). Em contraste, hoje em dia,

segundo Bauman (1992), vivemos em um modelo pós-panóptico. Isto significa dizer que não há mais esse controle rígido e que as referências não são mais tão claras e fixas. Os chamados sólidos, referentes aos significados mais estáveis e orientadores dos discursos que circulam, por sua vez, embora ainda existam, hoje convivem e competem com os líquidos, ou seja, sentidos mais fluidos.

Ao teorizarmos a modernidade, também são pontos relevantes os processos de racionalização e subjetivação do indivíduo como apresentados por Luís Carlos Fridman (2000) segundo Alain Tourraine. Fridman (2000, p. 67) considera tais processos “partes complementares e contraditórias da modernidade”. Enquanto a racionalidade e seu apreço pela eficiência limitavam o sujeito, a subjetivação implicava em um apelo por liberdade e pela livre produção de si. Sobre esse conflito entre racionalização e subjetivação, Tourraine (apud FRIDMAN, 2000, p. 69) afirma que “o drama da nossa modernidade é que ela se desenvolveu lutando contra a metade dela mesma” (TOURRAINE, apud FRIDMAN, 2000, p. 69), ou seja, o indivíduo viveu em um momento de passagem de uma ordem racional para uma ordem mais individualista e emancipatória.

Bauman (1992) sugere que vejamos a modernidade como um modo de pensar de uma época, um *zeitgeist*, e afirma que os ideais modernos não foram alcançados. Assim, na contemporaneidade<sup>2</sup>, a desconstrução funciona como uma forma de reconstrução, o que seria uma ressignificação dos ideais e referenciais modernos. A modernidade pôs a razão sobre a magia e o sobrenatural e esses, hoje em dia, não são vistos como formas

---

<sup>2</sup> Alguns autores se referem aos tempos atuais como “pós-modernidade”, entendendo que a modernidade já teve seu fim e vivemos em um momento posterior a ela. Outros autores fazem uso de termos como “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), “modernidade tardia” (GIDDENS, 1993), entre outros. Neste trabalho, optei por usar o termo “contemporaneidade” por dois motivos. Em primeiro lugar, esse é um modo de referir-me aos tempos atuais de maneira mais neutra, já que o uso de algum desses termos em detrimento dos demais seria uma forma de assumir determinada posição teórica. Esta escolha foi feita também dado o fato de que os pressupostos teóricos deste trabalho relacionam diferentes autores, que nomeiam os mesmos fenômenos de maneiras diferentes por entendê-los de formas um pouco diferentes uns dos outros.

válidas de conhecimento. Houve, então, uma passagem da fé cega no divino para uma fé cega na razão. Acreditava-se em uma razão científica e era essa ciência que buscava e prescrevia regularidades que iriam guiar a vida social. Essa visão difere da adotada nesta pesquisa, na qual entendo que não há uma verdade, mas múltiplos sentidos construídos socialmente, o que será melhor desenvolvido mais adiante nesta mesma seção.

Em meio ao bombardeamento de informações e a simultaneidade de acontecimentos proporcionados pelas tecnologias, a contemporaneidade parece ser constituída por fragmentos, assemelhando-se à “vivência dos esquizofrênicos” (FRIDMAN, 2000, p. 73). Essa comparação dá-se devido ao fato de que, nos dias de hoje, a mídia se faz extremamente presente no dia a dia, exibindo e prescrevendo formas de vida. O marxista americano Fredric Jameson (apud FRIDMAN, 2000) chega a afirmar que a contemporaneidade seria um sinônimo de “capitalismo da mídia”, pois a mídia é responsável por associar estilos de vida a mercadorias, incentivando, assim, o consumo como meio de se conseguir adotar determinado modo de viver. Esse estado de consumismo constante incentivado pela mídia, além de ter efeitos materiais nas relações interpessoais<sup>3</sup> (BAUMAN, 2004; 2007), faz propaganda de um tipo de bem-estar que não pode ser alcançado pelos padrões de vida e pelas possibilidades do consumo (BAUMAN, 2005). Essa impossibilidade acaba por causar frustrações e exclusões.

Sobre as frustrações causadas pelo incentivo ao inalcançável por parte da mídia, pode-se dizer que o indivíduo vive em busca de prazeres imediatos que não irá conseguir satisfazer. Há uma grande preocupação em conseguir o que se quer o mais rápido possível e “esperar tornou-se uma circunstância intolerável” (BAUMAN, 2005, p. 21). A solidez, então, torna-se uma ameaça no contexto desses tempos líquidos. Se

---

<sup>3</sup> Os efeitos da mentalidade consumista nas relações interpessoais desenvolvidos por BAUMAN (2004; 2007) serão discutidos na seção 2.3.

não há certezas confiáveis e tudo é fluido, efêmero e transitório, isso irá se refletir também em suas relações interpessoais. Assim, vão emergindo e sendo legitimados novas formas de estrutura familiar e estilos de vida.

É importante ressaltar, em meio a essas teorizações, que o sujeito não é necessariamente uma vítima do meio em que vive; o sujeito é também agente e não precisa se assujeitar às coerções sociais. Se um lado supostamente negativo dos tempos de hoje é a efemeridade, um lado que pode ser considerado positivo é a possibilidade de reconstrução e mudanças. A escassez de referências claras do pós-panóptico também pode ser produtiva no sentido de que, não havendo formas rígidas e fixas nos aprisionando, somos mais livres para nos construirmos. Desse modo, as identidades nunca se completam em meio a essa multiplicidade, fluidez e transitoriedade. Vivemos em um “eterno presente” (FRIDMAN, 2000) e estamos sempre nos refazendo em nossas práticas sociais por meio de performances, tema discutido na seção 2.2.

Se, ao fazer pesquisa, olharmos apenas para os aspectos macro do discurso, estaremos sempre olhando para o mesmo, isto é, os sentidos mais estáveis e históricos (cf. seção 2.1 para diferenciação entre Discurso e discurso). Por outro lado, se considerarmos apenas o emergente e o fluido, deixamos de dar atenção às persistências e às historicidades que estão entrelaçadas a essas contingências (BLOMMAERT, 2009). É nessa tensão entre instabilidades e durabilidades que os sentidos e as práticas são performados e realizados. Esse atrito, aparentemente, cria um paradoxo, pois a lógica que nos orienta e tradicionalmente aceitamos é excludente, ou seja, estamos acostumados a crer que algo só pode ser categorizado de determinada forma se não for categorizado de nenhuma outra. Entretanto, o que a contemporaneidade parece nos oferecer é a possibilidade de ser e não ser simultaneamente, indicando uma convivência necessária entre os chamados sólidos e líquidos (BAUMAN, 2001).

Considerando a fluidez que caracteriza os dias de hoje, a pesquisa nas ciências sociais<sup>4</sup> deve ser repensada, de modo a atender às necessidades atuais e ser condizente com o contexto social em que se insere. É preciso, então, buscar um tipo de pesquisa que não vise às generalizações, mas seja capaz de lidar com o efêmero (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011). Assim, os aspectos micro da linguagem e do discurso tornam-se cada vez mais relevantes para a pesquisa. Se os textos viajam, com rapidez, por trajetórias imprevisíveis e nada nunca é o mesmo, parece pouco produtivo trabalhar com certezas e categorias fixas (BLOMMAERT, 2009; 2010). Parece mais adequado entender as certezas como provisórias e fazer uso de medidas também provisórias para estudá-las, tendo como foco o momento único e irrepetível que, justamente por isso, jamais pode ser capturado como sólido.

## **1.2 O caráter INdisciplinar da Linguística Aplicada e a adequação desta pesquisa na área**

A Linguística Aplicada (doravante LA), por muitos anos, manteve seu foco no ensino e aprendizagem de línguas (CELANI, 1992; MOITA LOPES, 2009a). Com o passar dos anos, uma série de fatores sociais propiciou uma revisão epistemológica do papel da LA. Na chamada virada linguística e cultural, a linguagem passa a ser entendida como prática social que deve ser estudada no contexto no qual está inserida (FABRÍCIO, 2006). A virada crítica trouxe à tona a percepção de que as práticas discursivas não são neutras e a virada icônica pôs em evidência a multiplicidade de sistemas semióticos presentes nas sociedades contemporâneas (FABRÍCIO, 2006).

---

<sup>4</sup> Como será abordado na seção 1.2, entendo a Linguística Aplicada contemporânea como voltada para questões da vida social, recorrendo a outras áreas e tornando-se ela própria uma ciência social.

Considerando as mudanças sociais já discutidas na seção anterior, as mudanças trazidas pelas viradas supracitadas e a compreensão de que toda prática social é contextualizada, é preciso pensar em novas formas de se fazer pesquisa, que sejam responsivas a esses tempos híbridos e mestiços (MOITA LOPES, 2006; 2009a). Entendo, então, a LA nesta pesquisa como uma área que tenta “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006, p. 14) e “considera a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem na constituição da vida social” (MOITA LOPES, 2006, p. 22). Sendo assim, a LA, segundo os autores que considero aqui, não tem pretensões de solucionar os problemas sociais, mas de compreendê-los em face do papel constitutivo da linguagem.

Para entender a vida social, já caracterizada como atravessada por diversos sentidos, é preciso recorrer a outras áreas, pois os sentidos não se restringem a apenas uma área de estudo. Diante do intuito de investigar determinado tema, deve-se recorrer às áreas que parecerem pertinentes para essa investigação, ou seja, focar o estudo do tema sem a limitação de uma área única para enquadrá-lo (MOITA LOPES, 2006). Essa abordagem chama à atenção uma mútua implicação entre teoria e prática, pois considera diversas teorias para o estudo das práticas e também permite que teorias sejam revistas a partir desses estudos, de maneira a contemplá-los (MOITA LOPES, 2006; 2009a).

Essa visão vai além de uma abordagem interdisciplinar, que pressupõe uma disciplina-mãe em diálogo com outras coadjuvantes. É nesse contexto que Moita Lopes (2006) introduz a LA INdisciplinar, uma LA que se caracteriza como mestiça e problematizadora e, por isso, transgride as fronteiras entre as disciplinas para responder às questões da vida social. A LA como área de indisciplina se localiza nas fronteiras entre as disciplinas, sendo necessariamente híbrida. Tendo tudo isso em vista, recorro nesta pesquisa a teorias vindas da Antropologia, da Sociologia, da Sociolinguística e da

Psicanálise, visto que apenas as teorias situadas na Linguística Aplicada não seriam suficientes para o estudo do fenômeno investigado, que transborda os limites entre áreas de estudo.

A seguir, apresento um resumo da história da saga Crepúsculo e sua relação com os discursos de amor romântico, de modo a justificar minha escolha.

### **1.3 A saga Crepúsculo e sua relação com os discursos de amor romântico**

A escolha da série de livros Crepúsculo, de Stephenie Meyer, justifica-se por esta conter uma variedade de elementos relacionados aos discursos de amor romântico e pela mesma ter se tornado um recorde de vendas no mundo inteiro, além de ter originado cinco filmes de sucesso igualmente recorde de bilheteria<sup>5</sup>.

A saga Crepúsculo, dividida em quatro livros, conta a história de amor entre Isabella Swan, uma menina de dezessete anos, e Edward Cullen, um vampiro. A personagem de Bella, como gosta de ser chamada, é caracterizada por ter baixa autoestima, ser tímida e desastrada. No primeiro livro, Bella decide se mudar para a casa do pai em Forks, uma cidade pequena e constantemente nublada, após o casamento de sua mãe com um jogador de baseball. Lá, em seu primeiro dia de aula, Bella tem seu primeiro contato com a família Cullen. Os Cullen são descritos como tendo uma beleza desumana e são envolvidos por uma aura de mistério. Os colegas de escola explicam para Bella que os filhos da família Cullen (Alice, Jasper, Emmet, Rosalie e Edward) são

---

<sup>5</sup> A página virtual *Statistic Brain*, especializada em demonstrar estatísticas de vendas diversas, estima que a somatória de vendas da saga Crepúsculo, incluindo cinema, DVDs e livros, chega a **\$5,736,100,000** (ver <http://www.statisticbrain.com/total-twilight-franchise-sales-revenue/> – Acesso: 21/12/2013). Stephenie Meyer, a autora, foi classificada em 49º lugar pela revista *Time* como uma das “100 pessoas mais influentes de 2008” e, pela revista *Forbes*, 59º lugar como “celebridade mais poderosa” (ver <http://www.examiner.com/article/stephenie-meyer-one-of-forbes-most-powerful-women> – Acesso: 11/02/2014).

adotados pelo médico Carlisle Cullen e sua esposa, Esmé, e que Alice e Jasper e Emmet e Rosalie são casais. Edward é o único solteiro e é desejado por todas as meninas da escola, mas nunca se relacionou com uma. Bella se sente atraída por Edward e por toda a beleza e mistério da família Cullen de imediato, o que é condizente com a noção de “amor à primeira vista” dos discursos de amor romântico. Porém, seu primeiro contato com Edward, é frustrado: a menina é designada como par do laboratório de Ciências de Edward, mas ele é grosseiro com ela e deixa a sala de aula. Mais adiante, Bella descobre que o mistério da família Cullen é o fato de todos serem vampiros.

Diferente dos vampiros tradicionais das histórias sobrenaturais, os Cullen, por escolha própria e orientação de Carlisle, alimentam-se apenas de sangue animal e exercem constantemente o autocontrole para não se alimentarem de sangue humano. Edward, além de vampiro, tem a habilidade de ler pensamentos. Bella chama a atenção de Edward por ser a única pessoa de quem Edward não consegue ler os pensamentos. Além disso, Edward considera o sangue de Bella o odor mais atrativo que já sentiu em toda a sua existência e, por isso, aconselha a menina a não se aproximar dele, pois ele representa um perigo, já que poderia perder o controle e matá-la. Bella, entretanto, decide confiar no amor dos dois e arriscar sua própria vida para estar com Edward. Isso mostra que, já de início, o amor dos dois representa sacrifício de ambas as partes: Edward tem tanta dificuldade em se controlar para não matá-la que leva muito tempo até conseguir beijá-la por poucos segundos, enquanto Bella confia sua vida a ele por confiança no amor dos dois. Ao mesmo tempo, há também a mensagem de que o amor que Edward sente por Bella é tão forte que é capaz de suprimir os instintos mais básicos de sua natureza como vampiro.

A família Cullen, enquanto isso, aprova entusiasmadamente o namoro dos dois, pois sabem que Edward, em mais de cem anos de existência, nunca havia encontrado o



amor. Rosalie é a única Cullen que não aprova o relacionamento; a princípio, por temer que Edward se descontrole e mate Bella, o que chamaria atenção para a família Cullen e colocaria seu segredo em risco. Mais adiante na trama, Rosalie também inveja o fato de que Bella, por ser humana, pode ter filhos. Percebe-se que há, entre esses personagens, uma aceitação plena da ideia de amor como algo único e de grande importância. Com exceção de Rosalie, a família de Edward não se preocupa com o perigo de exposição, pois reconhece a significância do amor que ele sente por ela. Mesmo Rosalie, que não aceita a ideia tão bem, pode ser entendida como alguém que valoriza esses laços, pois seu medo está calcado na proteção de sua família. A inveja que ela sente de Bella por ela poder ter filhos só reafirma a importância que Rosalie dá a esses aspectos da vida.

Bella e Edward desenvolvem um relacionamento extremamente dependente, em que ambos declaram que não seriam capazes de viver um sem o outro. Bella está sempre em posição de vítima, precisando ser salva de diversos perigos, enquanto Edward assume uma posição exageradamente protecionista e controladora – ambos de acordo com os tradicionais estereótipos de gênero e com a ideia do herói romântico com sua donzela indefesa.

O segundo livro, Lua Nova, marca a separação do casal. Por um descuido, Bella se corta com papel e o cheiro de sangue descontrola Jasper, o membro mais recente da família Cullen, e ele a ataca. Edward, convencido de que sua presença na vida da menina só pode trazer perigos a ela, decide afastar-se. Para ele, isto é a maior prova de amor que ele poderia lhe dar, pois coloca o bem-estar de sua amada em primeiro lugar, em detrimento de sua própria felicidade, atitude própria do herói romântico devoto de sua amada. Como não consegue convencer Bella de que o afastamento dos dois é para seu próprio bem, Edward mente, dizendo que não a ama. A família Cullen vai embora da cidade sem deixar rastros. Também condizente com o amor romântico e o vazio

insuperável que uma separação provoca de acordo com esses discursos, Bella passa meses em estado catatônico; não consegue suportar a vida sem o amor de Edward, a amizade de Alice e o mundo mágico que conheceu através dos Cullen. Em uma tentativa de recuperação, Bella se aproxima de Jacob Black, índio quileute, filho do melhor amigo de seu pai e apaixonado por ela. Nesse ponto, nenhum dos dois sabe que Jacob é um lobisomem.

Por causa de um mal-entendido, a família Cullen acredita que Bella cometeu suicídio. Ao saber da notícia, Edward decide morrer também, pois não consegue suportar a ideia de viver em um mundo sem ela. Como, para um vampiro, o suicídio não é uma opção, Edward vai até a Itália pedir aos Volturi, família mais antiga dos vampiros, para matá-lo. Ao ter seu pedido negado, Edward decide provocar os Volturi, expondo-se no sol do meio-dia, arriscando o segredo de toda a espécie<sup>6</sup>. Para impedir que Edward seja morto, Bella viaja para a Itália para mostrar a ele que está viva. Ela chega a tempo e os dois voltam para Forks com o restante dos Cullens. Já juntos novamente, Edward comenta que Bella acreditou com muita facilidade que ele não a amava mais. Bella, então, diz a ele que ela é uma humana sem graça, que ela é nada, e que não faz sentido que ele a ame. Ao mesmo tempo, Edward se considera um monstro e se impressiona que Bella não o veja assim. Desse modo, um não se considera merecedor do amor do outro, o que contribui para enfatizar a devoção que um sente pelo outro.

Eclipse, terceiro livro da saga, trata do triângulo amoroso entre Bella, Edward e Jacob e da perseguição de Bella pela vampira Victoria, que teve seu parceiro assassinado por Edward e deseja vingança. Nesse livro, há elementos que mostram a convivência entre diferentes tipos de amor: Edward pede Bella em casamento e ela não

---

<sup>6</sup> Diferente dos vampiros das histórias tradicionais, os vampiros da saga Crepúsculo brilham diante da luz do sol, não queimam.

gosta da ideia. Edward vem de uma época diferente de Bella e tenta explicar a ela que, para ele, casar-se é uma forma de dizer “eu te amo”. Bella ironiza o comentário e diz que, de onde ela vem, casar-se nessa idade significaria “estou grávida”. Essa interação dos dois evidencia como a percepção que se tem sobre a instituição do casamento vem mudando na contemporaneidade. Enquanto para Edward o casamento é o movimento lógico quando se ama, para Bella, isso não é necessário e seria mal visto, já que ninguém da idade dela esperaria que ela se casasse tão nova.

Nesse mesmo livro, pode-se observar também a convivência entre dois discursos diferentes sobre sexo. Bella e Edward nunca tiveram uma experiência sexual e Edward se recusa a iniciar uma vida sexual com Bella antes do casamento. Além de temer machucá-la com sua força de vampiro, Edward acredita que os dois só devam ter essa experiência depois de casados, o que é condizente com discursos religiosos da modernidade. Bella, por sua vez, tem uma visão mais contemporânea em relação à sexualidade e tenta convencê-lo a fazer sexo mesmo antes do casamento. Os dois demoram muito tempo até ter qualquer tipo de envolvimento físico, o que se assemelha à ideia de pureza do amor romântico em oposição ao amor apaixonado, como poderá ser visto na seção 2.3.

Outro discurso hegemônico presente na saga Crepúsculo é o da maternidade. No quarto livro da série, Amanhecer, Bella e Edward se casam e, contra todas as expectativas, ela engravida dele. Ambos são informados de que a gravidez é perigosa e que Bella dificilmente sobreviveria, mas ela se recusa a interrompê-la, alegando que ama sua criança e que deve protegê-la. É graças a essa relação com a maternidade que Bella e Rosalie enfim se aproximam, pois Rosalie se identifica com o protecionismo de Bella em relação ao feto e seu desejo por “uma família normal”. Edward é contra a manutenção da gravidez, pois considera o feto um monstro que irá matar sua esposa;

porém, ao conseguir ouvir os pensamentos do feto e saber que ele ama Bella e o sacrifício que ela está fazendo para mantê-lo vivo, Edward se emociona e desenvolve uma ligação paterna com ele.

No fim da série de quatro livros, Bella dá à luz uma criança metade humana, metade vampira e, em seguida, torna-se vampira e junta-se de vez à família Cullen. O desejo de ser vampira é manifestado por Bella já no fim do primeiro livro, pois ela afirma querer passar toda a eternidade ao lado de Edward, mas ele só atende ao pedido no início do quarto livro, quando Bella está prestes a morrer após o parto. Ao transformar-se em vampira, Bella precisa romper contato com todos os seus amigos – que, ao longo da saga, têm pouca relevância em sua vida – e seus pais, com quem, por fim, consegue encontrar uma maneira de manter contato. Diferente do que era em sua vida humana, Bella torna-se uma vampira muito poderosa, capaz de proteger toda a sua nova família em uma batalha contra vampiros mais poderosos, que pretendiam matá-los. Bella, enfim, tem seu final feliz ao lado de Edward, a filha que tem logo antes de tornar-se vampira e os demais Cullen. E, sendo mais poderosa, delicada e bonita, Bella adquire a autoestima que de início não tinha.

#### **1.4 Objetivo e questões de pesquisa**

Tendo em vista os pontos levantados nesta introdução, objetivo através deste estudo investigar os discursos sobre amor e gênero em relações amorosas que são construídos nas performances narrativas de uma mulher com o perfil já descrito. No decorrer da análise, espero responder às seguintes questões de pesquisa:

- 1) Como os discursos de amor são entextualizados nas performances narrativas da participante?
- 2) Como os gêneros são construídos nas performances narrativas da participante da pesquisa em relação aos discursos de amor romântico presentes no livro e outros discursos de amor entextualizados por ela?

Para responder às questões de pesquisa, recorri a teorizações sobre letramentos como práticas sociais, estudos de performance e discursos sobre amor, além do instrumental analítico específico que me pareceu mais produtivo após uma leitura dos dados. Apresento a seguir a divisão de capítulos que compõem esta dissertação.

### **1.5 Apresentação dos capítulos da dissertação**

Tendo introduzido neste capítulo meu interesse por este estudo, exposto minhas questões de pesquisa, a contextualização sócio-histórica do trabalho, a visão de LA na qual se insere e também o resumo da série de livros que motivou a investigação, divido o capítulo 2, referente aos pressupostos teóricos, em três seções. Focalizo, na seção 2.1, o conceito dos letramentos como práticas sociais. Na segunda seção, dividida em três subseções, disserto sobre a noção de linguagem como performance na primeira, apresento a noção de gênero e sexualidade – traços identitários pertinentes para o tema abordado na pesquisa – como performance na segunda subseção e, na terceira, trato do conceito de narrativas como performance. Finalizo o capítulo 2 com uma seção a respeito das teorizações sobre amor e relações amorosas que levo em conta no desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo 3, são explicitados e justificados o contexto e a metodologia de pesquisa utilizados. Esse capítulo é dividido entre tipo de pesquisa, participantes e contexto de pesquisa, construtos teórico-analíticos utilizados e etapas da pesquisa.

Apresento no capítulo 4 os dados selecionados para análise e a divido em duas seções, sendo a primeira voltada para os significados de amor construídos pela participante em suas performances narrativas e a segunda dedicada à análise dos gêneros em relações amorosas também nessas performances. Tendo em vista a recorrência de significados construídos, dividi a primeira seção em quatro subseções: performances narrativas que constroem o amor como aceitação/aprovação, performances narrativas que constroem o amor como uma inconveniência, performances narrativas que constroem o amor como algo mágico e duradouro e performances narrativas que constroem o amor como companheirismo e cuidado com o outro.

Discuto no capítulo 5 uma análise geral dos dados analisados de maneira mais descritiva no capítulo 4, relacionando-os com as teorias estudadas e à série de livros referida, tentando responder às questões de pesquisa. Assim, concluo a pesquisa com algumas considerações finais e propostas de reflexão no capítulo 6 e, em seguida, listo as referências bibliográficas utilizadas.

## **2. Pressupostos teóricos**

Neste capítulo, apresento os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, dividindo-os em três seções a seguir.

### **2.1 Letramentos como práticas sociais**

Neste capítulo, trato do conceito de letramentos como práticas sociais plurais (MAYBIN e MOSS, 1993; STREET, 1984) que são lugares de construção de sentidos e identidades. Tais construções se dão por meio das práticas de letramentos, observáveis em eventos de letramentos (BARTON e HAMILTON, 1998; BLOOME, 1983; HEATH, 1993), tópicos que também serão abordados aqui. Será através deste aporte teórico que poderei criar inteligibilidade sobre os eventos de letramentos realizados com a participante de meu estudo de caso.

Inicialmente, enfatizo que a linguagem é compreendida nesta pesquisa como fenômeno sócio-interacional e situacional, sendo sempre significada e ressignificada em seu uso. Sendo assim, “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata” (BAKHTIN, 1981, p. 112). Isto ocorre, pois o enunciado sempre se dirige a um interlocutor e é, por isso, significado em função dele naquele contexto imediato específico e também em relação ao contexto sócio-histórico no qual aquela interação ocorre (BAKHTIN, 1981). Nossas escolhas no discurso são sempre tomadas considerando quem são os nossos interlocutores que, por sua vez, desempenham papel ativo na construção dos sentidos produzidos naquela

interação. Dentro dessa acepção, os letramentos são também compreendidos como práticas sociais.

Tradicionalmente, a prática da leitura é considerada um ato cognitivo e individual, ou seja, a capacidade de ler e interpretar um texto estaria na mente do indivíduo e o entendimento do texto dependeria apenas do reconhecimento e decodificação de letras, sílabas, palavras, estruturas gramaticais etc. nele presentes (BLOOME, 1983). Esta visão pressupõe também que o significado do texto está no próprio texto. Assim, ser bem-sucedido na interpretação do mesmo seria entender o que o autor quis dizer (BLOOME, 1983). Além disso, se a capacidade para leitura e interpretação de um texto está localizada na mente do indivíduo, pressupõe-se também que não importa o meio social e as performances identitárias (cf. seção 2.2.2) daquele indivíduo, já que ele teria as mesmas condições que qualquer outro de atingir o também pressuposto significado único do texto.

A compreensão descrita acima é condizente com a visão tradicional de alfabetização, que difere de letramento no que tange às práticas de leitura e escrita. Enquanto a alfabetização foca no ensino e aprendizagem da linguagem como forma, considerando-a suficiente para que indivíduos se engajem em práticas de leitura, o letramento foca na linguagem como discurso (SANTOS, 2002), priorizando os diferentes sentidos que podem ser construídos na leitura do texto e na interação com outros indivíduos sobre o texto, tópico que será melhor desenvolvido mais adiante neste mesmo capítulo.

Um dos problemas relacionados ao entendimento da leitura e compreensão de um texto como ato cognitivo individual é a hierarquização de diferentes leituras possíveis de um texto e, portanto, a hierarquização dos indivíduos que as fazem (BLOOME, 1983; STREET, 1984). Em um contexto de sala de aula, por exemplo, na



negociação de sentidos entre professor e turma, a relação de poder tradicional propicia que a interpretação de texto legitimada pelo grupo seja aquela do professor (BLOOME, 1983). A tendência, então, seguindo a visão tradicional, é que a voz dos alunos seja silenciada. Também nesse contexto, seriam considerados bons alunos aqueles que fizeram a mesma leitura que o professor (ou a mesma que está prevista no manual do professor) e seriam considerados alunos fracos aqueles que discordassem daquela leitura ou oferecessem outras leituras possíveis, então descartadas como “erradas”.

Street (1984) cunhou o termo “modelo autônomo” para se referir à visão tradicional descrita até aqui e o termo “modelo ideológico” para a que descrevo a seguir. O modelo ideológico entende o letramento como indissociável das práticas sociais nas quais ocorrem. Considera-se nessa visão não apenas os aspectos culturais envolvidos nas práticas de letramento, mas também as estruturas de poder presentes nas relações que se dão nessas práticas (STREET, 1984; 1995). O letramento, então, não é

“uma tecnologia ‘neutra’, com ‘potencialidades’ e ‘restrições’ dependendo simplesmente da forma como é usado. Ele é, na verdade, uma forma construída socialmente cuja ‘influência’ depende de como foi formado em primeiro lugar. Essa forma depende de formações políticas e ideológicas e são elas que são responsáveis por suas ‘consequências’ também” (STREET, 1984, p. 65).

Isso significa dizer que não só as práticas de letramento são localizadas e inteiramente orientadas pelo contexto sócio-histórico, cultural e situacional no qual se inserem, como também as formas de avaliação e análise dessas práticas são igualmente situadas. Sendo assim, aquilo que é considerado válido como letramento e os critérios utilizados para essa avaliação irão variar de grupo para grupo, pois “uma maneira de contextualizar sempre pertence a um grupo ou comunidade de pessoas com seus próprios interesses e práticas, baseados nas experiências que tiveram no mundo” (GEE,

2000, p. 64). São as experiências de um grupo como coletivo e dos indivíduos que formam esse grupo que irão determinar o que é reconhecido como significativo para aquele grupo, ou seja, o mesmo pode não ser significativo para outros grupos formados por outros indivíduos com outras experiências (GEE, 2000).

A compreensão de letramento como práticas sociais antecipa o social em relação ao individual, ou seja, o desenvolvimento sócio-cultural do indivíduo é anterior ao seu desenvolvimento cognitivo (MAYBIN e MOSS, 1993; BLOOME, 1983). A mediação entre o sócio-cultural e o nível cognitivo se dá pelo diálogo: é na conversa que se constrói conhecimento que é, então, internalizado para se tornar parte do nível cognitivo (MAYBIN e MOSS, 1993). Ler é uma atividade social colaborativa, e “construir sentidos por meio de diálogo é que dá base para compreensões individuais subsequentes” (MAYBIN e MOSS, 1993, p. 140). Desse modo, pode-se afirmar que são as experiências sociais do indivíduo que, repetidas, fazem com que sentidos sejam internalizados e passem a configurar as habilidades cognitivas desse indivíduo (BARTON e HAMILTON, 1998; GEE, 2000; MAYBIN e MOSS, 1993).

Sendo considerada uma prática social, a leitura é compreendida como

“uma atividade pela qual as pessoas se orientam em relação às outras, comunicam ideias e emoções, controlam outras, controlam a si próprias, adquirem status ou posição social, adquirem acesso a privilégios e premiações sociais, e se engajam em variados tipos de interação social” (BLOOME, 1983, p. 165)

Isso significa também que as práticas de letramento são capazes de produzir efeitos sociais, que são totalmente dependentes do contexto e dos participantes envolvidos na interação, construindo sentidos e identidades em suas ações discursivas. Em cada interação, indivíduos compartilham Discursos, grafado com <d> maiúsculo, e discursos, grafado com <d> minúsculo (GEE, 1999). Os Discursos dizem respeito àqueles usos

que orientam formas de pensar na sociedade, como o Discurso religioso ou o Discurso médico, por exemplo. Já os discursos (grafado com <d> minúsculo) referem-se aos recursos semióticos em uso, isto é, aos aspectos micro da linguagem. Nossas práticas e nosso uso cotidiano do discurso são sempre de alguma maneira orientados por Discursos, seja de modo a ratificá-los, problematizá-los ou modificá-los. É em relação a esses significados que indivíduos históricos, situados, locais e translocais geram, negociam e comunicam outros significados também históricos, situados, locais e translocais.

Os letramentos, então, são práticas sociais situadas capazes de produzir efeitos por meio de textos. É a interação entre os participantes e a interação deles com o texto que irá determinar os significados (BARTON e HAMILTON, 1998; BLOOME, 1983), isto é, os letramentos dizem respeito à construção de inteligibilidade a partir de textos. A leitura, então, costuma ser feita para atingir objetivos sociais (BARTON e HAMILTON, 1998), não se resumindo à decodificação da língua – embora ela seja necessária – nem à intenção de extrair do texto as ideias do autor (BLOOME, 1983). O letramento também não se resume à leitura de textos escritos e à linguagem verbal. Segundo Barton e Hamilton (1998, p. 8), “letramento é melhor entendido como um conjunto de práticas sociais”.

Há diferentes tipos de letramento e as práticas de letramento podem envolver vários desses tipos. Seguindo o exemplo da receita em Barton e Hamilton (1998), sugiro o jogo de tabuleiro para se pensar os diferentes tipos de letramento e a maneira como essas práticas são sociais. Para aprender a jogar um jogo de tabuleiro, o indivíduo pode ler as regras que vêm junto a ele, pode pedir para que outra pessoa o ensine, explicando a ele as regras já lidas, e pode preferir aprender jogando, durante a prática. A leitura das regras do jogo requer que o indivíduo seja capaz de reconhecer instruções (linguagem

verbal), números (ordem das instruções, uso de dados), formas (em relação às peças do jogo), cores (se há diferença de cores nas peças ou jogadores), entre outros sistemas semióticos. Aprender as regras do jogo é por si só uma prática de letramento, com o objetivo social de jogar o jogo.

O momento do jogo em si é também uma prática de letramento. Suponhamos que o jogo seja composto por três participantes e somente um deles tenha lido as regras. Esse participante irá explicar aos demais como se joga, configurando uma nova prática de letramento na qual os sentidos são construídos na interação. Suponhamos agora que o terceiro participante tenha chegado mais tarde e perdido a explicação do colega e, para não atrapalhar a partida, ele entra no jogo sem conhecer as regras muito bem e decide aprendê-las na prática. O jogo é, então, também uma prática de letramento e, mesmo os participantes que leram ou ouviram as regras estariam também construindo os sentidos do jogo e aprendendo a jogá-lo no próprio ato de jogar (ver também BARTON e HAMILTON, 1998).

Embora o exemplo dado e as teorizações até aqui tenham preconizado a interação entre indivíduos como lugar de construção de sentidos, é importante ressaltar que o letramento é uma prática social também em leituras realizadas por apenas um indivíduo. Nas palavras de Bloome (1993, p. 102):

“Mesmo quando a leitura é feita por e para um indivíduo, ela ainda é um evento social. Aquilo que um indivíduo escolhe ler, onde, e como, pode refletir identidades sociais, culturais e generificadas bem como metáforas culturais sobre leitura.”

Sendo assim, no exemplo do jogo, ainda que se tratasse de um jogo individual, a leitura daquelas regras e o ato de jogar seriam práticas de letramento.

Seguindo esse exemplo, o momento do jogo entre os três jogadores seria um evento de letramento (BARTON e HAMILTON, 1998; BLOOME, 1983; HEATH,

1993). Nele, jogadores construiriam sentidos sobre as regras do jogo e também suas identidades sociais por meio dessas interações. Tratando-se de um jogo em que há apenas um ganhador, a conferência desse status a um dos jogadores seria mais uma maneira de estabelecer relações sociais entre ele e os demais jogadores. Ao fim da partida, os jogadores não aprenderam apenas uma nova brincadeira, mas aprenderam também sentidos sociais de ganhar, perder e competir de uma maneira geral. Nesse caso, pode-se observar como o objetivo principal da leitura das regras não é extrair do texto as ideias supostamente contidas nele na visão tradicional, mas “estabelecer relações sociais, posicionamentos sociais e sentido de pertencimento ao grupo” (BLOOME, 1983, p. 16).

As práticas de letramento não são observáveis por elas mesmas em atividades e tarefas; elas se tornam observáveis nos chamados eventos de letramento. Esses eventos são “ocasiões nas quais a linguagem escrita<sup>7</sup> é integral para a natureza das interações entre os participantes e seus processos e estratégias de interpretação” (HEATH, 1993, p. 74) ou, na definição de Barton e Hamilton (1998, p. 7), são

“atividades nas quais o letramento tem um papel. Normalmente, há um ou mais textos escritos que são centrais para a atividade e pode haver conversa sobre os textos. Os eventos são episódios observáveis que emergem de práticas e são formados por elas”.

Assim como o exemplo do jogo, são eventos de letramento qualquer conversa sobre textos (MAYBIN e MOSS, 1993) e é nesses eventos que os sentidos do texto são construídos. Essa acepção chama à atenção o caráter colaborativo da construção de sentidos em eventos de letramento.

---

<sup>7</sup> Aqui, mantenho as palavras dos autores citados, mas ressalto que os letramentos não se restringem à língua escrita, o que será desenvolvido mais adiante nesta mesma seção.

Entende-se como “conversa sobre textos” as interações que se dão no momento da leitura, podendo incluir citações e passagens do texto, e aquelas que se dão fora desse momento, fazendo referência a textos lidos anteriormente ou ao que pessoas falam sobre esses textos, podendo compartilhar opiniões sobre ele (MAYBIN e MOSS, 1993, p. 139). Se os sentidos de um texto são múltiplos, não estão contidos no texto e são construídos na interação entre leitores, entendemos também que as leituras nunca estão finalizadas, isto é, elas são “continuamente feitas e refeitas em conversas sobre o texto” (MAYBIN e MOSS, 1993, p. 144). Sendo assim, textos podem ser lidos de diversas formas e as formas como eles podem ser lidos serão determinadas pelas circunstâncias sociais nas quais os textos forem lidos e discutidos (MAYBIN e MOSS, 1993).

Street (1984, p. 25) aponta como funções da linguagem comunicar sentidos e regular e manter relações sociais e interpessoais. Segundo o autor, essas funções são mais evidentes na linguagem escrita, pois ela pode ser transportada no espaço e no tempo e não necessariamente recebe retorno imediato. Ela também se espalha mais por grupos culturais, podendo ser usada por indivíduos que não necessariamente compartilham as mesmas referências. Essas características da linguagem escrita ressaltam ainda mais o caráter provisório das leituras e suas significações (MAYBIN e MOSS, 1993), enfatizando sua capacidade de ser ressignificada de acordo com as especificidades sócio-históricas, culturais e situacionais do contexto de leitura (STREET, 1984).

A noção de provisoriedade da leitura (MAYBIN e MOSS, 1993) pode ser relacionada ao conceito de indeterminação discutido por Bloome (1993), que afirma que “nenhuma descrição, interpretação ou explicação é ou pode ser inteiramente determinada ela mesma” (BLOOME, 1993, p. 105). Isto é, se os sentidos do texto são construídos, a indeterminação é característica básica dos significados. Essa visão abre

espaço para negociações de sentido mais democráticas, oferecendo “uma base para a construção de sentidos colaborativa e para a ação coletiva” (BLOOME, 1993, p. 104). O autor também afirma que “[s]em construção de sentidos colaborativa a ação coletiva, não há evento, mesmo se o que é construído é conflito e mal-entendido” (BLOOME, 1993, p. 104), ou seja, mesmo os eventos nos quais participantes não chegam a um acordo comum quanto aos sentidos do texto, há um evento de letramento, pois há negociação e construção de sentidos.

Outro aspecto importante dentro da compreensão de que os eventos de letramento são situados é que “como eventos de letramento variam e como aquilo que as pessoas trazem para os eventos de letramento varia, o que as pessoas aprendem na participação em eventos de letramento e como esses eventos irão moldar suas vidas irá variar” (BLOOME, 1983, p. 175). Desse modo, “duas pessoas letradas podem ter adquirido conjuntos diferentes de habilidades cognitivas em suas participações em conjuntos diferentes de eventos de letramento” (BLOOME, 1983, p. 167). Em outras palavras, os indivíduos que participam de um evento de letramento trazem conhecimentos e habilidades específicos oriundos de suas vivências até aquele momento. Em cada prática e evento de letramento, esses indivíduos, por meio da interação com o texto e com os demais participantes, adquirem novos conhecimentos e habilidades, que irão ajudá-los a contextualizar novas práticas nas quais venham a se engajar (BLOOME, 1983, GEE, 2000).

Embora tenha me detido à concepção de letramentos como atrelada à língua escrita até aqui, estudos mais recentes apontam que os letramentos abrangem também outras linguagens, sendo chamados de multi-letramentos (COPE e KALANTZIS, 2000). Em tempos de tecnologia digital avançada e de sociedades hiper-semiotizadas (cf. seção 1.1), em que o uso das tecnologias se torna mais e mais comum no cotidiano

dos indivíduos, as práticas de letramento envolvem muito mais do que textos escritos, contando também com elementos audiovisuais.<sup>8</sup> Como já comentado na introdução desta dissertação, a proximidade das tecnologias e a velocidade promovida graças a elas têm efeitos também nas subjetividades dos indivíduos, que são múltiplas, híbridas e variadas (cf. seções 1.1 quanto ao contexto contemporâneo e 2.2.2 quanto à questão das performances identitárias). Sendo assim, a noção de multi-letramentos parece mais produtiva para lidar com essa realidade caracterizada por tamanha pluralidade. Por isso, no caso da educação e da pedagogia, Cope e Kalantzis (2000, p. 18) propõem que se desenvolva “uma epistemologia do pluralismo, que permita acesso [à educação e diversos meios e práticas sociais], sem que as pessoas tenham que apagar ou deixar para trás suas diferentes subjetividades”.

Levando em conta as considerações feitas até aqui, podemos afirmar, então, que a análise de eventos de letramento, para fins de pesquisa, requer descrição detalhada do contexto sócio-histórico cultural e do contexto situacional no qual os eventos foram realizados, pois eles serão necessariamente determinantes nas construções de sentidos e identidades nesses eventos. Nesta pesquisa, a realização de eventos de letramento pareceu uma maneira bastante produtiva para se criar inteligibilidade sobre os sentidos e identidades construídos nas performances narrativas (cf. seção 2.2.3) da participante.

Na subseção a seguir, apresento a forma como esses eventos foram realizados e no que consistiram.

---

<sup>8</sup> Os eventos de letramento realizados para a geração de dados desta pesquisa envolveram práticas de multi-letramentos, visto que a participante de pesquisa é leitora dos livros e também espectadora dos filmes respectivos.



### 2.1.1 Eventos de letramento

A realização dos eventos de letramento (BARTON e HAMILTON, 1998; BLOOME, 1983; HEATH, 1993) realizados com a participante justifica-se teoricamente pela noção de que o letramento, assim como toda atividade humana, é essencialmente social, localizado na interação entre indivíduos (BARTON e HAMILTON, 1998; BLOOME, 1983) e que as práticas de letramento podem ser observadas nesses eventos, conforme já discutido.

Para a realização desses eventos, pesquisadora e participante leram e assistiram aos trechos dos livros e filmes escolhidos previamente e puderam discutir a respeito dos mesmos, bem como responder às perguntas elaboradas para esse momento, quando necessárias, e outras que surgiram durante o evento. Considerando que pesquisadora e participante já haviam lido os livros e assistido aos filmes, os eventos de letramento parecem uma escolha adequada para analisar os efeitos semântico-discursivos dessas leituras.

Nos eventos de letramento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a participante. As entrevistas semiestruturadas são um meio-termo entre estruturadas – aquelas que seguem uma agenda pré-determinada – e as não-estruturadas – aquelas que permitem maior flexibilidade para questões imprevistas que possam ocorrer ao longo do encontro (DÖRNYEI, 2007). De acordo com os objetivos da pesquisa, me pareceu mais produtiva a realização de entrevistas semiestruturadas, pois este modelo oferece maior liberdade à participante – podendo, assim, gerar dados interessantes à pesquisa –, sem necessariamente escapar dos temas que devem ser preferencialmente abordados.

A decisão pela realização de entrevistas é atribuída a dois motivos: 1) acredito ser mais fácil, para os fins pretendidos, entrar em contato com a participante da pesquisa

pessoalmente e 2) pressuponho que entrevistas realizadas pessoalmente propiciem uma interação que contribua para que a participante se sinta mais à vontade, favorecendo, assim, o surgimento de narrativas mais relevantes à pesquisa.

As entrevistas aqui são entendidas como evento discursivo-interacional situado nos quais estão imbricados tanto participantes quanto pesquisador como construtores de significados no momento da entrevista (GUBRIUM e HOLSTEIN, 2003). Blommaert (2005) problematiza o conceito de contexto como pré-dado. Tradicionalmente, entende-se o contexto como algo pronto a ser habitado pelos sujeitos. O autor, ao contrário, entende o contexto como construído pelos participantes através de processos interpretativos no momento da interação. Desse modo, a contextualização é um processo nunca finalizado e necessariamente dialógico. Sendo assim, todos os dados gerados ao longo da pesquisa foram analisados levando-se em conta os contextos situacionais nos quais surgiram e a relação entre participante e pesquisadora que propiciou esse surgimento.

Tendo concluído nesta seção as teorizações sobre letramentos como práticas sociais, sigo para os estudos de performance que também considero para o desenvolvimento desta pesquisa.

## 2.2 Estudos de performance

Nesta seção, disserto sobre a noção de linguagem como performance e gênero e sexualidade como performance – ambas provenientes das teorias de Austin ([1962] 1990) – e, em seguida, trato da compreensão das narrativas como performance.

### 2.2.1 Linguagem como performance

Para tratar do construto de performance, é necessário começar por John Austin ([1962] 1990), que em seu livro intitulado *How to do things with words* (em tradução literal, *Como fazer coisas com as palavras*), propõe sua teoria dos atos de fala e indica que dizer algo é fazer algo – e não necessariamente constatar algo, como entendido tradicionalmente. Esses proferimentos que denotam uma ação são chamados por Austin ([1962] 1990) de atos de fala performativos, que requerem, na teoria dos atos de fala, algumas condições textuais e contextuais para assim serem considerados. O autor classifica as circunstâncias para que haja um performativo feliz e um performativo infeliz (quando a ação não é realizada ou reconhecida). Ao fim do livro, a teoria sofre alterações (SCHIFFRIN, 1994) e Austin conclui que todo enunciado é um ato de fala que contém uma força locucionária, referente ao ato de proferir uma frase, uma força ilocucionária, que seria o ato executado através do proferimento locucionário, e uma força perlocucionária, a que nos interessa neste estudo, pois trata dos efeitos causados pelo ato da fala. No caso das categorias de gênero e sexualidade, se consideramos a linguagem como construtora de sentidos, é a força ilocucionária da linguagem que é responsável pelo constante processo de construção dos gêneros e das sexualidades, como discutirei na seção a seguir.

Austin ([1962] 1990) considera qualquer proferimento performativo nulo ou vazio se proferido, por exemplo, por um ator em um palco ou ao declamar um poema, pois a linguagem, nesses contextos, não é levada a sério e, por isso não produziria efeitos reais. Para o autor, as citações e as repetições são estiamentos da linguagem e devem ser desconsideradas ao tratar-se de performativos. Derrida (1992) irá, ao contrário, propor que são justamente esses usos da linguagem os mais importantes para a noção de linguagem como performance. Derrida (1992) chama de iterabilidade os estiamentos de Austin ([1962] 1990) e propõe que todo uso de linguagem é performativo e envolve repetição. A linguagem funciona por meio da repetição, pois é ela que cria formas e contextos reconhecíveis para os indivíduos. Se não houvesse repetição, todo uso de linguagem seria inaugural e, desse modo, incompreensível, isto é, não haveria performances bem-sucedidas. No entanto, cada repetição envolve uma recontextualização da performance, que é produtora de sentidos. A noção de que a linguagem como um todo é performativa acarreta a compreensão de que ela é capaz de produzir as condições que prescreve (PENNYCOOK, 2007, p. 66), isto é, ao agir no mundo, estamos performativamente criando sentidos sobre o mundo social.

Agha (2007, p. 3) chama à atenção a materialidade da linguagem e afirma que os seres humanos são “produtores de artefatos”, que têm “diferentes graus de durabilidade”. A noção de que os seres humanos, como usuários da linguagem, são produtores de artefatos e de que a linguagem em si pode se tornar um artefato, foca nos efeitos materiais do uso da linguagem, isto é, no caráter performativo da linguagem (PENNYCOOK, 2007). Sendo assim, eventos “que duram segundos podem ter efeitos que duram por anos” (AGHA, 2007, p. 3). Isto quer dizer que, por meio do uso da linguagem, produzimos sentidos que podem ser mais ou menos duráveis e que não temos controle sobre o que irá perdurar ou não.

A linguagem, então, de acordo com essa concepção, torna-se artefato por meio de seu uso repetido nas práticas discursivas. A maneira como os sentidos vão ganhando durabilidade é através da repetição, e é a repetição das performances de linguagem e identidade que produzem o nosso ser (PENNYCOOK, 2007).

Com base nessas teorias, Pennycook (2007) compreende a linguagem como performativa e afirma, citando Butler ([1990] 2003), que categorias como gênero, sexualidade e desejo não só são performados, como são produzidos na performance, ou seja, não pré-existem ao discurso. Para introduzir seu ponto, Pennycook (2007) mostra que, nos estudos linguísticos tradicionais, acredita-se em uma dicotomia entre *langue* e *parole* (segundo Saussure) e competência e performance (segundo Chomsky). Nessas visões, como já comentado anteriormente, a língua é pré-existente a seu uso, que é considerado, muitas vezes, uma espécie de desvio de uma norma (abstrata). Há muitos estudos da sociolinguística que consideram o uso da linguagem (a performance) como relevantes, mas, ainda assim, entendem a performance como produto da competência (PENNYCOOK, 2007). A proposta de Pennycook (2007) é, ao contrário, entender a competência como resultado da performance. Como já visto na seção 2.1, é no uso – na performance – que a linguagem e os sentidos são construídos e, então, são internalizados e passam a fazer parte da competência do indivíduo (MAYBIN e MOSS, 1993; BLOOME, 1983). Ao considerarmos a performance como primária, o foco passa a ser em textos em contexto.

Para Bourdieu ([1982] 1991, apud PENNYCOOK, 2007), o foco está em como as palavras ganham poder, que, para ele, seria externo à linguagem. Nessa linha de raciocínio, os performativos dependeriam de autorizações institucionais. Em crítica a essa perspectiva, Judith Butler (1997, apud PENNYCOOK, 2007) defende a lógica da iterabilidade, que governa a possibilidade de transformação social (DERRIDA, 1992).

A autora, então, se interessa pela possibilidade de agenciamento que emerge das margens do poder. Faz-se, aí, uma diferença entre performativo e performatividade (BUTLER, [1990] 2003; PENNYCOOK, 2007): entende-se por performativo aquilo que, através da repetição, é sedimentado no discurso ao longo do tempo, ganhando status de verdade; já a performatividade é a possibilidade de mudança e resistência que vive em constante fricção com o performativo.

A partir de Derrida (1992) e Butler ([1990] 2003), Pennycook (2010) problematiza a noção da repetição como réplica fiel e introduz a possibilidade da repetição como um ato criativo de diferença, relocalização e renovação. O conceito de relocalização (PENNYCOOK, 2010) chama à atenção a co-ocorrência de tempo e lugar – diferente do conceito de recontextualização, que engloba hibridismo e transformação, sem dar conta das ideias de espaço e movimento. A relocalização, então, seria uma forma mais dinâmica de se pensar sobre lugar. Desse modo, a repetição seria um aspecto crucial na construção do significado (TANNEN, 1989 apud PENNYCOOK, 2010:40), sendo sempre um pouco diferente, ou seja, a relocalização de algo. Pennycook, assim, afirma que “repetir é comportar-se de certa maneira, mas em relação a algo único ou singular que não tem igual ou equivalente” (PENNYCOOK, 2010, p. 43). Desse modo, repetição sempre é diferença, pois os fatores situacionais são irrepetíveis.

Se consideramos, então, a linguagem como performativa e as identidades como efeitos dessas performances e não como algo inato e preexistente a elas, podemos afirmar que o performativo e a performatividade são características básicas a serem levadas em conta no estudo das identidades. Na próxima seção, trato especificamente de como os gêneros e as sexualidades podem ser entendidos como performances. Outras performances identitárias podem ser estudadas desta perspectiva; nesta pesquisa,

mantenho o foco em gênero e sexualidade por serem as mais relevantes para o objetivo de minha investigação.

### 2.2.2. Gênero e sexualidade como performance

As noções de masculinidade e feminilidade, no senso comum, costumam ser baseadas em uma perspectiva essencialista e dicotômica, o que prevê dois polos diferentes entre si, mas abrangentes de uma essência identificadora para cada (LOURO, 2010). A partir dessa perspectiva, homens e mulheres seriam naturalmente diferentes e, seguindo a lógica da dicotomia, o primeiro polo (homem) seria o dominante e, o segundo (mulher), submisso (LOURO, 2010). Dessa forma, a identidade masculina hegemônica é frequentemente adjetivada como assertiva, racional, prática etc., e a feminina como insegura, emotiva, indecisa, entre outros exemplos de binarismos que evidenciam a relação dominante-dominado entre os gêneros de acordo com o senso comum (LOURO, 2010). Essa perspectiva é rebatida por discursos socioconstrucionistas, como aqueles que entendem as identidades, os gêneros e as sexualidades como categorias instáveis, construídas através de performances discursivas.

As teorias do discurso como performance, do performativo e da performatividade e da repetição como sempre diferente são bastante produtivas para explicar as noções anti-fundamentalistas quanto a gênero, sexualidade e identidade. Judith Butler ([1990] 2003, p. 59) entende que

“o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância de uma classe natural de ser.”

Isto quer dizer que, de acordo com essa teoria, não somos como somos por causa de uma essência interior ou causas naturais: somos como somos por causa do modo como falamos e, de tanto repetirmos discursos e comportamentos, estes vão se sedimentando



e, assim, ganham aparência de natural, sendo, na verdade, ficção. Assim, os gêneros não seriam origem ou causa, mas, na verdade, efeitos de uma série de práticas e discursos.

Butler ([1990] 2003) também problematiza a ordem compulsória entre sexo, gênero e desejo – o sexo como determinante do gênero e o pressuposto consequente desejo pelo sexo/gênero oposto –, e o binarismo de gêneros, presentes no senso comum. A princípio, muitos estudos sociais identificam o sexo como uma categoria biológica e o gênero como a interpretação cultural dessa marca. A autora contesta que tanto o sexo quanto o gênero – ou a ideia que temos de sexo e gênero – são construções socioculturais. Da mesma forma que o gênero, o sexo

“também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou um ‘sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual age a cultura*” (BUTLER, [1990] 2003, p. 25).

A autora indica que a noção de um “sexo natural” sobre o qual normativamente se subscreve um gênero é também uma construção sociocultural que não preexiste ao discurso. Isto significa que é também arbitrária a relação binária entre gênero e sexo: se, discursivamente, os sexos são considerados dois devido àquelas marcas biológicas específicas, não há nada anterior ao discurso que prescreva que os gêneros sejam também considerados dois ou que “a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos” (BUTLER, [1990] 2003, p. 24).

Ainda sobre a ordem compulsória entre sexo, gênero e desejo (e prática sexual), Butler ([1990] 2003) afirma haver uma “matriz de inteligibilidade”: os gêneros “inteligíveis” seriam aqueles que “instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, [1990] 2003, p. 38), isto é, comportam-se de acordo com a norma determinante, que entende o gênero

como consequência do sexo e sua manifestação através de práticas sexuais com o gênero oposto. A autora traz à luz, então, a existência de uma heterossexualidade – reprodutiva – compulsória e recorre a Foucault para explicar que essa “gramática substantiva do sexo impõe uma relação binária artificial entre os sexos” (BUTLER, [1990] 2003, p. 41). Desse modo, “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (BUTLER, [1990] 2003, p. 41), criando excluidências e marginalizações daqueles desviantes de uma norma sedimentada que rege a “matriz de inteligibilidade” operante no discurso dominante.

Como apontado pela autora, essa matriz cria um problema, pois limita os próprios indivíduos que pretende descrever e libertar, configurando condições legitimadas de existência que são confortáveis apenas para alguns. Uma crítica que se faz à Judith Butler e sua teoria da performatividade, isto é, a possibilidade de nos reconstruirmos através de performances, é a de que a performance, então, seria voluntarista e que poderíamos nos refazer como bem entendêssemos. Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que a performatividade está sempre em conflito com o performativo, ou seja, ainda que seja possível resistir ao dominante e promover mudanças, vivemos sob o efeito de práticas reguladas de um mundo social que, como já visto, cria exclusões. A possibilidade de agência está, porém, sempre imbricada em práticas sociais pré-existentes ao indivíduo – mas não ao discurso – e, por isso, são aprisionadoras somente até certo ponto (BUTLER, 2004).

Com base nas teorias de Judith Butler (2002; [1990] 2003; 2004) quanto ao gênero e a sexualidade e seu caráter performativo, foram desenvolvidas as Teorias Queer. Trata-se de um posicionamento teórico que parte de um estranhamento do que é considerado normal e da deslegitimação de conhecimentos heteronormativos e suas

instituições. Definir o que seriam as Teorias Queer é uma tarefa complicada e, de certa forma, sem sentido, pois essas teorias baseiam-se justamente na falta de definição: queer é um termo que foi apropriado para designar aquilo que não deve ser definido, partindo-se da perspectiva de que nomear algo é necessariamente limitar – ou encarcerar – seus sentidos (SULLIVAN, 2003). Queer, então, é “um posicionamento (não uma identidade inata) que potencialmente pode ser adotado por qualquer indivíduo que se sinta marginalizado por causa de suas preferências sexuais” (SULLIVAN, 2003, p. 49).

As Teorias Queer podem ser entendidas como uma prática de desconstrução que visa a deslegitimar a crença em “essências absolutas e oposições” (SULLIVAN, 2003, p. 50). A desconstrução dessas crenças possibilita que seja reconhecido o caráter ficcional do que é entendido como natural e não-natural em nossa cultura, o que, por sua vez, permite que pensemos em formas alternativas de se pensar e viver (SULLIVAN, 2003). Sendo assim, “queerizar” as chamadas identidades e as relações seria uma desconstrução dos modelos vigentes dessas categorias e do que é considerado normal e prototípico<sup>9</sup>. É a partir dessa desconstrução que pode tornar-se perceptível a teatralidade do gênero (BUTLER, 2002), que pode, então, ser ressignificado. Desse modo, pode-se afirmar que as Teorias Queer seriam uma possibilidade de combate às falsas formas de universalismo (BUTLER, 2004) que prescrevem maneiras de ser, legitimando algumas formas de vida em detrimento de outras, visto que elas não procuram enquadrar-se ou incorporar-se ao discurso dominante, nem buscam novas formas de uniformização.

Considerando as identidades como construídas através de performances, havendo aquelas mais amplamente aceitas no discurso dominante vigente, pode-se afirmar que o homem branco heterossexual é uma identidade social naturalizada no senso comum (MOITA LOPES, 2006c). A masculinidade costuma ser vista como

---

<sup>9</sup> Retorno à proposta de “queerizar” as relações nas considerações finais desta dissertação.

neutra, ao contrário da feminilidade, marcada e caracterizada explicitamente (BOURDIEU, 1999, apud MOITA LOPES, 2006c) e estabelecida de maneira relacional em uma lógica binária (LOURO, 2010). Liepe-Levinson (2003), visando “estranhar” a heterossexualidade dominante, faz uma análise das práticas de *striptease* em clubes. A autora observa algumas diferenças entre clubes voltados para o público masculino e aqueles voltados para o público feminino. Nos clubes para mulheres observados pela autora, os dançarinos raramente ficavam totalmente nus, enquanto, nos clubes para homens, as dançarinas quase sempre retiravam toda a roupa. Além disso, a maioria dos dançarinos homens observados tiravam suas roupas seguindo uma performance planejada sobre a qual as mulheres do público não tinham poder de controle. Em clubes para homens, as dançarinas despem-se a partir de um “incentivo” por parte dos homens do público, que lhes dão dinheiro em troca de nudez.

Essa prática sugere a manutenção do controle por parte do homem – de acordo com o estereótipo de masculinidade em relações heterossexuais – mesmo nas situações em que se esperaria maior controle por parte das mulheres – aquelas em que elas são as pagantes. Liepe-Levinson (2003) observa que, tradicionalmente, no senso comum, homens são ensinados a desejar, enquanto as mulheres são ensinadas a serem desejadas e conquistadas. Essa observação a respeito das práticas em clubes de *striptease* mostra como os estereótipos dos papéis sociais dos gêneros tendem a se manter nas simulações, sejam elas voltadas para o público masculino ou para o público feminino, isto é, mesmo quando são as mulheres que vão a clubes em busca de estímulo sexual masculino, os papéis estereotípicos não são subvertidos.

Culturalmente, no senso comum, espera-se que um homem seja explicitamente heterossexual, esteja sempre pronto para atividades sexuais e nunca negue a possibilidade de sexo (KULLICK, 2006). Kullick (2006) aponta que, ao passo que

mulheres são encorajadas a dizer “não” ao desejo masculino como parte de um procedimento de jogo de sedução e conquista, homens, ao contrário, são estimulados a nunca dizer “não”, sob pena de serem ridicularizados e identificados como homossexuais – o que, nesse contexto, seria considerado ofensivo. Do mesmo modo, mulheres que “cedem” sem muito esforço por parte do homem, são consideradas “fáceis” e não-merecedoras de respeito.

Tanto os discursos acerca da pro-atividade sexual masculina quanto aqueles acerca da passividade feminina são heranças de outras épocas e até hoje têm efeitos sobre as relações afetivas e sexuais. Esses efeitos envolvem o controle da sexualidade feminina e a exacerbação da masculina e também exaltam práticas relacionadas ao chamado cavalheirismo. São também discursos como esses que criam as normatividades das relações amorosas, que, de acordo com o discurso dominante, devem ser monogâmicas e vividas entre um homem e uma mulher, marginalizando outros tipos de relações. Esses temas serão melhor abordados na seção 2.3, quando faço uma breve historicização dos discursos sobre amor e relações amorosas e suas repercussões nos dias de hoje. No entanto, cabe retomar aqui os ganhos que se pode ter ao entender o gênero e a sexualidade como performances. Embora o discurso dominante seja aquele supracitado, há espaço para performatividade, isto é, compreender que as relações hoje entendidas como normais são construções sociais abre caminho para novas formas de se pensar e se relacionar.

Finalizo aqui as teorizações estudadas sobre gênero e sexualidade como performances e passo a seguir para a compreensão de narrativas como performance.

### 2.2.3 Performances narrativas

Entendendo o discurso como performance e as categorias de gênero e sexualidade como desempenhadas através dessas performances discursivas, a análise de performances narrativas pode ser uma posição teórico-metodológica produtiva para como se dá essa construção de identidades performativas, pois, ao narrarmos uma história, nos posicionamos e posicionamos o outro, construindo assim, identidades por meio do discurso. A chamada “virada narrativa” (MOITA LOPES, mimeo; THORNBORROW e COATES, 2005) diz respeito ao momento em que as ciências sociais começam a compreender as narrativas como práticas cruciais para a construção da vida social.

A percepção das narrativas como constitutivas de identidades e sentidos é pautada em uma abordagem socioconstrucionista do discurso e põe em evidência o papel central que a prática de contar histórias desempenha na maneira como nos relacionamos e nos engajamos na interação social, construindo tais relações, quem somos e também o mundo social (MOITA LOPES, mimeo; THORNBORROW e COATES, 2005). Isso acontece, pois histórias são “dramatizações de práticas culturais que estão abertas para avaliação” (COUPLAND, GARRET e WILLIAMS, 2005, p. 71), isto é, ao contarmos histórias, mobilizamos discursos e reproduzimos sentidos e é nessas mobilizações que construímos os sentidos, podendo ratificá-los ou modificá-los.

Há diversas teorias sobre o que constitui uma narrativa. Segundo a definição aristotélica, uma história deve ter início meio e fim e há também a assumpção de que deve haver uma sequência narrativa de orações cuja ordem está de acordo com a ordem do evento narrado e, se a ordem das orações muda, a história muda também (THORNBORROW e COATES, 2005). Os componentes da narrativa também variam,

mas são, tradicionalmente, apresentação, tema, intriga, clímax, resolução e coda (THREADGOLD, 2005), embora nem todos os componentes sejam necessários para que uma instância discursiva seja considerada uma narrativa, bastando apenas intriga e resolução (THORNBORROW e COATES, 2005). Para Chafe (1980, apud THORNBORROW e COATES, 2005), narrativas não são formadas por orações, mas por séries de unidades de ideias, que são identificáveis por meio de pistas linguísticas e extralinguísticas oferecidas pelo narrador no ato de narrar.

Outra característica importante de histórias é seu potencial narrativo, ou seja, a reportabilidade dessas histórias (LABOV, 1972 e BRUNNER, 1990/1997, apud MOITA LOPES, mimeo). A reportabilidade será determinada pelo quanto as questões narradas são relevantes de acordo com os valores e experiências da cultura de seus narradores (THORNBORROW e COATES, 2005) e também pela receptividade da plateia, dado que as narrativas estão sempre, como já comentado, “abertas para avaliação” (COUPLAND, GARRET e WILLIAMS, 2005, p. 71). Será função do narrador fazer escolhas que ressaltem os pontos que ele ou ela considere relevantes, podendo, no caso de uma narrativa em primeira pessoa, tornar seu próprio personagem heroico ou prototípico dos valores de sua cultura (COUPLAND, GARRET e WILLIAMS, 2005).

As escolhas feitas pelo narrador não irão depender da história contada em si, mas para quem ela está sendo contada e em que contexto discursivo-interacional, isto é, histórias – e qualquer performance – precisam de plateia, e a plateia irá influenciar diretamente a maneira como a história é contada e a própria escolha da história a ser contada (BAUMAN e BRIGGS, 1990; COUPLAND, GARRET e WILLIAMS, 2005; LANGELLIER, 2001). Há duas pressuposições nessa afirmação: o fato de que narrar é um ato reflexivo e que performances narrativas são localizadas.

Se é papel do narrador fazer escolhas linguísticas, extralinguísticas e estilísticas, o ato de narrar é necessariamente um processo reflexivo, pois o narrador tem controle sobre a maneira como escolhe contar sua história de acordo com os efeitos semânticos que tem intenção de provocar (MOITA LOPES, mimeo). Da mesma maneira, “cada performance é única e, portanto, cada narrativa é múltipla, fragmentada e não está finalizada” (LANGELLIER, 2001, p. 176). Assim, as narrativas são inteiramente dependentes do contexto discursivo-interacional em que emergem, uma história jamais será contada da mesma forma. Isto chama à atenção o momento da performance narrativa em si, sendo ele primário em relação ao evento narrado, o que será melhor desenvolvido mais adiante.

Ainda sobre a plateia de narrativas, ela nem sempre se limita aos ouvintes presentes no momento da interação. Em um contexto de pesquisa como este, por exemplo, os participantes sabem que estão sendo gravados e que aquelas performances serão analisadas, transcritas e lidas por outras pessoas. Sendo assim, essas performances teriam também uma “plateia fantasma” (LANGELLIER, 2001, p. 151) que é levada em consideração pelo narrador. Entendendo as performances narrativas, então, como situacionais e irrepetíveis, a análise de narrativas na pesquisa deve considerar seus dados contextuais de emergência, como a relação entre pesquisador e participante, lugar e momento da entrevista e também o fato de que o participante tem conhecimento de que o que está sendo falado se dirige a uma plateia que vai além do pesquisador-entrevistador, que tem papel ativo na construção de sentidos nas performances narrativas de seu entrevistado.

Histórias surgem em um contexto conversacional, podendo ser espontâneas ou elicitadas. As histórias elicitadas são comuns em entrevistas realizadas para fins de pesquisa e, por isso, a tendência é que não haja disputa pelo turno de fala, pois o



narrador é convidado a tomar seu tempo para contar uma história (THORNBORROW e COATES, 2005). No caso de histórias espontâneas na fala cotidiana, a negociação de turno é necessária e isso irá influenciar a maneira como o narrador escolhe iniciar sua história, pois precisa chamar e manter a atenção dos ouvintes. Nota-se também que, mesmo em entrevistas para fins de pesquisa, é possível que narrativas apareçam sem que haja a necessidade de serem elicitadas.

Como afirmado anteriormente, o evento narrado é primário em relação ao evento da narração. O evento narrado diz respeito à história narrada, envolvendo “os personagens, as ações, os efeitos de tais ações em outros personagens etc” (MOITA LOPES, mimeo, p. 7), enquanto o evento da narração refere-se ao momento em que a narração ocorre, ou seja, depende dos fatores contextuais já comentados. O evento narrado, por se tratar de um acontecimento passado, costuma ser entendido como logicamente anterior à narrativa, mas é a narrativa do evento que dá coerência ao evento em si (BAUMAN, 1986). A narrativa é o instrumento que torna o evento narrado compreensível, projetando sobre ele os sentidos escolhidos pelo narrador no momento da narração e, assim, o construindo. É dessa forma que as narrativas podem ser entendidas como performances.

#### As performances narrativas

“são localmente influenciadas por contingências sócio-históricas que constroem os sentidos com os quais narradores e ouvintes operam e que constroem identidades sociais particulares, embora esses sentidos possam também ser contestados” (MOITA LOPES, 2006c, p. 294).

Isto quer dizer que, embora as performances narrativas sejam situadas e, por isso, estejam constangidas aos discursos disponíveis no mundo social, os sentidos reproduzidos nas narrativas podem também ser ressignificados. Sendo assim, as performances narrativas mobilizam sentidos macrosociais (isto é, os Discursos, cf.

seção 2.1), seja de maneira a reforçá-los ou problematizá-los. É na problematização desses sentidos que novos sentidos e identidades podem ser construídos. Partindo-se de um posicionamento teórico que entende o sujeito como construído socialmente, entendemos também que o sujeito pode ser construído de maneira diferente. A importância do estudo das narrativas está no fato de que elas são um instrumento dessa (re)construção.

O caráter performativo das narrativas diz respeito à sua capacidade de provocar efeitos de sentidos e construir identidades, pois ao contar uma história, por meio de diversas escolhas e recursos discursivos, o narrador se auto-posiciona, posiciona os demais personagens de sua narrativa e se posiciona também em relação ao tópico abordado (MOITA LOPES, 2009b). É através das histórias que ouvimos e lemos que aprendemos como devemos nos comportar em determinadas situações e o que esperam de nós como indivíduos sociais. Da mesma forma, é também através das histórias que contamos que somos capazes de assumir posicionamentos – conscientes ou não – no mundo social, perpetuando atos constantes de construção, desconstrução e reconstrução desse mundo social.

Considerando que nesta pesquisa investigo os discursos sobre amor em performances narrativas, é fundamental que sejam levados em conta também estudos teóricos sobre amor e relações amorosas. Tais estudos constituem o foco da próxima seção.

## 2.4 Teorizações sobre amor e relações amorosas

Nesta seção, através de uma breve contextualização sócio-histórica dos discursos quanto ao conceito de amor, apresento como os discursos de amor e as relações amorosas podem ser compreendidos nos dias atuais.

Acredita-se, no senso comum do chamado mundo ocidental, que o amor como o conhecemos hoje é um sentimento espontâneo, universal e natural às relações humanas. As emoções costumam ser consideradas “naturais”, psicobiológicas e inerentes à condição humana, sendo também compreendidas como singulares e individuais, ainda que em concordância com práticas sociais culturais (FREIRE COSTA, 1998; REZENDE e COELHO, 2010). Da mesma maneira que muitos acreditam que as identidades e os gêneros, como visto, são dotados de uma essência prescritiva, que define e categoriza, a maneira como experienciamos as emoções e as expressamos em nossas interações com outros indivíduos é também permeada por crenças. De acordo com essa perspectiva, então, há modelos únicos e prontos para a forma como sentimos e vivemos.

No caso do amor especificamente, uma perspectiva essencialista compreende que o modelo mais aceito socialmente de relacionar-se afetivamente, isto é, um casal formado por um homem e uma mulher com o intuito de formar uma família nuclear, seria o único possível. Este posicionamento descarta outras possibilidades, como os relacionamentos poliamorosos, e marginaliza também as relações amorosas diferentes do considerado padrão, como as relações homoafetivas<sup>10</sup>. A antropologia das emoções (REZENDE e COELHO, 2010) nos mostra que, da mesma maneira que o que

---

<sup>10</sup> É necessário modificar esse posicionamento, pois é ele quem cria os discursos de ódio e violência ao chamado diferente. Pensar as relações e seus modelos hegemônicos como algo construído nos permite também pensar em formas diferentes de vivê-las, deixando de criar excludências em relação àqueles que fogem a modelos criados ao longo da história.

acreditamos ser é uma construção social, aquilo que sentimos e a forma que acreditamos que devemos expressar e viver esses sentimentos são também construídos. Podemos afirmar, assim, que as emoções e as maneiras de vivê-las que são entendidas como as únicas possíveis em algumas culturas podem ser vividas de maneiras completamente diferentes em outras. Isto significa que “há sentimentos que são produzidos socialmente – nas relações sociais – e que têm efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo” (REZENDE e COELHO, 2010, p. 13).

A noção de coletividade é importante aqui, pois, costuma-se crer que as emoções são experiências individuais, enquanto, na verdade, até mesmo nas práticas cotidianas locais e nos atos mais particulares de um indivíduo, estamos necessariamente fazendo uso de uma gramática social mais ampla (COELHO, 2006; REZENDE e COELHO, 2010), dramatizando e performando aspectos mais “macro” da vida social, podendo ratificá-los, problematizá-los ou modificá-los. Neste sentido, as relações amorosas, que nos parecem tão particulares à nossa própria experiência como indivíduos, estão sempre imbricadas nos significados disponíveis de amor e relações amorosas em nossa cultura. Sendo assim, da mesma forma que os aspectos sociais mais “macro” influenciam nossas práticas cotidianas, estas práticas “micro” também influenciam a coletividade dessas experiências (ver a distinção entre Discurso e discurso na seção 2.1).

O caráter psicobiológico e natural comumente atribuído às emoções é, então, questionado pelas ciências sociais, que entendem nossa maneira de experienciá-las como um aprendizado emocional que, por começar desde o momento em que nascemos, acaba sendo internalizado, e não o percebemos como uma forma socialmente controlada de viver os sentimentos (REZENDE e COELHO, 2010). Desde crianças, aprendemos, através de interações, da mídia, da leitura de livros, entre outros processos de socialização, como uma relação amorosa é ou deve ser. Aprendemos, através desses

diversos meios, a adotar o modelo monogâmico, aprendemos quando devemos sentir ciúmes e até mesmo a demonstrar o que sentimos por meio de gestos considerados românticos, como presentear a pessoa amada com flores ou bombons. O amor e a forma como aprendemos a vivê-lo é, então, “uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida” (FREIRE COSTA, 1998, p. 12).

Além do discurso de que o amor seria universal e natural, Freire Costa (1998) aponta outras duas afirmações que permeiam o discurso dominante sobre o amor na sociedade contemporânea ocidental. A primeira delas trata da ideia de que o amor seria um sentimento incontrolável, espontâneo e irracional. No senso comum, acredita-se que o amor é motivado por impulsos irrefreáveis e incapaz de ser contido pela razão. O autor rebate esse discurso afirmando que “amamos com sentimentos mas também com razões e julgamentos” (FREIRE COSTA, 1998, p. 17), isto é, não nos deixamos ser cegamente acometidos pela sensação de amar, pois nosso amor é condicionado a julgamentos racionais e culturalmente regulados que fazemos de quem amamos. Já a segunda afirmação concerne à relação condicional entre amor e felicidade. Essa relação, bastante comum no discurso dominante, prega o amor e o ato de amar como um ideal necessário para a felicidade plena, ideia herdada do amor romântico que se estabilizou como norma no século XIX (FREIRE COSTA, 1998).

São naturalizados também na sociedade contemporânea ocidental outros valores associados ao mito do amor romântico. Muitas pessoas acreditam que um amor verdadeiro deve ser eterno e incondicional, capaz de superar quaisquer obstáculos e dificuldades (Lins, 2012). Sob a perspectiva desses discursos, aqueles que amam de verdade precisam desse amor para viver; suas vidas ganham sentido graças a esse amor

e um sujeito é capaz de complementar o outro, deixando um vazio insuperável diante de qualquer separação.

Antes de o amor romântico ter muitos de seus valores naturalizados nas sociedades ocidentais, outros tipos de amor permearam as relações amorosas entre homens e mulheres: o amor cortês e o *amour passion* – ou amor apaixonado (GIDDENS, 1993). O amor cortês se tratava do também chamado “amor de cavalaria” e se caracterizava por uma relação entre um homem e uma mulher em que o homem era um cavaleiro celibatário que se tornava uma espécie de vassalo da mulher amada, uma dama casada (GIDDENS, 1993). É este o tipo de amor que se vê presente no clássico *Tristão e Isolda* (GIDDENS, 1993; FREIRE COSTA, 1996). Outro tipo de amor anterior ao romântico é o amor apaixonado. Este se caracteriza, devido a seu caráter urgente, por sua incompatibilidade com as rotinas da vida cotidiana, pois “tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor” e “arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios” (GIDDENS, 1993, p. 48). Este amor era, de certa maneira, perigoso, pois detinha o poder de perturbar a ordem e os deveres sociais.

Ao contrário do amor apaixonado, libertador em relação à rotina e ao dever, os ideais do amor romântico “inserir-se diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e a auto-realização” (GIDDENS, 1993, p. 50). A tragédia *Romeu e Julieta*, narrativa popular posteriormente escrita por Shakespeare, pode ser considerada um “mito de origem” do amor moderno (BENZEQUEN DE ARAÚJO e VIVEIROS DE CASTRO, 1977, apud REZENDE e COELHO, 2010), pois ocorre na passagem de uma ordem holista – voltada para a organização social – para uma ordem individualista. Enquanto em uma ordem holista, *Romeu e Julieta* não priorizariam esse amor em detrimento do compromisso social com suas famílias, em uma ordem individualista,

ambos seriam livres para amar quem quisessem e o conflito que marca a tragédia não teria razão de existir.

Condizente com os ideais românticos, Romeu e Julieta se apaixonam em um baile de máscaras – não podem ver o rosto um do outro, tampouco se conhecem antes disso. O amor romântico se caracteriza por uma espécie de idealização do ser amado. Como o mesmo implica em uma atração instantânea, o chamado “amor à primeira vista” aconteceria de modo que um primeiro olhar faria o sujeito saber de forma intuitiva das qualidades do outro (GIDDENS, 1993). Esse amor, então, se sobrepõe ao ardor sexual urgente do amor apaixonado e assume uma apreciação diferenciada das virtudes de ambos os sujeitos, fazendo com que a pessoa amada adquira um status de “especial” (GIDDENS, 1993).

O surgimento desse novo tipo de amor teve consequências sobre a organização familiar. Os casamentos, que antes eram, em sua maioria, arranjados por motivações econômicas e que não incluíam necessariamente atração ou amor entre o casal, passam, no fim do século XVIII, a se tornar uma relação de companheirismo mútuo entre marido e mulher para a criação de uma família nuclear (GIDDENS, 1993; LINS, 2012). No que diz respeito aos gêneros, “as ideias do amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior” (GIDDENS, 1993, p. 54). A identidade feminina é, dessa forma, tomada também por uma identidade materna, o que reforçou o modelo binário dos gêneros tanto nas atividades quanto nos sentimentos. A chamada “invenção da maternidade” atribuiu às mulheres características relacionadas à afetuosidade e ao cuidado, consolidando o estereótipo feminino vigente nos dias de hoje na sociedade ocidental e, conseqüentemente, em oposição, privando o estereótipo masculino dessas características (GIDDENS, 1993; LINS, 2012).

Por se tratar de um amor idealizado, o amor romântico também se diferenciava do *amour passion* no que tange à expressão da sexualidade. Enquanto o *amour passion* era marcado pelo fervor sexual, o amor romântico pressupunha uma atração intuitiva, separada de compulsões eróticas (GIDDENS, 1993). É nesse contexto que surge a mitificação da sexualidade feminina. Nas normas hegemônicas do discurso ocidental contemporâneo, é comum ouvir que há mulheres respeitáveis, que são “para casar” e outras que servem apenas para o divertimento sexual masculino. Essas ideias são oriundas dessa diferenciação que se faz da passagem do *amour passion* para o amor romântico, pois este se associava ao “conforto do ambiente doméstico” e aquele à “sexualidade da amante ou da prostituta” (GIDDENS, 1993, p. 54). Essa diferenciação também se dava porque o amor romântico implicava em um “encontro de almas que tem um caráter reparador” (GIDDENS, 1993, p. 56) e na supressão de um vazio no indivíduo que ele sequer reconhecia existir.

As consequências do discurso do amor romântico propagado do século XVIII em diante resistem nos dias de hoje, ainda que haja maior flexibilidade em relação a esses padrões. Naquela época, a separação em um casamento era muito rara e, como já colocado, os casamentos passaram a ser contraídos por motivações afetivas creditadas como eternas e potencialmente desprovidas da prática sexual (GIDDENS, 1993). Os casais, então, passavam a vida inteira juntos, mas não necessariamente felizes naquela relação. Na contemporaneidade ocidental, ainda que o divórcio seja cada vez mais comum, a prática do casamento por amor e as promessas de amor eterno entre um casal são ainda dominantes, esperadas e desejadas, o que, da mesma forma, pode resultar em frustração (LINS, 2012). Deve-se ressaltar aqui que, naquela época, se o casamento deveria durar para sempre, o discurso de um amor que durava para sempre era agradável e interessante de se propagar. Nos dias de hoje, com maior aceitação de outras



possibilidades de união afetiva, esse discurso de amor eterno não é mais necessário para a manutenção da ordem social. No entanto, o amor romântico continua sendo propagado pela mídia e pela literatura e, “insistindo em ser o mesmo num mundo que se tornou outro, o ideal amoroso fez explodir contradições latentes em sua história cultural” (FREIRE COSTA, 1998, p. 18), resultando em uma convivência entre liberdade e prisão amorosas para os indivíduos (FREIRE COSTA, 1998).

Na atualidade, esses discursos de amor romântico convivem com outros discursos de amor. Graças à crescente libertação sexual feminina e aos discursos de busca pela individualidade, outros modelos de relacionamento são cada vez mais possíveis (LINS, 2012). O amor confluyente, como chamado por Giddens (1993), seria aquele que é mais ativo e tem maior capacidade de lidar com o contingente, sendo mais pautado no real e afastando-se, assim, da ideia de busca por uma “pessoa especial” que complemente a outra. Quanto aos gêneros, ao contrário do amor romântico, o amor confluyente pressupõe uma igualdade na doação e no recebimento emocionais e é desenvolvido através da intimidade entre o casal. Esse tipo de amor também se diferencia do amor romântico por incluir o prazer sexual como parte integrante – e importante – da relação, sendo até mesmo requisito para a felicidade da mesma.

Diferentemente da idealização do amor romântico, o amor confluyente é pautado no conhecimento das peculiaridades do outro, sendo esse conhecimento entre o casal fundamental para o sucesso da relação, que seria, então, o chamado “relacionamento puro” (GIDDENS, 1993). Sendo um amor que idealiza o ser amado, o amor romântico “não resiste ao cotidiano [pois a] intimidade impede a permanência das idealizações” (LINS, 2012, p. 300). O amor confluyente, por outro lado, se alimenta justamente da intimidade entre os indivíduos daquela relação e é o conhecimento do outro que permite que esse amor exista e mantenha o relacionamento. A necessidade do conhecimento do

outro e a aceitação e o respeito pela individualidade de cada um faz também com que aqueles que vivem um amor confluyente não sejam necessariamente parceiros sexuais exclusivos. Desse modo,

“[o] que mantém o relacionamento puro é a aceitação, por parte de cada um dos parceiros, “até segunda ordem”, de que cada um obtenha da relação benefício suficiente que justifique a continuidade. A exclusividade sexual tem um papel no relacionamento até o ponto em que os parceiros a considerem desejável ou essencial” (GIDDENS, 1993, p. 74).

O amor confluyente, então, é um tipo de amor muito mais democrático e de acordo com a realidade do que o amor romântico, que presumia uma duração eterna que parece não caber mais nos discursos individualistas das sociedades contemporâneas (GIDDENS, 1993; LINS, 2012). Como se trata de um amor que se constrói na vivência real dos envolvidos, perde-se a ideia da busca por uma pessoa especial que vá completar a outra e o foco passa a ser na relação em si e no quanto ela é proveitosa para ambos (GIDDENS, 1993).

Bauman (2004) apresenta uma visão um tanto mais pessimista em relação a Giddens sobre as mudanças nas relações amorosas na sociedade contemporânea ocidental. Enquanto Giddens (1993) aponta para a democratização dos gêneros e para o que ele chama de “sexualidade plástica”, isto é, a possibilidade de se relacionar sexualmente sem o objetivo de reprodução e sem a necessidade de envolvimento afetivo ou relacionamento prologando, Bauman (2004) chama a atenção para a fluidez das relações interpessoais. Para o autor, a aparente facilidade de troca de parceiros acaba por resultar no que ele chama de relações “líquidas”, frágeis, em que sempre se pode “apertar a tecla de deletar” (BAUMAN, 2004, p. 13). Essa facilidade de se adquirir “conexões” e rompimentos das relações amorosas, segundo Bauman, faz com que as mesmas percam certa dose de significado na sociedade ocidental atual.

As “relações de bolso” (BAUMAN, 2004, p. 36) seriam aquelas que, como o nome sugere, podem ser tratadas como aquilo que se guarda no bolso: está a mão para ser utilizada quando parece conveniente e, quando não, pode ser novamente guardada para outra ocasião. Sobre o “relacionamento puro” de Giddens (1993), Bauman afirma que tende a ser uma relação na qual cada um entra pensando no que pode ganhar dela, não tendo maiores problemas em abandoná-la no caso de insatisfações – bem diferente do discurso romântico de amor eterno e “até que a morte nos separe” (BAUMAN, 2004, p. 111). O compromisso de um relacionamento amoroso seria, então, sempre condicionado à satisfação. Como a satisfação constante não é possível, os relacionamentos correm o risco de logo se tornarem desinteressantes e é a fragilidade da crença em um amor eterno e duradouro que faz com que eles cheguem ao fim.

Bauman (2004; 2007) aponta também que, em uma sociedade voltada para o consumo, as relações amorosas passam a se assemelhar com as relações entre consumidores e produtos. Da mesma forma que os produtos de outrora eram fabricados para durar o máximo de tempo e os discursos de amor pregavam que este era eterno, o discurso dominante na atualidade é que produtos são descartáveis e, em pouco tempo, podem ser substituídos por algo melhor. Essa expectativa por “algo melhor” faz também parte das relações amorosas e a preocupação com a possibilidade de, ao estar em um compromisso com uma pessoa, estar-se perdendo a oportunidade de conhecer “alguém melhor”. Desse modo, o indivíduo nunca está satisfeito, pois está sempre em busca de algo ou alguém que lhe traga mais lucro, mais prazer, caracterizando também uma cultura voltada para o hedonismo (REZENDE e COELHO, 2010).

Se o amor e as relações amorosas são compreendidas como um negócio, entende-se também que há um investimento de ambas as partes, o que pressupõe, necessariamente, um risco, pois sabe-se que a qualquer momento aquele relacionamento

pode chegar a um fim. Há, nessa mudança de paradigma, possibilidades que podem ser interpretadas como positivas ou negativas. Se, por um lado, acreditar que o amor acaba e sempre podemos conseguir algo ou alguém melhor pode nos fazer dar menos valor às relações e descartá-las com maior facilidade; por outro, é também libertador saber que, se um relacionamento não está mais funcionando para os envolvidos, é aceitável escolher dar um fim a ele e procurar outras pessoas. De qualquer forma, em um cenário contemporâneo em que discursos tão contraditórios sobre o amor, sexualidade e outros temas são propagados, a escolha por assumir um compromisso afetivo com alguém exige um voto de confiança de que, ainda que não se acredite que o amor dure para sempre, aquele irá durar. E, assim, a prática do casamento por amor, as juras que são feitas nessa ocasião e a formação de uma família nuclear permanecem como o maior objetivo de uma relação amorosa.

Este capítulo tratou de resumir a história dos discursos de amor e modelos de relações amorosas desde a “invenção” do amor romântico, bem como caracterizá-lo e apontar seus resquícios nos dias atuais. Como debatido na seção 1.1, vivemos em uma época contraditória, na qual diferentes discursos convivem em constante fricção. No caso do tema deste capítulo, pôde ser observado como, nas sociedades contemporâneas, os discursos de amor romântico circulam junto aos discursos de amor confluyente, amor de bolso, entre outros, tendo todos eles efeitos nas relações amorosas dos indivíduos e, conseqüentemente, na organização social.

Finalizando aqui a discussão acerca dos pressupostos teóricos considerados para esta pesquisa, passo, a seguir, para os aspectos metodológicos da mesma.

### **3. Metodologia**

Neste capítulo, procuro esclarecer o paradigma de pesquisa que considere adequado adotar para o desenvolvimento desta investigação, bem como seu contexto de realização, seleção de participante e demais dados contextuais, construtos teórico-analíticos utilizados e etapas envolvidas.

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

A pesquisa que realizo aqui é de cunho qualitativo interpretativista. A pesquisa qualitativa faz parte de um paradigma oposto ao paradigma positivista (ALVES-MAZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998), aquele que se baseia em um empirismo lógico, criando generalizações e homogeneizações. Uma pesquisa qualitativa não busca um descobrimento ou verificação de fatos, nem pretende postular verdades. Ao contrário, este tipo de pesquisa busca um tipo de entendimento não-prescritivo sobre o fenômeno investigado, entendendo o pesquisador como sujeito imbricado nele e, portanto, inevitavelmente parcial na prática da pesquisa e análise de dados (ALVES-MAZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998; DÖRNYEI, 2007; JACOB, 1998).

Considerando que o presente estudo se situa em uma área linguística/social (cf. seção 1.2) que tem como premissa o sócio-construcionismo discursivo – isto é, uma relação dialógica de construção de significados entre discurso e sociedade – e pretende investigar performances identitárias, o modo qualitativo de pesquisa parece mais adequado. Ainda nesses termos, a análise de dados foi realizada por meio de interpretação (WOLCOTT, 1994), método mais condizente com o “paradigma

qualitativo” e apropriado para a realização de um movimento micro-analítico que dialogue com os aspectos macro-sociais em questão.

## **3.2 Etapas da pesquisa**

Nesta seção, descrevo as etapas que segui para a realização desta pesquisa, considerando as questões que a motivaram, e a forma como os dados foram gerados e analisados.

### **3.2.1 Geração de dados**

A geração de dados foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas em eventos de letramento (cf. seção 2.1) com a participante. Em um primeiro momento, foram selecionados pequenos trechos dos livros da série e cenas dos filmes para serem discutidos com ela. Os trechos escolhidos tratam de momentos em que a ideia do amor romântico e do cavalheirismo está em evidência, mas também momentos em que o personagem Edward se mostra, a meu ver, protetor em excesso, como, por exemplo, quando quebra o carro de Bella para que ela não vá visitar seu amigo lobisomem Jacob, algo que Edward julga ser perigoso.

A escolha por esses trechos específicos foi baseada na expectativa de que eles proporcionariam condições favoráveis para a geração dos dados que interessassem à pesquisa. Tendo em vista que o foco da pesquisa é analisar as noções de amor presentes nas performances narrativas da participante, esperava-se que, ao comentar os trechos do

livro e opinar sobre os personagens e suas atitudes, ela demonstrasse o que pensa sobre relações amorosas e relacionasse os ideais do livro com suas próprias histórias de vida.

Algumas perguntas foram elaboradas para as entrevistas; porém, pouquíssimas chegaram a ser usadas, pois a participante se mostrou muito comunicativa e, com isso, pude gerar os dados que interessavam ao estudo sem precisar recorrer às perguntas planejadas. Por não terem sido tão produtivas na realização dos eventos de letramento, preferi incluir as perguntas planejadas nesta dissertação como anexo (ver Anexo 2).

### **3.2.2 Seleção, organização e análise de dados**

Após realizado(s) o(s) evento(s) de letramento (cf. subseção 2.1.1), as gravações foram ouvidas para que fosse realizada uma primeira análise bruta dos dados. Essa análise teve como objetivo selecionar os trechos que potencialmente seriam utilizados para as análises finais. Os trechos selecionados foram transcritos e, depois disso, uma nova seleção foi feita, observando quais pareciam ser mais produtivos para análise.

Os trechos selecionados foram divididos por “tema”, isto é, de acordo com as entextualizações de discursos de amor que apresentavam. Posteriormente, foram organizados dessa mesma maneira nas seções do capítulo de análise a seguir. Isto significa que os excertos apresentados no próximo capítulo, em sua maioria, não são sequenciais. Por esse motivo, optei por não numerar de maneira sequencial as linhas dos excertos, começando sempre do número um a cada novo excerto.

Muitos dos excertos analisados incluem entextualizações de discursos de amor que poderiam ser enquadrados em outra seção. Após a análise de cada trecho, pude ver que esses que apresentam diferentes entextualizações de discursos são mais

representativos de um ou outro e me baseei nesse critério para decidir que seção eles integrariam.

As convenções de transcrição que utilizei para os trechos selecionados no capítulo a seguir podem ser encontradas no Anexo 1.



### 3.3 Participantes da pesquisa

Em princípio, a seleção das participantes de pesquisa priorizou mulheres adultas de classe média, independentes financeiramente, que, por observação em minhas práticas sociais, parecem fazer apropriação dos discursos de amor romântico a partir da leitura da série *Crepúsculo* – considerando que outras leituras são possíveis e que há também mulheres dessa faixa etária que fazem uma leitura mais crítica da história.

A preferência por entrevistar mulheres de faixa-etária diferente da do público alvo dos livros deu-se devido ao fato surpreendente de que uma série de livros destinada a meninas adolescentes foi também lida e apreciada em grande número por mulheres mais velhas, mulheres que vivem as conquistas do feminismo e, aparentemente, em nada se assemelham à frágil protagonista do livro.

Para selecionar as participantes, recorri a mulheres que já conhecia do meu círculo de convivência e que demonstravam se encaixar no perfil desejado. O objetivo era realizar eventos de letramento (cf. seção 2.1) com um grupo focal, porém, ao início das entrevistas individuais, as contribuições da primeira participante pareceram bastante produtivas e, assim, optei por fazer um estudo de caso. Segundo Yin (2001, p. 32), o estudo de caso pode ser entendido como

“uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”

Sendo assim, o estudo de caso me pareceu também uma maneira apropriada de conduzir a pesquisa por esta tratar de como um fenômeno contemporâneo (a convivência entre diferentes discursos sobre amor e outros conceitos), pertencente a uma gramática social mais ampla, é performado nas práticas discursivas cotidianas de um indivíduo,

mostrando de que modo estão imbricados os aspectos macro e micro-sociais do discurso.

### 3.3.1 Participante Marília

A participante Marília é uma mulher de 52 anos (inicialmente, 51) que se identifica sexualmente como heterossexual, é separada há dois anos e meio – depois de cerca de vinte anos casada – e mãe de dois filhos, um de 22 e uma de 13 anos. Formada em História, Direito e Pedagogia e, tendo cursado também Psicologia, Marília trabalha como funcionária pública na área de Direito e sempre foi responsável pelo sustento financeiro de sua família, contando com ajuda do marido apenas antes da separação. Por motivos éticos de pesquisa, me refiro a ela neste estudo por um nome fictício.

A participante leu os livros da saga Crepúsculo na época em que eles começaram a ser lançados no Brasil, chegando a ler na internet traduções amadoras antes de as versões oficiais chegarem a ser lançadas por uma editora nacional. Marília lia e mantém até hoje o costume de ler *fan fictions* (histórias escritas por fãs, com os personagens originais da saga) sobre Crepúsculo, incluindo “Cinquenta tons de cinza”, trilogia *best-seller* inicialmente lançada como um *fan fic* de Crepúsculo na internet.

Marília é uma mulher que já conhecia antes da pesquisa e com quem me relaciono de maneira próxima há muito anos. Há, portanto, certo grau de intimidade entre nós duas. Esta proximidade entre pesquisadora e participante é um dado relevante para esta pesquisa, pois, como já comentado em outros capítulos e seções, entendo que as performances narrativas e as entrevistas são práticas discursivo-interacionais situadas e inteiramente dependentes de seu contexto de emergência e, portanto, dos interlocutores. Por esse motivo, deve ser considerado que os dados gerados e analisados

aqui seriam outros se, por exemplo, a entrevista fosse realizada por outra pessoa, e que nossa intimidade pode ter contribuído para que a participante ficasse mais à vontade para citar exemplos pessoais ou ter considerado desnecessário entrar em detalhes dos quais eu já tinha conhecimento.

### **3.3.2 Pesquisadora como participante**

Como já mencionado em outras seções e capítulos desta dissertação, entendo as práticas discursivas como situadas e os significados como construídos na interação, pressupondo, então, que os interlocutores são construtores ativos desses significados. Sendo assim, eu, como pesquisadora, sou também participante da pesquisa, pois participei dos eventos de letramento (cf. seções 2.1 e 3.4.2) com Marília. Além disso, eu também li a saga Crepúsculo e assisti aos filmes baseados nela, e foi justamente o fato de que minhas opiniões pareciam diferir daquelas da maioria das fãs da saga que me instigou a desenvolver uma pesquisa. Por esses motivos, torna-se relevante oferecer informações contextuais a meu respeito como participante e também de minha relação com Marília.

Tenho 26 anos, sou de classe média, solteira e me identifico como heterossexual. Meu interesse pelo tema do amor surgiu no segundo período da graduação em Letras, em 2007, quando li Tristão e Isolda. Esse interesse foi ampliado quando li, por lazer, o livro Amor Líquido, de Zygmunt Bauman (2004), referenciado na seção 2.3. Foi só no fim de 2009 que tive contato com a saga Crepúsculo. Espantada com o encantamento de várias mulheres próximas a mim pelo herói do livro enquanto eu o considerava extremamente controlador, obsessivo e nem um pouco interessante, pensei em desenvolver uma pesquisa acadêmica acerca do tema.

Como Marília era uma dessas mulheres nas quais eu observava esse encantamento pelo vampiro Edward, nossas discussões sobre os livros e filmes vieram muito antes de ela se tornar uma participante da minha pesquisa e até mesmo antes de eu pensar em desenvolver esse tema em uma pesquisa de mestrado. Portanto, é também um dado contextual importante o fato de que Marília já conhecia muitas das minhas opiniões sobre a história e eu já conhecia muitas das dela. Foi exatamente o meu conhecimento sobre algumas dessas opiniões que me motivou a convidá-la para participar da pesquisa.

### **3.4 Contexto de pesquisa**

Dois eventos de letramento foram realizados com Marília. O primeiro ocorreu em setembro de 2013, na casa da participante. No momento da gravação, os filhos de Marília estavam em casa, cada um em seu quarto, o que fez com que Marília preferisse falar mais baixo em alguns momentos, embora não parecesse desconfortável com a proximidade deles no restante do tempo. O segundo evento de letramento foi realizado na minha casa em março de 2014, em um ambiente fechado, sem outras pessoas por perto. Talvez pela maior privacidade, esse evento tenha se mostrado mais produtivo para a geração de dados.

A participante foi informada que o tema da minha pesquisa era “amor” e já sabia, por interações pessoais em outros momentos, que também estudo gênero e sexualidade. Somente depois de realizados os eventos, expliquei a ela quais eram meus interesses mais específicos nesta pesquisa. No momento dos eventos, portanto, a

participante não sabia que eu faria análise de narrativas e eu não as elicitei diretamente. Sendo assim, todas as narrativas que surgiram foram espontâneas.

### **3.5 Construtos teórico-analíticos utilizados**

Após uma primeira leitura dos dados gerados nos eventos de letramento, observei que os construtos teórico-analíticos mais produtivos para análise dos trechos selecionados seriam entextualização (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011; BLOMMAERT, 2010) e pistas indexicais (WORTHAM, 2001). Nesta seção, discuto esses construtos.

Para explicar a trajetória imprevisível dos textos e seus efeitos no contexto global atual, parece produtivo trabalhar com o construto de entextualização (BLOMMAERT e RAMPTON, 2011), pois este enfatiza o movimento contínuo dos textos e o fato de que, em cada fase desse movimento, novos sentidos são co-construídos. Partindo-se da premissa bakhtiniana de que todo discurso é intertextual (FARACO, 2010), as trocas comunicativas são sempre entextualização, ou seja, elas mobilizam discursos em forma de textos. Há um processo de movimento contínuo de recontextualização e transposição, que sempre modifica e re-inaugura o significado dos textos, pois eles estão sempre submetidos a contextos também móveis. Os processos interpretativos, então, estão sempre se re-atualizando em novos processos de contextualização.

Outro construto utilizado para a análise de dados desta pesquisa são as pistas indexicais (WORTHAM, 2001). Este construto tem como base conceitos bakhtinianos referentes a narrativas e parte do princípio de que narradores, no ato de narrar, se

posicionam e posicionam os demais por meio do uso da linguagem. Esses posicionamentos não são necessariamente explícitos, mas podem ser inferidos e analisados. Nas palavras de Wortham (2001, p. 62), segundo Bakhtin, “pistas narrativas indexicalizam aspectos do contexto que se tornam relevantes para interpretar o posicionamento interacional cumprido por uma narrativa”, isto é, a análise de pistas linguísticas – e também extralinguísticas – nos permite interpretar posicionamentos estabelecidos em uma performance narrativa.

As chamadas pistas indexicais, então, são aquelas que “apontam” para sentido sociais e, assim, nos permitem contextualizar as trocas discursivas na interação e criar inteligibilidade sobre os posicionamentos tomados nessas práticas. Seguindo Wortham (2001), entendo que tais pistas são, minimamente: *referência e predicação, descritores metapragmáticos, citação, avaliadores indexicais e modalizadores epistêmicos*.

A *referência* diz respeito ao “apontamento” de coisas no mundo através do discurso e a *predicação* é o que caracteriza as coisas referidas, ou seja, atribui determinados sentidos a elas. Essa caracterização se dá por meio de escolhas lexicais, como, por exemplo, diferentes substantivos e adjetivos. Os descritores metapragmáticos são chamados de metapragmáticos, “pois se referem e predicam a linguagem em uso” (WORTHAM, 2001, p. 71). É o caso dos chamados verbos discentes (“dizer” – considerado mais neutro –, “admitir”, “contar”, “prometer”, “mentir” etc.), que carregam, no uso, diferentes sentidos ou gradações de sentidos. A escolha de um desses verbos é o que dará um ou outro sentido ao que estiver sendo dito pelo narrador, estabelecendo posicionamentos específicos.

No caso da *citação*, ela traz uma combinação de referência, verbo metapragmático e discurso citado, sabendo-se que, ao citar alguém, seja por discurso direto ou indireto, são feitas escolhas linguísticas que podem alterar até certo ponto o

que foi originalmente dito. Já os *avaliadores indexicais* se referem a modos de falar e expressões que possam ser associados a determinado grupo ou membros de um grupo – como regiões, gênero, profissão etc. – em relação a suas performances discursivas. Por fim, os *modalizadores epistêmicos* expressam algum tipo de avaliação sobre algo entendido como verdade na narrativa. Por exemplo, ao contar uma história, o narrador pode enfatizar que algo é verdade, porque “estava lá e viu”.

Para a análise dos dados desta pesquisa, utilizo apenas as pistas de *referência e predicação, citação e modalização epistêmica*, por terem se mostrado as mais produtivas para os dados em questão.

Tendo finalizado o detalhamento das escolhas metodológicas e analíticas desta pesquisa, passo para a análise dos dados a seguir.

## **4. Análise de dados**

Os trechos a serem analisados ao longo deste capítulo foram selecionados de entrevistas semiestruturadas em eventos de letramento realizados em setembro de 2013 e março de 2014. Embora o foco inicial desta pesquisa priorizasse narrativas, outros trechos foram incluídos por apresentarem entextualizações relevantes ao objetivo do estudo ou servirem como introdução a narrativas que serão analisadas aqui também.

### **4.1. Entextualizações de diferentes discursos sobre amor**

Nesta primeira seção, apresento trechos selecionados para a análise da construção dos significados de amor nas performances narrativas da participante, dividindo a seção em quatro partes, de acordo com os significados recorrentes sobre amor.

#### **4.1.1 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como aceitação/aprovação**

Em diversos momentos dos eventos de letramento realizados, o amor foi construído como adequação ou aprovação nas performances narrativas da participante. Selecionei trechos que considero mais representativos do conjunto de dados e também mais interligados para a análise dessa construção.



**Excerto 1: “Ela aceita ele bem, de uma forma bem natural”**

A participante sempre se refere ao mocinho do livro, Edward, como “o homem perfeito” e explica em diferentes trechos por que o considera de tal forma. Em dado momento, perguntei a ela por que motivo ela achava que o Edward gostava da Bella, protagonista do livro, frequentemente descrita como “sem graça”. No trecho a seguir, Marília tenta responder minha pergunta:

1	Laura	Por que que você acha que ele gosta dela?
2	Marília	Eu <u>acho</u> que é porque ela- eh- eh- ao longo... eh... a <u>primeira</u> coisa que
3		ela faz que faz ele gostar dela- eh, além daquela coisa fantasio::sa >do
4		sangue e blábláblá<, o que a gente per↑ <u>cebe</u> é que ela aceita ele, ela não
5		se espanta com ele ser difere::nte, com ele ter lá as particularidades dele.
6		Ela a↑ <u>ceita</u> ele bem, de uma forma be::m natural. E isso pra ele era um::
7		era uma coisa impossí <u>vel</u> , né, ele se sentia <u>tão mal</u> com a condição dele,
8		que quando ele vê uma pessoa que... não é que não tem nada que... é que
9		não dá a menor importância pra ↑isso, isso já é um... acho que cinquenta
10		por cento do interesse dele tá ali, né, o fato dela achar, dela achar ele
11		↑uma <u>pessoa comum</u> , uma pessoa ↑natural. Ela ↑ <u>entende</u> , não vê aquilo
12		como empecilho pra coisa nenhuma.

A participante introduz sua fala por meio de uma modalização epistêmica (linha 2), com ênfase no verbo (“acho”), talvez com uma forma de reforçar que o que virá a seguir é sua opinião pessoal, e parece ter alguma dificuldade para encontrar o que quer

dizer (“eh- eh- eh-”, linha 2). Antes de explicitar o que, para ela, faz com que Edward goste de Bella, ela descarta um dos motivos claros apresentados pelo livro: o cheiro do sangue da protagonista. Marília se refere à questão do sangue como “coisa fantasiosa” (linha 3), alongando uma vogal no meio da palavra, predicando-a como algo próprio da ficção e que não faria sentido na explicação de um interesse real entre duas pessoas, visto que, no contexto dos personagens, trata-se do interesse de um vampiro por sua presa. Essa ideia é reforçada pelo uso da expressão “blábláblá” (linha 4), comumente usada no discurso oral para predicar algo como “senso comum” ou “sem fundamento”, e também pelo aceleração da fala nesse trecho.

Em seguida, ainda na mesma linha, Marília predica Bella como alguém que aceita Edward como alguém normal apesar de ele não o ser. A participante deixa claro que o personagem não é normal, descrevendo-o como “diferente” e alguém que tem “lá as particularidades dele” (ambos na linha 5). De acordo com a fala da participante, é por gostar dele apesar de ele ser diferente que Bella se torna interessante para ele (linhas 9, 10 e 11). Marília é enfática na linha 2 (“a primeira coisa”) quando começa a introduzir o que faz com que Edward goste de Bella, antes de interromper a ideia para falar do cheiro do sangue. Quando retoma seu ponto inicial, Marília torna a enfatizar termos como “impossível”, “tão mal” (ambos na linha 7), contrapondo aos termos “pessoa comum” e “entende” (ambos na linha 11), também enfatizados na fala da participante.

Pode-se inferir também nesse excerto a questão da autoestima abalada como porta de entrada para um amor. Segundo Marília, Edward se sentia muito mal com sua condição (linhas 6 e 7) e, por isso, considerava impossível ser aceito (linha 7). Seria, desse modo, justamente por não se considerar merecedor de amor que Edward viria a se interessar por Bella, pois ela o ama apesar de tudo de errado que ele vê em si próprio. Sendo assim, o discurso de amor entextualizado neste excerto é o de aceitação, isto é, o

amor de Edward e Bella, de acordo com as entextualizações de Marília, está pautada no fato de que um aceita o outro como ele é.

A questão da autoestima sinalizada no primeiro excerto aparece de maneira explícita no seguinte:

**Excerto 2: “Ela se acha extremamente inadequada”**

1	Marília	Assim, eles têm uma... uma... uma autoestima muito <u>lá embaixo</u> , todos
2		↑dois.
3	Laura	Hu-hum
4	Marília	Por isso quando um aceita o ↑outro, acho que é <u>perfeito</u> . Acho que a
5		química deles ↑é essa.
6	Laura	Então, é porque- é porque os dois tem a autoestima baix <u>í</u> ssima-
7	Marília	Eu acho que-
8	Laura	... que um aceita o outro?
9	Marília	É, eu acho, que um aceita o ↑outro <u>naturalmente</u> , quer dizer... eh- eh- <u>ele</u>
10		tem aquela coisa de que ele <u>acha</u> que <u>nu:nca</u> uma <u>mulher</u> vai gostar
11		dele... que ele é um:: monstro, um::: uma coisa <u>estra::nha</u> , um <u>assassino</u>
12		>e blábláblá<, e ela >é a mesma coisa<. Ela se acha uma <u>desajeitada</u>
13	Laura	Hu-hum
14	Marília	uma... como é que chama aquilo? Uma pessoa que não se <u>adapta</u> ? (.) Não
15		é, não é que não se adapta, eh::: <a minha psicóloga fala muito disso,
16		eh::: EU falo muito disso pra ela.> <u>INADEQUADA</u> . Ela se acha
17		extremamente <u>inadequada</u>
18	Laura	É verdade

19	Marília	E ele <u>aceita</u> muito ela... facilmente, ele <u>não vê</u> inadequação nenhuma na
20		maneira dela se <u>portar</u> ↑e [da mesma <u>forma</u>
21	Laura	[acha tudo bonitinho
22	Marília	É, acha tudo que ela faz >engraçadinho, bonitinho<, e ela da ↑mesma
23		forma, não vê nada de:: de estranho. Ela- ela vê o comportamento dele
24		<u>totalmente justificável</u> dentro do do do universo do que ↑ele é, né

Marília, nas linhas 1 e 2, predica ambos os personagens como tendo uma autoestima muito baixa, sendo enfática nessa predicação (“lá embaixo”) e ficando com a voz mais aguda ao afirmar que esse é o caso dos dois (“↑dois”). Logo em seguida, nas linhas 4 e 5, Marília entextualiza novamente o discurso de amor como aceitação e enfatiza que é isso que torna o amor dos dois “perfeito”.

Mais adiante, a participante explica a visão distorcida que os dois têm de si próprios, predicando que Edward se vê como “um:: monstro, um::: uma coisa estra::nha, um assassino >e blábláblá<” (linhas 11 e 12). Os alongamentos e ênfases em algumas sílabas ou palavras inteiras nesse trecho e, depois, o aceleração da fala no “blábláblá” indicam como é uma bobagem que Edward pense assim. Sobre Bella, Marília explica que a personagem se acha “uma desajeitada” (linha 12). Entre as linhas 14 e 17, Marília busca o termo correto para dizer que Bella se vê como “uma pessoa que não se adapta”, com uma pequena pausa para pensar (linha 14) e, com a fala acelerada, faz um adendo, como se estivesse pensando em voz alta, afirmando que sua psicóloga fala muito disso (linha 15) e logo se corrige, afirmando que é ela (com ênfase no “EU”, linha 16) quem fala muito disso para a psicóloga. Na linha 16, Marília enfim encontra o termo que procurava, destacando-o em sua fala com o tom de voz mais alto e pronunciando-o de

maneira acentuada (“INADEQUADA”). Marília, então, conclui a ideia afirmando que Bella “se acha extremamente inadequada” (linhas 16 e 17).

A fala de Marília nesse excerto se mescla entre a leitura que a participante faz do amor dos personagens da narrativa do livro e da performance narrativa que ela encena sobre si mesma, como pode ser observado entre as linhas 14 e 17, descritas no parágrafo anterior. Há uma quebra na fala de Marília na linha 15 quando ela procura por uma palavra para descrever Bella e acaba fazendo referência à sua experiência pessoal na terapia. Marília não se compara diretamente com Bella, mas essa mudança nas linhas 15 e 16 no discurso dela mostra que há uma identificação entre as duas – ainda que não tenha sido elaborada explicitamente pela participante – que vai explicar o porquê de ela predicar a aceitação como condição básica para a existência de amor entre um casal.

Na fala de Marília, o sentimento de inadequação de Bella por ser desajeitada e ter interesses diferentes das demais adolescentes<sup>11</sup> equipara-se à inadequação de Edward como vampiro. É uma comparação interessante, pois Edward de fato não é um ser humano normal e é mesmo uma criatura mítica entendida como um monstro na ficção. A inadequação do personagem se dá devido ao fato de que ele não gosta de ser um vampiro e preferiria ser um homem normal ou ter morrido em vez de se tornar um vampiro. Bella, em contrapartida, é uma menina como qualquer outra e seu sentimento de inadequação se trata de uma questão de autoestima. Sendo assim, embora a questão da autoestima baixa seja característica dos dois, a de Edward diz respeito a uma condição que ele não pode mudar e a de Bella talvez seja apenas uma visão distorcida de si mesma.

Na linha 19, a ênfase que Marília coloca nos termos “aceita” e “não vê” propõe uma relação entre eles, indicando que Edward, personagem sobre quem ela fala no

---

<sup>11</sup> Ao longo dos quatro livros da série, Bella não se sente uma pessoa comum e é frequentemente descrita como diferente das demais meninas adolescentes.

trecho em questão, aceita tanto o comportamento de Bella, que nem vê a inadequação que ela sente. Na linha 21, interfiro na fala de Marília para comentar que Edward não só aceita as características do comportamento de Bella, como gosta delas. A participante concorda na linha seguinte, afirmando que ele “acha tudo que ela faz >engraçadinho, bonitinho<”. O uso do diminutivo nesses termos predica a afeição que Edward sente por ela, enfatizando que aquelas características que ela considera inadequadas, são por ele apreciadas. Nesse caso, mais do que aceitação, Edward sentiria admiração por tais características. A fala acelerada de Marília ao introduzir os termos no diminutivo também demonstra certo deboche e distanciamento – ao mesmo tempo em que Marília predica a aceitação de Edward da maneira de se comportar de Bella como algo positivo, a participante tende a tratar disso, neste e em outros excertos, como se fosse uma grande bobagem, algo que não existe.

No primeiro livro da saga, é bastante enfatizado o quanto Edward desperta encanto nas meninas da escola; porém, o personagem as considera desinteressantes e se apaixona justamente por Bella, constantemente descrita como uma pessoa “sem graça”. A inadequação da personagem Bella, que, em outros contextos, seria predicada como algo negativo, aqui é valorada positivamente na fala de Marília, sendo até um atrativo para Edward. É a própria inadequação e diferença de Bella em relação ao entendido como mais comum, que chama a atenção de Edward.

Apesar de o amor entre Bella e Edward ser caracterizado principalmente pelos discursos de amor romântico (cf. seção 1.3), os discursos de aceitação entextualizados pela participante nos excertos 1 e 2 para explicá-lo parecem condizentes com o que Giddens (1993) entende por amor confluyente, aquele que permeia o que ele chama de relacionamentos puros. Esse tipo de relacionamento seria marcado exatamente pela total aceitação das peculiaridades do outro, caracterizando um nível de conhecimento

profundo que possibilita o sucesso do casal. Por outro lado, a aceitação é também uma premissa do amor romântico, por se tratar de um amor incondicional. O tema da aceitação do amor romântico e da aceitação no amor confluyente será aprofundado na discussão geral da análise dos dados (cf. seção 5.1).

No excerto a seguir, Marília introduz uma narrativa para exemplificar sua compreensão de que amor diz respeito a sentir-se aceito e aprovado pelo outro.

**Excerto 3: “é como se fosse entrar no normal”**

1	Marília	A minha história com- eh:: como <u>eu</u> , acho que como eu desenvolvi esse
2		relacionamento de- de- de ANOS. Foi >mais ou menos isso<, aquela
3		necessidade de me sentir <aprovada>, me sentir fazendo <u>parte do-</u>
4		<u>entrando no</u> ↑jogo. Né, todo mundo tem que <crece::r, namora::r,
5		casa::r, produzi::r, ter fi::lhos...> Entrar no... É como se fosse entrar na
6		fila, entrar no <u>normal</u> , sair do es↑tranho, do diferente, >pra relação
7		normal<. Então, a primeira coisa, a primeira pessoa que olhou e eu ↑me
8		senti <u>aprovada</u> , sem muitas, sem... me senti assim... “ <u>nossa</u> , ela faz um
9		negócio legal, é <u>interessante</u> , é- é- é- é <u>inteligente</u> ...” Começou a
10		reconhecer em mim <u>qualidades</u> que eu sa- eu ↑até... você até <u>acha</u> que
11		<u>tem</u> , mas você não <u>percebe</u> que as pessoas percebem isso em você. A
12		<u>primeira</u> pessoa que <u>percebe</u> já te <u>traz</u> aquele interesse, né. Mesmo que
13		<u>depois</u> de- no meu caso, depois de muito tempo, eu fui ver que... não...
14		não... ↑né, foi <u>isso aí</u> . >Mas na hora não foi dessa forma.< Não analisei
15		dessa <u>forma fria</u> .
16	Laura	Arrãm.

17	Marília	Mas <u>hoje</u> eu vejo que o que me <u>moveu</u> a chega::r >a esse
18		relacionamento<, a- a <u>investir</u> >nesse relacionamento< foi <u>isso</u> , foi me
19		sentir <u>aprovada</u> , me sentir:: eh- <u>adequada</u> para >aquela situação. Não,
20		ele me mostrou<, “não, você é adequada (.), eu te <u>aprovo</u> ”. Não, aquilo
21		já... <me fez ir nessa direção de> desenvolver esse relacionamento.

A narrativa de Marília no excerto 3 entextualiza a ideia de amor como aceitação que ela vinha construindo nos trechos anteriores. Marília faz uma pausa abrupta na linha 1 (“a minha história com-”) e não completa a informação. Está claro para mim, como sua interlocutora, que ela iria referir-se a seu ex-marido e, provavelmente por esse motivo, Marília não sente necessidade de esclarecer sobre quem está falando. A pausa abrupta seguida por um “eh::” alongado também pode indicar certo desconforto em relação àquele tópico. A participante, ainda na linha 1, levanta a hipótese de ter desenvolvido seu relacionamento com o ex-marido por ter se sentido aceita, como ela vinha colocando. A ênfase na palavra “ANOS” (linha 2) serve para ressaltar que todo um relacionamento, de grande duração, se sustentou apenas no fato de que, inicialmente, ela havia se sentido aceita.

O início do relacionamento a partir dessa aceitação é indexicalizado por Marília como uma forma de “entrar no jogo”, ou seja, fazer parte daquilo que é considerado normal, como pode ser observado na linha 4. Essa expressão, utilizada pela participante, re-entextualiza o discurso da aceitação pelo grupo social. Até então, Marília falava apenas sobre a importância de sentir-se aceita dentro de uma relação amorosa e, agora, ressignifica tal discurso, dando a entender que fazer parte de um casal é uma maneira de ser aceita socialmente. Há, então, dois momentos de aceitação: aquele do indivíduo com quem se pretende relacionar e aquele da sociedade a partir do momento em que se está



em uma relação. A justificativa para esse posicionamento está entre as linhas 4 e 6, quando Marília entextualiza o discurso dominante do que é considerado “normal” que um indivíduo faça em sua vida. A desaceleração da fala e o alongamento das vogais ao descrever que todo mundo tem que “<cresce::r, namora::r, casa::r, produzi::r, ter fi::lhos...>” (linhas 4 e 5) dão um tom de ladainha a esse discurso, indicando que Marília não necessariamente concorda com ele, ideia que pode ser relacionada à sua fala no excerto 2 sobre sentir-se inadequada. Ser – ou sentir-se – aceito por outro indivíduo seria uma maneira de “sair do es↑tranho, do diferente” (linha 6) e “entrar no normal” (linha 6), ir “>pra relação normal<” (linha 7).

O posicionamento de Marília nessa narrativa é de alguém que, assim como Bella nos excertos anteriores, se sentia inadequada de alguma maneira e precisava ser aceita como alguém para se sentir normal. Isso pode ser observado nas linhas 2 e 3 (“aquela necessidade de me sentir <aprovada>”) e 7 e 8 (“a primeira pessoa que me olhou e eu ↑me senti aprovada”). A importância da aprovação é ressaltada pela ênfase que Marília dá à palavra “aprovada” em ambos os trechos e pela desaceleração da fala na primeira instância. No caso das linhas 7 e 8, observa-se também que Marília se posiciona como alguém que entrou em um relacionamento talvez às pressas e pelos motivos errados, pois alinha a aprovação como uma necessidade e a utiliza como motivo para ter começado um relacionamento com “a primeira pessoa” que apareceu demonstrando aprová-la. Isso aparece também nas linhas 11 e 12, quando Marília afirma que “a primeira pessoa que percebe [suas qualidades] já te traz aquele interesse”.

Entre as linhas 12 e 14, Marília afirma de maneira mais explícita seu posicionamento de alguém que começou um relacionamento por motivos que, mais à frente, não eram verdadeiros ou válidos em sua concepção. Ao afirmar “não analisei dessa forma fria” (linhas 14 e 15), Marília entextualiza um discurso muito comum na

sociedade, de que a razão seria a forma correta de se analisar uma situação. Na situação em questão, Marília pecou por não fazê-lo e se deixar levar pela emoção. Esse tema será explorado de maneira mais detalhada na seção 5.1.2.

Marília anima<sup>12</sup> a voz de seu parceiro na ocasião na linha 20 (“não, você é adequada (.), eu te aprovo”) posicionando-o como alguém que se mostrou muito receptivo de quem ela era quando os dois iniciaram um relacionamento. A pausa entre as duas declarações ressalta a importância de cada uma delas para aquela relação e para Marília. É interessante também a repetição do “não” como um marcador também nas linhas 19 e 20. Esta palavra, que tipicamente denota algum tipo de negação, é utilizada aqui colada a frases afirmativas, como uma maneira de enfatizá-las. A negação é, na verdade, feita em relação a toda a construção anterior, que predicava Marília como inadequada.

A performance narrativa de Marília nesse excerto é um bom exemplo de como o evento narrado é construído discursivamente no momento da narrativa. Ao contar que manteve uma relação por anos pelos motivos errados e que, na época, não analisou “dessa forma fria” (linha 15), Marília reconstrói discursivamente essa relação. O que está em foco nessa performance narrativa não é a relação que ela viveu no momento em que está vivendo, mas a maneira como ela a enxerga nos dias de hoje e a entextualiza nessa interação.

Os excertos analisados nesta seção focaram a entextualização dos discursos de amor como aceitação e aprovação do outro, que podem estar de acordo tanto com o discurso amor confluyente de Giddens (1993) quanto com o do tradicional romântico. Na seção a seguir, apresento excertos em que o amor é construído como algo irracional e é, por isso, indexicalizado de maneira negativa, como um inconveniente.

---

<sup>12</sup> De acordo com o conceito de animador de Goffman ([1979] 2002), ao citar uma fala, indivíduos animam a voz de outros. Daqui em diante nesta análise, esse conceito será utilizado outras vezes para fazer referência ao discurso direto nas narrativas de Marília.

#### 4.1.2 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como um inconveniente

Em diversos momentos dos eventos de letramento realizados com Marília, a participante fez entextualizações da dicotomia “razão X emoção”, localizando o amor como uma emoção e, por vezes, a emoção como algo inconveniente que deveria ser contido. Os excertos selecionados para análise nesta seção trazem exemplos dessas entextualizações nas narrativas.

##### Excerto 4: “*tem muito a ver com a conveniência de estar junto*”

1	Marília	eu vejo uns amores assim tão <u>rápidos</u> hh, hoje eu <u>amo</u> , amanhã não ama
2		mais... e as pessoas hoje se juntam por <u>n motivos</u> , acho que o amor não
3		tá ↑nem- não é nem o primeiro mais. Acho que já ↑foi. Né, acho que
4		antigamente as pessoas como não corriam muito, como a vida era mais
5		<u>lenta</u> , eu acho que as pessoas se preocupavam mais em ficar <u>pensando</u>
6		sobre se go::sta, se não-... eu acho que hoje o mundo é muito... tem
7		muito a ver com a < <u>conveniência</u> > de estar junto
8	Laura	e qual é a conveniência de estar junto?
9	Marília	↑é, se... conveniência de situação ↑ <u>financeira</u> , <u>horário</u> , <u>aparência</u> ,
10		muito, né, se é <u>válido</u> tá com aquela pessoa ou não... ↑acho que é mais
11		assim, as pessoas hoje são- eh- elas tentam- eh- <u>organizar</u> as suas- eh-
12		COMBINAR as suas vidas, né, <u>cla::ro</u> que tem, acho que existem
13		pessoas >que gostam das outras<... mas eu vejo uns casamentos por

14	aí... que é muito <u>conveniente</u> . Ah, gosta? ↑Gosta. Transa ↑be::m...
15	↑sabe? “onde é que eu vou ↑arrumar o::utro?”, “onde é que eu vou
16	arrumar o::utra?”, né, acho que as conveniências também tão mais...
17	>por isso que eu acho que as pessoas traem tanto<. Porque:::: é
18	conveniente, a conveniência, ela é uma coisa muito:: muito::
19	< sazonal >, né, de momento. Daqui a pouco alguma daquelas- algum
20	daqueles vínculos <u>acaba</u> , né, e aí a pessoa começa a- a- a- a se
21	interessar por <u>outros</u> , por outras pessoas- eu acho que- <u>isso</u> - a coisa da
22	conveniência, de você procurar pessoas que- que <u>têm</u> alguma coisa
23	assim a ver com você, pra combinar, pra ficar <u>fácil</u> , pra <facilitar> a
24	<u>relação</u> faz com que ela não seja tão:: tão emocional, ela é mais <u>prática</u>

No excerto 4, Marília se posiciona como alguém que observa relacionamentos que ela predica como rápidos e volúveis (linhas 1 e 2). A ênfase na expressão na linha 2 (“as pessoas hoje se juntam por n motivos”) e o tom de voz mais agudo em uma das palavras na linha 3 (“acho que o amor não tá ↑nem- não é nem o primeiro mais”) indexalizam a surpresa da participante ao constatar o que ela afirma. Essa rapidez na vivência das relações amorosas é associada com os discursos sobre a rapidez da vida cotidiana na sociedade contemporânea, que Marília entextualiza entre as linhas 3 e 6.

Nota-se certa nostalgia nesse trecho até a linha 6, pois o discurso da rapidez é indexalizado como um aspecto negativo dos tempos atuais em oposição à vida mais lenta (linha 4) de antes, quando as pessoas tinham tempo para pensar em sentimentos (linhas 5 e 6). Subentende-se por essas afirmações que a vida de antes era mais propícia para o amor e que o mesmo parece não ter lugar em meio às atribulações do cotidiano da contemporaneidade. Assim, as relações passam a ser contraídas mais pela

conveniência do que pelo sentimento (da linha 7 em diante). A palavra “conveniência” na linha 7 é bastante acentuada por Marília e pronunciada em ritmo mais lento que as do entorno, destacando a importância desse fator em seu argumento, como será descrito nas linhas seguintes.

Quando pergunto a Marília qual seria, então, a conveniência de estar junto de alguém, a participante indexicalmente alinha as relações amorosas ao discurso dos negócios. Isso pode ser observado pelo uso do termo predicativo “válido” (linha 10), comumente utilizado para avaliar as vantagens de uma transação. A associação entre o discurso das relações amorosas e o discurso dos negócios está de acordo com a visão de Bauman (2004; 2007) sobre as relações hoje em dia serem mais pautadas nas vantagens que cada um dos envolvidos está tirando delas (como em uma relação de compra e venda) do que em uma crença de amor duradouro que deve ser mantido.

O discurso da conveniência a que Marília se refere também aparece indexicalizado por status social (“situação financeira”, “aparência”) e a aspectos práticos do dia a dia (“horário”), na linha 9. A ênfase dada a essas palavras na fala de Marília é a mesma da palavra “válido” já comentada acima, o que ressalta a relação entre esses termos. Todos esses aspectos da conveniência mencionados por Marília ecoam a racionalidade que motivaria as escolhas nas relações amorosas a que se refere e indicam uma falta de espaço para a emoção nessas escolhas.

Ao falar de casamentos convenientes, Marília começa a listar fatores que qualificariam uma relação como conveniente nas linhas 14, 15 e 16. O último dos fatores (“onde é que eu vou arrumar outro?”) indexicaliza o medo de solidão, ou seja, relacionamentos que se mantêm graças ao medo que as partes sentem de ficarem sozinhas caso escolham não estar com aquela pessoa. Estão implícitas nessa ideia as questões que foram discutidas na seção 5.1.1: temer não encontrar outro par pressupõe

baixa autoestima e também a necessidade de estar em casal, que seria o considerado normal pela sociedade. Há nesse questionamento, então, uma entextualização de discursos hegemônicos que pregam a relação a dois (e também o casamento) como o normal a ser seguido e a construção da vida sem um parceiro como algo indesejável.

A praticidade que Marília identifica na maneira de as pessoas lidarem com as relações amorosas hoje em dia é indexicalizada por ela como algo que prenuncia o fim das relações. Entre as linhas 16 e 21, Marília, que até então construiu as relações amorosas como sustentadas pela conveniência, aponta que o problema da conveniência é que ela se pauta em fatores provisórios cuja quebra resulta em insatisfação no relacionamento, apontando mais uma vez para as relações frágeis discutidas por Bauman (2004). Nessa afirmação, Marília desacelera o ritmo da fala ao predicar a conveniência como “sazonal” (linha 19), pista prosódica já observada na palavra “conveniência” na linha 7, o que enfatiza a provisoriedade da conveniência por meio da relação entre os termos acentuados na fala.

Há também nesse trecho entextualizações do discurso da monogamia como forma padrão de uma relação amorosa. Na linha 17, com a fala mais acelerada, Marília afirma, como um adendo, que talvez seja por causa da provisoriedade da conveniência que as pessoas traíam tanto. Mais adiante, ao afirmar que, quando um vínculo da conveniência acaba, uma pessoa começa a se interessar por outros e indicar que esse é um sintoma de insucesso da relação (linhas 19 a 21), a participante exclui a possibilidade de que se esteja em um relacionamento e se interesse por outras pessoas ao mesmo tempo. Pode-se dizer, então, que, nesse trecho, o discurso sobre amor é também entextualizado como fidelidade<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> A entextualização do discurso da fidelidade como prova de amor ocorre também em outros excertos. No entanto, como este discurso aparece sempre atrelado a outro, aparentemente de maneira secundária, optei por não discuti-lo isoladamente em uma seção.

Na narrativa a seguir, Marília mantém o discurso tradicional “razão X emoção” entextualizado no excerto 4 e fala sobre a importância do lado emocional em uma relação, contrapondo as relações mantidas por conveniência que construiu no trecho anterior.

**Excerto 5: “*largou tudo pra ficar sem nada, mas ter um relacionamento emocional que pra ela era o mais gratificante na época*”**

1	Marília	eu acho que a relação quando tem o emocional mais <u>forte</u> , <ela <u>tende</u> a
2		<u>superar</u> aspectos práticos que o contrário não faz>
3	Laura	Hu-hum
4	Marília	entendeu, porque quando você tem uma vida <u>prática organizada</u> , >vide
5		aquela questão da minha família<. Existia uma relação <u>prática</u> <u>toda</u> ali.
6		Ela era <u>segura</u> pra <u>ela</u> , ela era... <u>boa</u> ... >ela não ↑ <u>tinha</u> do que se
7		<u>queixar</u> <. ↑ <u>Tudo</u> era favorável a ela, até uma- mas não <u>tinha</u> uma- a
8		coisa emocional já não tava mais <u>presente</u> (.)↑e ela <u>largo::u</u>
9	Laura	largou tudo, né
10	Marília	largou <u>TUDO</u> pra ficar <u>sem NADA</u> , mas ter um:: relacionamento
11		emocional que pra <u>ela</u> era o mais gratificante na época
12	Laura	é
13	Marília	entendeu, eh... eu <u>acho</u> que a <u>falta</u> do emocional <u>detona</u> uma relação
14		<u>prática</u> ... isso aí <u>todo mundo</u> ↑ <u>vê</u> , >você fica assim< “↑porra, mas
15		como? Tinha <u>tudo</u> ” mas ele cai fora. Ou ela ou seja lá o que for

Logo no início do excerto, nas linhas 1 e 2, Marília predica o chamado lado emocional como mais importante do que o prático para a manutenção de uma relação. A ênfase nas palavras “forte”, “tende” e “superar” (palavras-chave para o argumento), junto ao ritmo desacelerado da fala em “<ela tende a superar aspectos práticos que o contrário não faz>” (linhas 1 e 2), marca de maneira acentuada essa ideia construída pela participante, reforçando-a. Para sustentar sua afirmação, por meio de adendo marcado pela desaceleração da fala, Marília entextualiza uma narrativa, (“vide aquela questão da minha família”, linhas 4 e 5) na qual ela predica uma relação pautada no racional (“relação prática”, linha 5) como algo muito positivo (“era segura pra ela”, “ela não tinha do que se queixar” e “tudo era favorável a ela”, linhas 6 e 7), mas não o bastante (“a coisa emocional não tava mais presente e ela largou”, linhas 7 e 8). A ênfase no pronome “ela” na linha 6 e, mais adiante, também na linha 11, indexicaliza que a personagem em questão era quem estava em vantagem na história narrada (no caso da linha 6) e que foi escolha própria abrir mão de tudo aquilo (linha 11).

Tomo o turno na linha 9, corroborando a narrativa de Marília, acrescentando o termo “tudo”, ressaltando o que foi largado pela personagem em questão. Marília retoma o turno na linha 10 repetindo que a mulher de quem estamos falando “largou tudo”, mas, dessa vez, com muita ênfase em “tudo” e contrapondo com “nada”, também com muita ênfase, ainda na mesma linha. A marcação acentuada dessas duas palavras serve para dar ainda mais peso à escolha da personagem em ter trocado uma relação prática por algo emocional, fazendo com que a narrativa, assim, suporte de maneira muito mais contundente o argumento que Marília está tentando explicar.

Na linha 12, manifesto concordância com apenas um “é” e Marília, tendo concluído a narrativa que apoiava o ponto que estava defendendo, volta à afirmação inicial de que “a falta do emocional detona uma relação prática” (linhas 13 e 14).



Marília ainda complementa sua fala se referindo ao espanto das outras pessoas ao verem uma situação como essa (“todo mundo ↑vê, >você fica assim< “↑porra, mas como? Tinha tudo””, linha 14). Ao tomar esse posicionamento, Marília predica as relações práticas como muito vantajosas e, por isso, parece tão espantoso que elas se mostrem insustentáveis diante da falta de um vínculo emocional.

Nota-se, ao longo de todos o excerto 5, momentos em que a voz de Marília fica mais aguda, como em “>ela não ↑tinha do que se queixar<” (linhas 6 e 7), “↑Tudo era favorável a ela” (linha 7), “(.)↑e ela largo::u” (linha 8, este especialmente acentuado por ser seguido de uma pausa), “todo mundo ↑vê” (linha 14) e “↑porra, mas como?” (linhas 14 e 15). Essa recorrência de tons mais agudos indexicaliza o espanto da participante em relação às escolhas da personagem na história narrada.

No primeiro excerto apresentado, a praticidade e a conveniência de uma relação amorosa são indexicalizadas como características básicas para o começo e manutenção de uma relação, enquanto, no excerto seguinte, essas mesmas características são indexicalizadas de maneira negativa, sendo insuficientes sem “o emocional” (linhas 1, 8, 11 e 13). O chamado emocional é, dessa maneira, valorado de maneira positiva no que diz respeito ao relacionamento em si, pois seria essencial para manter uma relação amorosa, mas de maneira negativa quanto à ordem da vida social, pois, na história narrada, a personagem abriu mão de uma vida estável por algo emocional. Sob esse ponto de vista, o discurso entextualizado é aquele de que o amor causa desordem e é incompatível com a vida prática, sendo, por isso, um inconveniente.

No excerto 6, Marília trata dos aspectos negativos desse emocional a que vinha se referindo. O tema sendo discutido antes do excerto selecionado a seguir é sobre se todo apaixonado se considera especial e se considerar-se especial é requisito para ter um relacionamento amoroso.

**Excerto 6: “Então por mais que você acredite que a sua relação é especial, você tá sempre com um pé atrás”**

1	Marília	a gente tá <u>cercado</u> disso agora, então se você não fizer isso... eu acho
2		que é até uma forma- mas <u>isso</u> també::m, apesar de a gente pensar
3		dessa coisa de <u>especial</u> , a gente fica pensando também do outro lado. É
4		uma forma também de você <se <u>preparar</u> >, né, pra que aquilo- “e se
5		aquilo não der <u>certo</u> ?” eu me <u>envolvo</u> numa relação, aquilo não dá
6		certo, então, <como eu vou <u>ficar</u> ?> Né? Como é que eu vou me <u>sentir</u> ?
7		>Então a gente fica sempre lutando, né, entre< aquela coisa <u>prática</u> e
8		funcional. O <u>prático</u> é <“as relações acabam, tudo acaba, tudo tem
9		fim”>, mas a parte emocional diz “a <u>minha</u> relação não vai acabar,
10		porque ela é especial”, então você:: eu acho que uma coisa da gente do
11		ser humano é você se proteger o tempo inteiro. Então por <u>mais</u> que
12		você acredite que a sua relação é <u>especial</u> , você sempre tá com um pé
13		atrá::s, né? Achando que <u>pode</u> acontecer e num se <u>envolve</u>
14		integralmente. Aquele <u>nível</u> de envolvimento deles dois é uma coisa-
15	Laura	aquela entrega total
16	Marília	>aquela entrega total, aquilo é uma coisa de <u>livro</u> <
17	Laura	você acha que aquele tipo de entrega não existe
18	Marília	não <u>acontece</u> . Acontece:: >pode até acontecer? <u>Pode</u> , não dá pra gente
19		generalizar<, mas acho que, <u>no geral</u> , não acontece, as pessoas têm um
20		<u>instinto</u> de preservação que ela não <u>tem</u> e elas não <u>fazem</u> isso
21	Laura	Hu-hum

22	Marília	Normalmente <eu não <u>vejo</u> > ninguém se entregar <u>cem</u> por cento- a não
23		↑ser esses casos que <u>matam</u>
24	Laura	hh
25	Marília	<chegam a <u>extremos</u> >, <u>né</u> , mas normalmente a gente vê que as pessoas
26		não se entre::gam dessa forma porque elas precisam se <u>preservar</u> ,
27		porque hoje em ↑dia essa coisa de- essa <u>facilidade</u> das relações
28		acabarem <u>faz</u> >com que as pessoas tenham <u>medo</u> < de de de, sabe, de
29		<u>abrir</u> assim... e <u>depois</u> ? <u>Né</u> ? Como é que eu <u>fico</u> nessa história? Né, eu
30		acho que as pessoas têm assim um instinto de preservação que ela não
31		<u>tem</u> e isso faz com que não seja tã:::o... eh as pessoas não se
32		<u>entreguem</u> tanto assim num relacionamento emocional hoje em dia não

Nesse excerto, Marília alinha o comportamento dos indivíduos em relações amorosas ao discurso da prevenção, enfatizando na linha 1 (“cercado”) como esse discurso se faz presente nas sociedades hoje em dia. Isso pode ser observado em diversos momentos: “é uma forma também de você <se preparar>” (linha 4), com ritmo desacelerado da fala no final, indexicalizando a importância dessa prevenção; “eu acho que uma coisa da gente do ser humano é você se proteger o tempo inteiro” (linhas 10 e 11); “você sempre tá com um pé atrás” (linhas 12 e 13); “as pessoas têm um instinto de preservação que ela não tem” (linhas 19 e 20 e novamente nas linhas 30 e 31) e “as pessoas não se entregam dessa forma porque elas precisam se preservar” (linhas 25 e 26). Nota-se nessas ocorrências entextualizações do discurso biológico, pois Marília explica o resguardo emocional como uma manifestação do chamado “instinto de preservação”, ou seja, um comportamento que seria natural e universal.

Ao longo da série de livros Crepúsculo, o próprio personagem Edward afirma diversas vezes que Bella não tem instinto de preservação, pois a menina se envolve com ele mesmo depois de ele deixar claro que poderia matá-la a qualquer momento. A preservação referida no livro se trata da própria vida e da integridade física da personagem. Na fala de Marília, a falta de instinto de preservação de Bella é re-entextualizada no contexto emocional (linhas 14 a 20 e linhas 30 a 32), fazendo referência à entrega total da personagem àquela relação.

A dicotomia tradicional “razão X emoção” é novamente ratificada nesse trecho, em oposição bastante marcada entre as linhas 7 e 10. Ao usar a palavra “lutando” (linha 7), Marília predica razão e emoção como dois polos diferentes e em conflito. Essa divisão é ainda mais acentuada nas linhas seguintes, quando a participante anima a voz de um personagem considerando aquilo que seria o pensamento racional e aquilo que seria a vontade da emoção. A voz do prático “<‘as relações acabam, tudo acaba, tudo tem fim’>” é animada em ritmo desacelerado, ecoando a calma que se pressupõe do chamado “lado racional”. Já a voz do emocional, animada em ritmo normal em relação ao restante da fala de Marília, apresenta ênfase no pronome possessivo (“mas a parte emocional diz ‘a minha relação não vai acabar, porque ela é especial”)), o que indexicaliza a excepcionalidade daquela relação comparada às demais. Pode-se observar que, para animar esse lado emocional, Marília entextualiza discursos do amor romântico, entendido como eterno e especial (linhas 9 e 10) e, para animar o lado racional, ela entextualiza discursos mais contemporâneos, que pregam que tudo é provisório.

O discurso da provisoriedade das coisas se alinha às teorias de Bauman (2007) sobre as relações interpessoais serem afetadas por uma mentalidade voltada para o consumo. Os bens materiais, antes feitos para durar por muito tempo, hoje em dia, são

feitos justamente para serem descartados. Segundo o autor, a relação dos indivíduos com as mercadorias tem efeitos sobre suas relações com outras pessoas, instaurando a sensação de que o normal é que tudo acabe e seja substituível. Sendo assim, da mesma maneira que se espera que os bens de consumo tenham prazo limitado de vida, espera-se também que as relações amorosas em algum momento cheguem a um fim, ao contrário do que prega o discurso do amor romântico.

Ainda no excerto 6, Marília predica a entrega emocional como um extremo indesejável (“a não ↑ser esses casos que matam”, linhas 22 e 23 ; “<chegam a extremos>”, linha 25), indexalizando uma forma de loucura. De acordo com a fala da participante, sendo o “instinto de preservação” já discutido aqui algo natural ao ser humano, aquele que não se preserva – isto é, se entrega emocionalmente – não se enquadra no comportamento entendido como normal. Desse modo, a emoção, indexalizada como essencial para a manutenção de uma relação amorosa no excerto anterior, aqui, passa a ser indexalizada mais como um perigo, pois deixa o indivíduo, que deveria se preservar, em condições vulneráveis. O medo da vulnerabilidade é tão grande e parece tão natural aos indivíduos, que não tê-lo e entregar-se livremente a uma relação emocional só pode ser considerado um caso extremo e anormal.

No próximo excerto, Marília diferencia amor de casamento, mantendo o binarismo entrevisto no discurso “razão e emoção”, que é entextualizado diversas vezes nesta seção.

**Excerto 7: “*O casamento não tem nada a ver com amor, não tem nada a ver com relacionamento*”**

1	Marília	em <u>geral</u> , todos os casais que eu conheço tão... tão bem. A não ↑ser um
---	---------	--

2		que essa semana me solta essa...
3	Laura	o quê?
4	Marília	ele ↑ <u>gosta</u> dela, eu <u>sei</u> que ele tá apaixonado, que ele <u>gosta</u> , ele <u>casou</u>
5		com ela... >mas ele falou pra mim< “quer <u>saber</u> ? (.) Se eu tivesse- se eu
6		soubesse que ia ser <u>assim</u> , <u>porra</u> , <u>não</u> tinha casado” (.) “tava tão <u>bom</u>
7		como era”, quer <u>dizer</u> ... o casamento implica uma série de outras
8		coisas, né... >O casamento não tem nada a ver com <u>amor</u> , não tem nada
9		a ver com relacionamento<, mas ele... ele foi a única pessoa que eu vi::
10		dos <u>casais</u> , ele não tem a <u>menor</u> - >não passa ↑nem pela cabeça dele< se
11		separar nem nada disso, mas ele falou pra mim “porra... se soubesse
12		não tinha casado”, tipo, soubesse como as coisas iam <u>ficar</u> , né. As
13		dificul <u>dades</u> que ele ia ter que <u>passar</u> , né, mas...
14	Laura	você falou que casamento >não tem nada a ver com amor, não tem
15		nada a ver com relacionamento<. Casamento tem a ver com o quê?
16	Marília	conveniê::ncia, eu a::cho. Eu acho que ↑tem... <não necessariamente
17		tem a ver com amor>. Eu <u>conheço</u> pessoas que não se casam e... tão
18		juntas, se <u>amam</u> , se <u>gostam</u> , <u>gostam</u> de ficar juntas... e co↑nheço
19		pessoas que tão <u>casadas</u> ↑hh querendo <u>matar</u> um ao <u>outro</u> hh, entendeu,
20		continuam casadas ↑porque é <u>conveniente</u> ficar

No excerto 7, Marília traz uma narrativa sobre um homem insatisfeito em seu casamento. Minha pergunta, pouco antes, havia sido sobre casais que ela considera que funcionam bem. No entanto, ao me responder, a participante começa predicando todos os casais que ela conhece como estando bem (linha 1) e, através do adversativo “a não

↑ser”, entextualiza uma narrativa de exceção à sua afirmação inicial. O tom de voz mais agudo ao entextualizar essa narrativa parece indexicalizar um incômodo com esse casal excepcional, algo que a participante sentiu necessidade de contar diante daquela primeira afirmação.

Por meio de modalização epistêmica (“eu sei”, linha 4), Marília é enfática em relação aos sentimentos do personagem da narrativa por sua esposa, repetindo que ele gosta dela (linha 4), posicionando-se como sua confidente. É interessante notar que, em princípio, a escolha de ter se casado indexicaliza uma prova dos sentimentos do personagem na narrativa de Marília, pois ela afirma, com bastante ênfase, que “ele casou com ela” (linhas 4 e 5) em alinhamento com as afirmativas anteriores já mencionadas, também acentuadas na fala. Essa expectativa da indexicalização do discurso do casamento como algo positivo é quebrada logo em seguida, quando Marília anima a voz do personagem do homem casado alegando que não teria se casado se soubesse como seria (linhas 5 e 6) e que era melhor antes (linha 7). As ênfases e pausas nessas linhas na citação do personagem indexicalizam o desconforto de Marília em relação à história narrada e também posicionam o homem em questão como desconfortável confessando que se sente daquela maneira.

Não fica claro na narrativa o que exatamente nesse casamento deixa esse homem insatisfeito, mas Marília parece propor uma explicação ao situar casamento e amor como dois polos distintos (linhas 7, 8 e 9), afirmando que casamento e amor não têm “nada a ver” um com o outro (linha 8). Marília é novamente categórica ao afirmar que esse homem não tem intenção de desfazer o casamento (linhas 10 e 11), posicionando-se novamente como alguém que conhece muito bem a pessoa em questão e, apesar das reclamações feitas por ele (sua voz é novamente animada nas linhas 11 e 12), entende que separar-se não é o seu desejo.

Diante do meu estranhamento em relação à afirmação de Marília de que “casamento não tem nada a ver com amor, não tem nada a ver com relacionamento” (linhas 8 e 9), retomo sua fala e peço para que ela explique com o que casamento “teria a ver” então (linhas 14 e 15). Marília prontamente responde à pergunta predicando casamento como conveniência (linha 16) e, em seguida, posiciona-se como alguém que observa as relações a sua volta (“eu conheço”, linha 16) e nelas se baseia para chegar às conclusões que está relatando nessa conversa, mencionando casais felizes que não estão casados e casais que estão casados e não são felizes (linhas 17 a 20).

A oposição construída na fala de Marília entre esses dois tipos de casais entre as linhas 17 e 20 alinha-se com a oposição construída anteriormente no excerto 5 sobre relações que são convenientes, mas carecem de um vínculo emocional maior. Novamente, a conveniência é um termo utilizado na fala de Marília para entextualizar discursos de racionalidade, indexicalizando uma espécie de utilitarismo nas relações amorosas. Ora, se o casamento é uma conveniência, se conveniência resulta da expressão da razão, e se amor não faz parte de casamento por se tratar de uma emoção (mantendo-se mais uma vez a dicotomia “razão X emoção”), o amor é construído por Marília nesses excertos como um inconveniente. Embora sua fala reconheça a importância da existência de vínculos emocionais para a manutenção de uma relação, a demonstração dessas emoções é valorada de maneira negativa, indesejada e perigosa.

O entendimento de demonstrações de emoções como algo inconveniente também ratifica discursos que pregam que o chamado lado da razão é o correto a se seguir na tomada de decisões na vida e o chamado lado da emoção seria associado a um descontrole que pode levar a loucuras, como visto no excerto 6. Sendo identificada uma insuficiência da razão para manter relacionamentos (como visto no excerto 5), a primazia dela pode trazer apenas frustração (excerto 5), medo (vide a autopreservação



no excerto 6) e desconfiança proveniente desse medo, evitando que os indivíduos se abram emocionalmente para as relações e, com isso, acabem por construir as suas sobre pilares muito frágeis (BAUMAN, 2004).

Afirmar que o casamento diz respeito a questões práticas referentes a diversos fatores de conveniência também é uma forma de entextualização de discursos antigos, de quando os casamentos eram contraídos por motivações econômicas, antes de o amor romântico ter se espalhado pelas sociedades ocidentais. Como abordado na seção 2.3, o discurso do amor romântico, aquele que duraria para sempre, foi propagado por interesses condizentes com aquela época e, nas sociedades contemporâneas, parece não ser mais tão comum. Na fala de Marília nos excertos aqui apresentados, não fica claro o que seria o amor, mas ele é construído como algo que não tem espaço no cotidiano das pessoas na contemporaneidade, pois elas tendem a priorizar os aspectos práticos em suas escolhas e, por isso, o amor, uma emoção, seria uma inconveniência.

Apesar de os discursos entextualizados nos excertos presentes nesta seção construírem a noção de amor como algo indesejável, alinhando-se mais às teorias contemporâneas de Bauman (2004, 2007), discursos relacionados ao amor romântico também são entextualizados por Marília em outros momentos. Na seção a seguir, apresento narrativas que constroem o amor como algo mágico e duradouro ou eterno.

#### **4.1.3 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como algo mágico e duradouro**

Nesta seção, optei por unir o que originalmente seriam duas seções separadas: amor entextualizado como algo mágico e amor entextualizado como algo duradouro ou

eterno. Esta escolha se baseou no fato de que o segundo excerto apresentado nesta seção passa pelas duas noções diversas vezes, sendo produtivo para ambas as noções construídas sobre amor, e também por parecer que as duas ideias são correlatas na fala da participante. Sendo assim, começo a seção com um excerto que foca no aspecto “mágico”, passo para um excerto longo, contendo uma narrativa que entextualiza o amor como algo mágico e eterno e termino a seção com um excerto que foca no aspecto “duradouro”.

Nos discursos de amor romântico, uma das ideias propagadas é de que o amor seria algo mágico e especial, representando um encontro de almas (GIDDENS, 1993). Esse tipo de discurso foi entextualizado por Marília algumas vezes nos eventos de letramento realizados. Os excertos apresentados nesta seção tratam, respectivamente, de uma descrição do amor dos personagens Edward e Bella e de um casal observado por Marília.

Em dado momento da conversa com Marília, discutindo algumas cenas do primeiro livro da saga Crepúsculo, a participante comenta que a personagem Bella se envolve com coisas absurdas e diversos perigos. Nesse contexto, faço a pergunta que inicia o trecho a seguir.

**Excerto 8: “é uma coisa especial, meio que divino, como se fosse uma coisa de almas que se reencontram”**

1	Laura	Mas então, uma coisa que... que... que é >muito criticada também na
2		história< é que ela... o cara fala “ah eu já matei”, aí ela fala: “tudo
3		bem”, né, aí ele fala “eu já <u>quis matar você</u> ” e ela fala: “eu confio em
4		você”, ele fala “ <u>não confia em mim</u> ”, ela fala “eu con↑fio em você,

5		você não vai fazer nada comigo” hh e as pessoas falam “ <u>gente</u> , não,
6		olha só, se o cara te diz ‘eu já quis matar você’, [sai <u>correndo</u> ]”
7	Marília	[cai fora, [cai fora hh
8	Laura	[hh sai correndo
9		((linhas omitidas)) <sup>14</sup>
10	Marília	<u>Eu acho</u> que ela não tem um ↑pingo de <u>instinto</u> de [autopreservação
11	Laura	[autopreservação
12	Marília	isso aí ela não tem <u>mesmo</u> . >O personagem não tem.< E eu <u>acho</u> que é
13		uma coisa < <u>pra carregar</u> o romance de um amor assi::m>... eh:: eh::
14		>como é que a gente vai dizer?< Impo↑ssível. <u>Impossível não</u> , um
15		amor difere::nte, <u>especia::l</u> , né, é uma coisa assim, meio que::
16		<u>instintiva</u> , é como se ela <u>senti::sse</u> , né, que <u>ele</u> , né, como eles têm uma
17		ligação especial... quando ela fala que toca nele, que tem uma
18		eletricida::de e tal, é como se fosse pra <u>validar</u> essa <u>ideia</u> de que o amor
19		<u>especial</u> que existe entre eles dois, né, que ela <u>bate</u> isso o livro <u>todo</u> , né,
20		o amor deles é um amor < <u>especia::l</u> >, difere::nte <u>de todos</u> . Ela fala das
21		outras relações, ela fala da relação do Emmet, da relação do <u>próprio</u>
22		Carlile com a- existem as relações afetivas <u>diferenciadas</u> no mesmo...
23		no mesmo grupo deles, e o deles não, o deles é uma coisa especial,
24		meio que <u>divino</u> , como se fosse uma coisa de < <u>almas</u> que se
25		reencontram>, né. Isso é... >é como se fosse assim<, ela <u>percebe</u>
26		primeiro essa conexão deles, e ela ↑se abre totalmente, “não, pode vir,
27		eu con↑fio, eu faço, nossa, você matou? >sem problema, pode
28		continuar matando<, tudo <u>bem</u> , eu <u>entendo</u> , é da natu- é uma

<sup>14</sup> Neste e em outros trechos, algumas linhas foram omitidas por não serem relevantes para o objetivo da análise.

29	<u>necessida::de</u> , né, do tipo da- você que é um vampi::ro, né” >seja lá o
30	que for<, é como se fosse um reconhecimento <u>dela</u> antes de que aquele
31	amor deles é uma coisa <transcendental>, veio de <u>outra</u> encarnação...
32	<u>um encontro de almas</u> , e não uma coisa... eh- [eh- é meio que uma
33	coisa fant <u>ástica</u>

Começo o excerto 8 relatando críticas de leitores da série Crepúsculo (linhas 1 a 6) e, ainda na minha própria fala, narro uma das cenas mais famosas do primeiro filme da série, como maneira de ilustrar as críticas feitas. As falas do personagem Edward no livro são indexicalizadas por mim como indicativo de perigo (linhas 5 e 6) e meu posicionamento é ratificado por Marília na linha 7, que explica o comportamento de Bella entextualizando um discurso do próprio livro, que afirma que Bella não tem instinto de autopreservação (linha 10), ressaltando essa falta do instinto com o tom de voz mais agudo em “um ↑pingo de” e reafirmando, na linha 12, que “isso aí ela não tem mesmo”, com ênfase no último termo.

Marília, em seguida, justifica essa falta de instinto de autopreservação de Bella diante das declarações de Edward de que já quis matá-la como um recurso literário para mostrar o quão especial era o amor dos dois. Isso pode ser observado nas linhas 12 e 13 (“eu acho que é uma coisa assim <pra carregar o romance de um amor assi::m...>”) e 17 e 18 (“é como se fosse pra validar essa ideia de que o amor que existe entre eles dois é especial”). A fala de Marília apresenta ênfase nas informações mais relevantes para seu argumento de que a situação descrita é um recurso literário, tornando mais contundente sua afirmação de que um amor dessa maneira é tão excepcional que não existiria fora dos livros, como visto no excerto 6, na seção anterior.

Marília predica o amor entre os personagens através do uso de diversos termos ao longo de sua fala nesse trecho: “um amor difere::nte, especia::l” (linhas 14 e 15), “uma coisa assim, meio que:: instintiva” (linhas 14 e 15), “é como se ela senti::sse [...] como eles têm uma ligação especial” (linhas 15 e 16), “que tem uma eletricidade e tal” (linhas 17 e 18), “difere::nte de todos” (linha 20), “o deles é uma coisa especial, meio que divino, como se fosse uma coisa de <almas que se reencontram>” (linhas 23 a 25), “aquele amor deles é uma coisa <transcendental>, veio de outra encarnação, um encontro de almas” (linha 30 e 31) e “é meio que uma coisa fantástica” (linhas 32 e 33).

Todos os termos listados que aparecem na fala de Marília predica o amor entre os personagens como algo excepcional, fora do comum (o que é ressaltado pelas ênfases e alongamento) e, por isso, especial – discurso que re-entextualiza os discursos do amor romântico (cf. seção 2.3). É interessante notar que, entre as linhas 5 e 12, construímos na interação a ideia de que o tipo de situação descrito entre as linhas 1 e 5, em um contexto real, seria predicado como um perigo e, no livro, essa situação qualifica o posicionamento da personagem Bella em aceitar o risco e o posicionamento de Edward de se controlar como provas de amor. Desse modo, aquilo que, em um contexto real, seria valorado como um risco à integridade física e à própria vida da menina – podendo inclusive caracterizar uma relação abusiva –, é re-entextualizado como prova de que o amor daqueles dois é especial e capaz de superar até mesmo algo tão grave, como o desejo de matar que o rapaz sente.

Partindo de uma perspectiva sócio-construcionista discursiva, a qual adoto nesta pesquisa, pode-se afirmar que a entextualização do discurso amoroso como algo mágico que supera tudo, até mesmo um desejo assassino, pode ter efeitos materiais sérios nas relações amorosas. Se, por um lado, as relações são descritas na atualidade como pouco duradouras (GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2004, 2007), por outro, ainda há circulação

de discursos de que o amor deve durar para sempre e que, se ele é verdadeiro, deve superar inúmeras dificuldades e passar por uma série de provações. Os efeitos desses discursos nas relações potencialmente fariam indivíduos insistirem em relações que não os satisfazem emocionalmente, por terem aprendido que o amor deve passar por essas complicações e que é normal.

O excerto a seguir começa com Marília tentando explicar a diferença entre gostar e amar. Para isso, ela entextualiza uma narrativa sobre um casal que observou em uma viagem, construindo discursivamente o amor como algo mágico e duradouro.

**Excerto 9: “a gente via que existia uma conexão maior entre eles dois”**

1	Marília	gostar é quando você convive bem, naturalmente, com uma pessoa, é
2		agradável, é legal, entendeu? Amar é quando- entendeu, eu acho que
3		é uma coisa mais profunda, eh eh eh é uma coisa assim que ↑você
4		num num é até complicado de você explicar. Eu vejo assim esses
5		casais... eu vi um casal quando a gente tava viajando, que ela parecia
6		ter tido um derrame, >que ela tinha uma deficienzinha qualquer<, e
7		eu via nele assim uma paciência, um cuidado, um interesse em
8		saber se ela tava bem, se ela tava sentada, se ela tava- aparentemente,
9		eles passavam aquela ideia de <completude>, de um interessado no que
10		o outro fazia, um gostando de saber que o outro tava se divertindo.. ela
11		falava- ela começava um assunto, ele completava, eles pareciam muito
12		entrosados com aquilo que eles tavam falando, de uma forma
13		agradável, de como criaram os filhos, de como agora estão sozinhos,
14		mas tão procurando coisas de interesse deles dois, que eles se

15		dive::rtem, que eles tro::cam.... <u>isso</u> é uma coisa:: <que <u>eles</u> se sentem
16		bem <u>sozinhos</u> , o <u>casal</u> fica <u>bem</u> quando tá <u>só</u> o <u>casal</u> > e e e isso parece
17		que é uma forma de amor mais... madu::ra, mais <u>antiga</u> , aquela coisa
18		ma::is >que vem se desenvolvendo. Porque< as pessoas pensam que é
19		aquela coisa, que você vai <u>deixando</u> de gostar, eu sempre acho- achei
20		que, quando você <u>gosta</u> , <u>ama</u> uma pessoa, ela não ↑vai... acho que com
21		o <u>tempo</u> você tem que amar <u>mais</u> , se você ama ↑ <u>menos</u> , você não- né,
22		se o troço <u>vai acabando</u> hh me <u>confunde</u> , me deixa meio <u>preocupada</u> .
23		Eu acho que o <u>amor</u> , ele começa <u>pequeno</u> e, conforme você vai
24		conhecendo <u>mais</u> a <u>pessoa</u> , se você realmente- se é um amor <tipo
25		Edward e Bella>, ele é uma coisa que <u>cresce</u> e <u>não</u> que <u>encolhe</u> . E eu
26		<só ↑ <u>vejo</u> os <u>amores</u> que en↑ <u>colhem</u> >
27	Laura	hu-hum
28	Marília	então eu vejo que <u>isso</u> é <u>gostar</u> , <u>houve</u> um <u>momento</u> de grande <u>euforia</u> ,
29		de grande <u>paixão</u> , de intere::ses e tal, mas o <u>tempo</u> , e o
30		>comportamento do outro vai< <u>desagradando</u> , <u>desagradando</u> , e o amor
31		vai murcha::ndo, depois fica aquela coisa “é conveniente a gente viver
32		<u>junto</u> ? É <u>legal</u> ? Ele não é tão ruim assi::m, dá pra ficar” >e tal, né<,
33		mas amo::r amo::r >eu acho que é aquela coisa que vai crescendo, eu
34		acho que você< no::ta no o::tro... até a <u>maneira</u> de olhar lá nos <u>dois</u>
35		<u>coroas</u> lá, a gente <u>via</u> que existia uma <u>conexão maior</u> entre eles dois.
36		Não é a mesma coisa como os outros, você vê que tem pessoas que se
37		<u>bastam duas</u> , vivem <u>bem</u> , se <u>divertem</u> , mas <outras que só conseguem
38		sair em <u>grupo</u> >
39	Laura	hu-hum

40	Marília	que quando tão juntas sozinhas mal se <u>falam</u> , não <u>conversam</u> , né, ficam
41		ali as <u>duas</u> , bebem, comem, >“vambora”, pagam a conta e viram as
42		costas e vão embora<. Você não <u>percebe</u> uma conexão, de < <u>interesses</u> >
43		de:: elas não tão <u>dividindo</u> aquele <u>momento</u> , >elas tão as duas no
44		mesmo lugar<, <mas não tão <u>dividindo</u> aquilo ali>, não tão partici- não
45		tão <u>sentindo</u> não tão <em <u>sintonia</u> > <u>naquilo</u> ali.

Marília inicia o excerto predicando o “gostar” com somente qualidades positivas (“agradável” e “legal”, linha 2), diferenciando de “amar”, que ela predica como “uma coisa mais profunda” (linha 3) e “complicado de você explicar” (linha 4), discurso esse, alinhado à construção de amor como algo mágico e, por isso, incompreensível. Para exemplificar aquilo que entende como amor, Marília entextualiza uma narrativa sobre um casal que observou em uma viagem, mais uma vez posicionando-se como observadora de relações à sua volta (linha 5).

O alongamento de vogais nas palavras “paciência”, “cuidado” e “interesse” (linha 7) ressalta as qualidades predicadas por Marília como determinantes para que ela predicasse o casal em questão como um exemplo do que ela entende por amor. Essas qualidades se alinham mais com a construção do amor como companheirismo e cuidado com o outro (cf. seção 4.1.4) do que com a construção do amor como algo mágico que a participante começou fazendo. Esse companheirismo e cuidado são também alinhados com o gostar da amizade que, em princípio, Marília descarta como o que seria o amor de um casal.

Logo em seguida, Marília predica a paciência, o cuidado e o interesse que mencionou com a noção de “completude” (linha 9), re-entextualizando discursos mais



tradicionais relacionados ao amor romântico, isto é, dois indivíduos incompletos que se encontram e assim formam algo único. Surge também nessa narrativa o discurso do senso comum relativo à “sintonia” entre os amantes, que Marília entextualiza afirmando que um completava o assunto do outro (linhas 10 a 12). Marília, então, volta para a questão do companheirismo (linhas 14 a 16) e a indexicaliza como “uma forma de amor... mais madu::ra, mais anti::ga” (linhas 17 e 18), predicando o companheirismo como constitutivo do amor romântico e indexicalizando certo saudosismo por meio do alongamento das vogais nas palavras que utiliza para predicar tal forma de amor.

Entendo, nesse trecho entre as linhas 9 e 18, que Marília introduz a construção de amor como algo duradouro, pois, embora não fale explicitamente sobre a duração, ela segue listando características e maneiras de se comportar em um casal que fazem com que a relação dure. Acredito que seja a isso que a participante se refere quando predica o companheirismo como “uma forma de amor mais madura, mais antiga”, pois essa noção parece remeter àquela de que, antigamente, as pessoas se preocupavam mais em manter as relações, que não eram frágeis e “descartáveis” como Bauman (2004, 2007) entende que elas são hoje em dia, indexicalizando um discurso saudosista a respeito das relações.

Nas linhas seguintes (18 a 22), Marília afirma que o amor, com o tempo, vai crescendo, o que corrobora meu entendimento de que sua fala até então estava, aos poucos, construindo aquilo que uma relação amorosa precisa ter para ser duradoura. Marília, então, predica essa duração e o desenvolvimento do amor como condições para que aquele sentimento seja considerado amor de verdade, um amor “tipo Edward e Bella” (linhas 24 e 25), indexicalizando, novamente, as características do amor romântico relacionadas aos personagens do livro como algo positivo e indicativo do que é o amor. Marília, em seguida, retoma seu posicionamento de observadora e afirma, em

ritmo desacelerado: “eu <só ↑vejo os amores que en↑colhem>” (linhas 25 e 26), indicando outra vez que ela não encontra na vida real o amor que ela identifica entre os personagens do livro. A fala desacelerada, as ênfases e os agudos dessa frase entre as linhas 25 e 26 indexalizam um posicionamento de lamentação da participante em relação a isso.

Na linha 28, Marília associa os “amores que encolhem” com o simples “gostar” que ela havia começado a caracterizar nas linhas 1 e 2. A participante re-entextualiza discursos de que, passada uma empolgação inicial, chega-se nos questionamentos práticos e racionais (ver seção 5.1.2) que, por fim, acabam com a relação – e, se a relação acaba, não era amor (linhas 28 a 33). Marília volta a construir o amor como algo mágico nas linhas seguintes, quando volta a re-entextualizar a narrativa sobre o casal que observou na viagem, afirmando que “existia uma conexão maior entre eles dois” (linha 35).

Essa conexão inexplicável volta a ser re-entextualizada na linha 42, em oposição à relação de casais que não conversam e não dividem interesses. É curioso notar como discursos contraditórios são entextualizados nesse excerto, pois, aquilo que Marília caracteriza como um companheirismo necessário para que algo seja considerado amor se alinha muito mais com aquilo que ela constrói como um simples “gostar”, ao qual falta o fator mágico e inexplicável que ela atribui ao amor. Essa contradição também aparece na série de livros Crepúsculo: Bella afirma diversas vezes que gosta de Jacob, o lobisomen, pois é muito fácil conversar com ele e que ele é real, enquanto Edward a intimida desde o início, pois possui a aura mágica e inexplicável do amor verdadeiro.

A entextualização de amor como algo duradouro aparece de maneira mais direta no excerto a seguir, quando Marília predica o amor com uma doença crônica.

**Excerto 10: “é como se fosse uma doença crônica”**

1	Marília	que eu acredito, da <u>minha</u> época, né, da <u>minha</u> maneira de ver o <u>amor</u> ,
2		eu acho que isso deveria ser uma coisa que... quando <u>existe</u> , <u>exi::ste</u> e
3		deve- e <u>perdura</u> , é é como se fosse assim hh ↑é como se fosse uma
4		doença ↑crônica! Hhhh
5	Laura	hhhh
6	Marília	hhhhh ↑doença crônica! Hhh você vai trata:::ndo, não tem <u>cura</u> ! Hh
7	Laura	hhh
8		((linhas omitidas))
9	Marília	não tem <u>cura</u> , mas você vai <u>cuidando</u> , entendeu, é uma doença <u>crônica</u>
10		hh porque:: eu não ↑posso deixar eh eh eu também não posso
11		desvalorizar o amor dos outros. Tipo assim, “ah eu amei ↑ela durante
12		um ano, foi um <u>AMOR</u> ”, será que <u>aquilo é amor</u> ? <u>É a doença crônica</u> ?
13		Não é, né, que <u>se curou</u> , <u>se mudou</u> , sei ↑lá, é o amor- será que- será que
14		existem <u>várias</u> formas de amor? Um amor que dura um <u>ano</u> , um amor
15		que dura <u>dois anos</u> , um amor de <u>momento</u> , um amor <u>crônico</u> ... eu- pra
16		mim amor é uma coisa mais... acho que <u>isso é gostar</u> , é paixão, <u>gostou</u> ,
17		né, e depois <u>gostou</u> , virou <u>amigo</u> , “dá mais não, >vamo catar outra
18		paixão”, né, que o ser humano, ele é movido< a <u>paixão</u> , né, ele <u>precisa</u>
19		tá apaixonado o tempo inteiro, e a paixão dá menos <u>trabalho</u> . Amor, eu
20		acho que dá <u>mais</u> trabalho, acho que <amor é ↑mesmo isso, é uma
21		<u>doença crônica</u> que algumas pessoas desenvolvem aí pela vida>, >mas a
22		maioria não<. Não acredito- eh- eu tô meio desiludida... eh:: <eu não
23		acredito mais em amo::r daquela- dessa forma::> o <u>Edward</u> é o Edward,

24	eu acho que ele tem que ser guardado como um <u>livro</u>
----	---

Marília inicia este excerto enfatizando, por meio de modalização epistêmica (“eu acredito, da minha época, da minha maneira de ver”, linha 1), com ênfase nos pronomes possessivos, que aquilo que irá dizer trata-se apenas de sua opinião pessoal a respeito do assunto. A participante também localiza sua perspectiva em um tempo passado (“da minha época”, linha 1), dando a entender que seu posicionamento em relação ao tópico é tomado graças à observação de algo que acontecia há algum tempo – e não acontece mais – ou que é próprio de sua geração – e não das gerações mais recentes.

Logo em seguida, Marília predica a duração como condicionamento para que um amor exista (“quando existe, exi::ste e deve- e perdura”, linhas 2 e 3). A ênfase no primeiro “existe” pressupõe um “de verdade”, e o alongamento da vogal na segunda ocorrência do verbo gera expectativa por um complemento, que vem também enfatizado (“perdura”), indexicalizando uma resolução quanto ao que vinha discutindo. Após estabelecer que o amor, se existe, perdura, Marília o compara, enfim, a uma doença crônica (linhas 3 e 4). A comparação inusitada é marcada pelo tom de voz mais agudo e pelas risadas em seguida.

Na linha 6, Marília caracteriza uma doença crônica como algo que “você vai trata::ndo”, alongando a vogal, causando a impressão de que dá trabalho e leva tempo, e “não tem cura”, construindo o significado de amor como algo que precisa de constante cuidado (tratamento) e que dura até o fim da vida. Essa ideia e a ênfase no tempo de duração são repetidos na linha 9 (“não tem cura”; “você vai cuidando”, este ressaltado pelo uso do gerúndio; “é uma doença crônica”).

Nas linhas 10 e 11, Marília parece aceitar outras formas de amor menos duradouras quando afirma “eu também não posso desvalorizar o amor dos outros”. No entanto, nas linhas 11 e 12, a participante anima a voz do suposto amante com bastante ênfase na palavra “amor”, marcando-a com uma intensidade que indexicaliza descrença em relação àquilo ter sido mesmo amor se durou apenas um ano.

Marília parece novamente fazer um autoquestionamento em relação à ideia da duração na linha 12, mas logo retoma, na linha 13 (“Não é, né”), e reafirma o condicionamento da duração (“se mudou”, linha 13), acrescentando o condicionamento da imutabilidade (“se curou”, linha 13). Entre as linhas 14 e 15, Marília volta ao questionamento e a permitir outros tipos de amor, que teriam diferentes durações (“um amor que dura um ano, um amor que dura dois anos, um amor de momento, um amor crônico”), concluindo, em seguida, que amor é mais que isso (linha 16).

Marília diferencia “gostar” e “amar”, predicando o “gostar” com um sentimento de amizade (linha 17), que ela não chega a caracterizar, e com a paixão (linhas 17 a 19), implicando que a pouca duração de um relacionamento significa que não era um relacionamento mantido por amor, mas por paixão e que, no momento em que a paixão cessou, o indivíduo precisou ir em busca de outra. Marília re-entextualiza um discurso comum no cotidiano de que todos precisamos de paixões como motivação e também o discurso de que, em oposição ao amor – uma doença crônica –, a paixão seria menos trabalhosa, re-entextualizando também o discurso sobre o binarismo tradicional de “trabalho” e “prazer”.

Por fim, Marília predica o amor como algo que dá trabalho (linha 19) – o que pode ser associado ao que seria o tratamento da tal doença crônica –, e como algo que não é para todos (“algumas pessoas desenvolvem aí pela vida, mas a maioria não”, linhas 21 e 22). Marília, então, se posiciona como alguém que está desiludida em

relação a essa ideia de amor (linhas 22 e 23) – posicionamento reforçado pelos alongamentos e fala desacelerada, como quem está refletindo – e afirma não acreditar mais em amor como aquilo que ela entende pelos livros da saga Crepúsculo (linhas 22 a 24), concluindo que devemos aceitar que aquele amor só existe mesmo em livros (linha 24). Desse modo, podemos observar que aquilo que Marília constrói como amor nesse excerto é algo que ela mesma constrói como inexistente fora da ficção. Os efeitos práticos desse discurso que constrói o amor como algo mágico e duradouro que, na verdade, não existe, podem explicar a desilusão que a participante diz sentir, pois cria crenças e expectativas em torno de algo que já é dado como inalcançável.

Vale ressaltar que o modo como Marília predica amor como uma doença crônica prevê outros sentidos além da duração e da necessidade de tratamento. Quando se pensa em doenças, é indexicalizada também a ideia de inconveniência (cf. seção 4.1.2), pois ninguém deseja ou gosta de ficar doente e ter que tratar de um problema. Na entextualização do discurso de amor como algo duradouro, Marília curiosamente optou pela comparação a algo construído como negativo e, por isso, indesejável em nossa cultura, carregando também esses sentidos para a noção de amor.

#### **4.1.4 Performances narrativas que entextualizam discursos de amor como companheirismo e cuidado com o outro**

Nas narrativas apresentadas nesta seção, Marília constrói o amor como uma forma de companheirismo e cuidado com o outro, em convivência ou competição com outros discursos relacionados ao amor. No primeiro excerto, pergunto à participante o que ela entende por “amor romântico”.

**Excerto 11: “é uma coisa de cuidar mesmo, de ter cuidado com o outro, de se importar com o que a pessoa sente”**

1	Laura	O que que:: você entende por amor romântico?
2	Marília	A::mor romântico? Ai, eu acho que é aquele amorzi::nho, que
3		boniti::nho, da consideraça::o, do cara que- se <u>le::mbra</u> - hh vamo lá!
4		Hh ↑Tudo que não conheço! hhhh ↓>quer dizer, não vivi<. se lembra
5		do seu aniversá::rio, datas importantes, que <u>gosta</u> — <u>sabe</u> do que você
6		<u>gosta</u> , tenta te agrada::r uma vez por o::utra, le::mbra do- assi::m,... eh,
7		uma coisa que... assim, uma coisa paralela, vamo lá. Eu perguntava
8		muito a:: a... ↓ao sujeito lá que- <u>perguntava</u> não, era uma coisa que eu
9		sempre constatava junto com ele, “cê sabe de uma coisa? Se alguém
10		perguntar pra <u>você</u> do que que eu gosto, >você tá <u>fodido</u> <, você não vai
11		>saber- você sabe< qual é a cor que eu gosto?”, “não”, “você ↑sabe
12		qual é a comida que eu mais gosto?”, “ <u>não</u> ”, “você sabe a coisa que eu
13		<u>mais gosto</u> de fazer?”, “ <u>não</u> ”. Quer dizer, <u>hoje em dia</u> , eu vejo que as
14		pessoas <u>não têm interesse</u> em realmente <u>conhecer</u> o que que o outro
15		realmente quer e eu <u>acho</u> que isso é ser <u>romântico</u> , é querer <u>saber</u> , é se
16		<u>importar</u> com o outro, o que que o outro go::sta, >“não vou fazer isso
17		porque eu sei que ele vai ficar chateado”<, não é que eu não vou fazer
18		NUNCA, mas se eu puder evitar determinadas situações, dá pra gente::
19		evita::r aborrece::r, ↑não é só aborrecer, <u>magoar</u> as pessoas assim, ter
20		mais cuidado, ser <u>cuidadoso</u> com a outra pessoa. Eu acho que amor
21		romântico é isso. Não é só trazer uma florzi::nha e um bombomzi::nho

22	e vá::::: te ferrar. Não, eu acho que é- uma coisa de cuidar mesmo, de
23	ter cuidado com o outro, de:: <u>se importar</u> com o que a pessoa se::nte...
24	como- observa::r o que a pessoa go::sta, ter cuidado, ter interesse pela
25	outra pessoa, isso pra mim é que é amor romântico.

O excerto 11 tem início quando pergunto o que a participante entende por amor romântico. Minha intenção era saber se Marília entende amor romântico da mesma maneira que entendo com base nas teorizações discutidas na seção 2.3 e quais discursos disponíveis na sociedade seriam entextualizados por ela. Marília começa a falar de amor romântico da maneira como “ser romântico” é entendido nos discursos mais populares na contemporaneidade, o que não tem necessariamente uma relação com o amor romântico de séculos atrás. Enquanto o amor romântico de séculos atrás pressupõe uma relação entre herói dedicado que se sacrifica por uma dama delicada, o romantismo da contemporaneidade remete, no senso comum, a práticas como dar flores, lembrar-se de datas importantes etc.

Marília dá início ao seu turno na linha 2 alongando as vogais em um tom interrogativo, como quem está pensando no que irá dizer. Em seguida, a participante parece mostrar certo desdém em relação a um amor que ela predica como romântico, através do uso de diminutivos (linhas 2 e 3) e do alongamento das vogais na linha 4. Em um repente, Marília começa a falar sobre si própria, rindo e ficando com a voz mais aguda e, em seguida, se corrige por meio de fala acelerada e mais baixa: o que antes ela disse não conhecer, ela agora retifica que conhece, mas não viveu (linha 4), posicionando-se como alguém que só identifica amor como ela o entende em relações



de outras mulheres, posicionamento que se assemelha ao de observadora que a participante assume em outros trechos analisados nesta pesquisa.

Com a fala acelerada, Marília faz um adendo, dizendo “uma coisa paralela”, seguido de um “vamo lá” (linha 7), marcador já utilizado na linha 3 para introduzir o um comentário pessoal. Desta vez, Marília re-entextualiza uma narrativa. Marília mostra-se hesitante em mencionar o ex-marido e, por fim, baixa o tom de voz ao referir-se a ele como “o sujeito lá” (linhas 6 a 8). Isso pode ser justificado dado que, no momento da gravação, os filhos de Marília com o ex-marido estavam em casa, em seus respectivos quartos, perto o suficiente para ouvir a conversa, que foi interrompida por eles algumas vezes ao longo da gravação (mas não nos trechos aqui utilizados para análise). A participante começa contando que sempre perguntava algo a seu ex-marido e logo se corrige, mostrando mais uma vez uma atividade reflexiva na escolha da linguagem utilizada, afirmando que não perguntava, mas “constatava junto com ele” (linha 9).

Na narrativa que segue entre as linhas 7 a 13, Marília, através da fala relatada, é responsável e animadora (GOFFMAN, [1979] 2002) das falas de seu personagem no evento narrado e é animadora das falas do personagem de seu ex-marido. Marília se posiciona ao longo da narrativa como carente de cuidados em um relacionamento passado, enquanto seu ex-marido é posicionado como desconhecedor de seus gostos e preferências. A segunda e a terceira ocorrência da palavra “não” (linhas 12 e 13) têm maior destaque na fala da participante, o que enfatiza que, segundo ela conta, seu ex-marido não a conhecia ou não se interessava em saber sobre ela. Essa narrativa se encaixa na fala de Marília como um exemplo do que ela vinha falando e prefacia a explicação que vem a seguir, na linha 13, sobre como, hoje em dia, as pessoas não têm

interesse pelas outras. A partir de uma experiência relatada, Marília mostra entender que as pessoas são assim.

Entre as linhas 14 e 16, Marília enfatiza os verbos que listam o que ela entende sobre o que é demonstrar interesse por outra pessoa (“conhecer”, “saber”, “se importar”), dando destaque a essas ações. A mesma estratégia prosódica, bem como o alongamento e destaque de vogais, aparece entre as linhas 22 e 24, em “cuidar”. “se importar”, “sente” e “gosta”. Nota-se que todos os verbos utilizados pela participante para explicar o que é ter interesse por alguém são verbos do campo semântico de afetividade. Ela, então, contrasta-os com o ato de dar presentes como flores e bombons, re-entextualizando discursos populares em relação a ações consideradas românticas e demonstrando certo desdém em relação à prática, através do uso de diminutivos e alongamento de vogais (linha 21). Por fim, Marília relaciona esse tipo amor com a ideia de cuidado e repete essa relação cinco vezes entre as linhas 20 e 24, posicionando-se como entendedora do que seria amor de verdade. Ao relacionar amor com cuidado com o outro em contraste com ações como dar presentes, Marília não se posiciona quanto ao que amar significaria na prática, pois se restringe aos verbos afetivos para definir sua compreensão de amor.

Tradicionalmente, presentear alguém com flores ou bombons é considerado um ato romântico. Marília descarta essa indexicalização. Não é considerado em sua fala que dar flores ou bombons pode ser entendido como uma maneira prática de demonstrar o cuidado com o outro, o que ela relaciona com amor.

No próximo excerto, Marília comenta sobre alguns casais que, para ela, funcionam e são felizes.

**Excerto 12: “*Todos os lugares que a gente vai, eles tão sempre juntos*”**

1	Laura	e desses casais o que que <u>faz</u> <u>voçê</u> achar que eles tão bem, o que que::
2	Marília	eles curtem muitas... <u>bom</u> , é uma coisa muito <u>externa</u> , é uma observação
3		de <u>fora</u> . <E <u>para</u> quem tá de <u>fora</u> eles aparentemente são <u>felizes</u> >. Né,
4		eu vejo eles dividindo muito eh eh:: eh eh como é que eu vou te dizer?
5		Eh eh:: convi- <fazendo <u>coisas</u> juntos> o tempo <u>todo</u> , <u>muito</u> <u>pouco</u>
6		sozinhos, eu não vejo mais eh eh a <u>mulher</u> <u>separada</u> do <u>homem</u> , >ele
7		saindo prum <u>lugar</u> , ela pra <u>outro</u> <... >eles tão fazendo muitas
8		atividades... eles fazem muitas atividades <u>juntos</u> <. <u>Todos</u> os lugares que
9		a gente <u>vai</u> , eles tão sempre ju::ntos... eu <u>vejo</u> aquela coisa da
10		solidariedade, um ajudando o o::utro... né, um <u>segura</u> a <u>bolsa</u> , o outro
11		faz um- né, eu <u>vejo</u> uma uma- eles <u>tentando</u> :: eh eh fazer uma <u>dupla</u>
12		mesmo, umas atividades bem <com <u>panheiras</u> > um com o <u>outro</u> , >eu
13		vejo acho que é mais ou menos por aí< eu vejo eh- uma- eh- eu <u>observo</u>
14		isso neles, um <u>tentando</u> :: <u>suprir</u> o outro.

O excerto 12 tem início na minha tomada de turno, questionando Marília sobre o que ela via nos casais felizes sobre os quais estava comentando que a fazia achar que eles eram felizes. Marília, como em diversos outros excertos, se posiciona como observadora de casais a sua volta, ressaltando seu posicionamento nas linhas 2 e 3 (“é uma coisa muito externa, é uma observação de fora”, com ênfase em “externa” e “fora”, e “<para quem tá de fora, eles aparentemente são felizes>”, em reafirmando com a fala desacelerada que se trata apenas de uma observação). Esse posicionamento é marcado

também pelo uso dos verbos “ver” e “observar” nas linhas 4, 9, 11 e 13, enfatizados na fala em metade das ocorrências.

O amor nesse trecho é predicado por Marília como companheirismo, como pode ser observado na linha 4 (“eu vejo eles dividindo muito”), na linha 5 (“<fazendo coisas juntos> o tempo todo”), na linha 8 (“eles fazem muitas atividades juntos”), linhas 8 e 9 (“todos os lugares que a gente vai, eles tão sempre ju::ntos”) e na linha 12 (“umas atividades bem <companheiras> um com o outro”). O ritmo desacelerado ao falar “companheiras” destaca essa entextualização do companheirismo como prova de que existe amor entre um casal. Entre as linhas 4 e 7, Marília opõe a ideia de companheirismo construída à individualidade de cada membro do casal, o que indexicaliza a individualidade (“ele saindo prum lugar, ela pro outro”, linhas 6 e 7) como algo negativo dentro de um relacionamento amoroso.

É também alinhada ao companheirismo a ideia de cuidado com o outro, que pode ser observada entre as linhas 9 e 13. Ao indexicalizar a solidariedade como algo tão importante e positivo em um relacionamento amoroso, Marília re-entextualiza discursos variados em relação ao amor. A ideia do companheirismo e do cuidado com o outro são oriundas do surgimento do amor romântico e da mudança na organização familiar no fim do século XVIII. Como visto na seção 2.3, é nessa época que os casamentos passam a significar uma relação de companheirismo mútuo entre marido e mulher. Essa ideia, porém, não ecoa os discursos mais recentes sobre amor, como o do amor confluyente (GIDDENS, 1993); ela seria diluída apenas nos discursos de amor líquido de Bauman (2004), visto que esse se refere a relações mais fugazes.

A diferença entre o companheirismo dos discursos de amor romântico e o dos discursos de amor confluyente estaria no fato de que, no amor romântico, o companheirismo está relacionado à incondicionalidade desse amor e também a uma

hierarquização dos gêneros, com papéis sociais bem definidos para cada. Nos discursos de amor confluyente, o companheirismo é uma escolha que se faz em um relacionamento como empenho para que ele funcione, e não um componente presumido dessa relação. Já nos discursos de amor líquido, a noção de companheirismo não é prevista, pois o que se observa é um esvaziamento das emoções das relações afetivas e sexuais. Discorro de maneira mais aprofundada sobre esse assunto na seção 5.1.

Tendo finalizado aqui os movimentos analíticos dos trechos relacionados à entextualização dos significados de amor nas performances narrativas da participante, sigo para a segunda seção deste capítulo, dedicada à construção dos gêneros nas relações amorosas.

## **4.2 A construção dos gêneros nas relações amorosas**

O amor romântico diferencia os gêneros feminino e masculino por meio da divisão de tarefas entre os dois, sendo o homem responsável por cuidar da propriedade e do trabalho e a mulher, subordinada a ele, responsável pelo lar e pela família (GIDDENS, 1993). Embora muito tenha mudado na contemporaneidade e, hoje em dia, as mulheres cada vez mais trabalhem fora e os homens cuidem também das tarefas do lar e dos filhos, alguns desses valores ainda prevalecem na sociedade e ainda fazem circular discursos que hierarquizam os gêneros nas relações amorosas. Esses discursos são aqueles que pregam que a mulher deve ser cortejada e não deve tomar iniciativas amorosas – embora seja aceito socialmente cada vez mais que mulheres se aproximem de possíveis parceiros sexuais, ainda há quem critique mulheres com esse comportamento. É nesse mesmo contexto que um homem que se relaciona sexualmente com muitas mulheres é considerado normal e uma mulher que faz o mesmo com homens não é bem aceita. Além disso, o amor romântico mantém os estereótipos de gênero do discurso dominante, entendendo o homem como prático e racional e a mulher como aquela que de fato se preocuparia com as emoções, sendo mais passíveis de descontrole e mesmo de se apaixonarem.

O excerto a seguir foi retirado da primeira entrevista com a participante Marília. Perguntei a ela por que ela considerava o personagem Edward o homem perfeito.

**Excerto 13: “*ele é mais uma mulher do que um homem*”**

1	Laura	Mas por que que ele é perfeito?
2	Marília	>Porque eu a-< eh- eh- eh- é admirável aquele jeito dele- dele se sentir,
3		é:: uma coisa bonita, eu acho bonito o jeito dele, que ela descreve o::
4		Edward como aquela pessoa assim-... Ele:: ele é mais uma <u>mulher</u> do
5		que um homem, porque... hh Não é? >Ele é mais uma mulher do que
6		um homem<, ele é <u>perfe::ito</u> . Ele:: ele- ele- ele se sacrifi::ca pelo
7		o::tro, ele >é aquela coisa assim<, ele abre- ele gosta <u>tanto</u> dela que
8		ele abre mão da- do- das coisas <u>dele</u> por <u>ela</u> .

Para explicar por que o Edward é o homem perfeito, Marília predica positivamente o comportamento do personagem (“é admirável”, linha 2; “é uma coisa bonita”, “eu acho bonito o jeito dele”, linha 3), enfatizando sempre os termos que indexalizam uma avaliação positiva. As hesitações na linha 2 (“eh- eh- eh-”), os alongamentos na linha 3 (“é::”, “o::”) e as pausas abruptas nas linhas 1 e 4 mostram que Marília estava refletindo conforme falava para tentar explicar seu posicionamento em relação ao personagem. Ela, então, conclui que “ele é mais uma mulher do que um homem” (linhas 4 a 6), conclusão inesperada que a faz rir logo em seguida. Nessa fala, Marília re-entextualiza, de maneira bem enfática, os discursos relacionados aos estereótipos de gênero presentes na nossa cultura, que entende mulheres como mais dedicadas e propensas ao amor do que homens, entendidos como mais racionais. Em vez de entender a maneira de amar do personagem como uma performance de

masculinidade diferente da hegemônica, Marília a associa a uma performance feminina estereotípica.

Marília segue entre as linhas 6 e 8 explicando que Edward é tão perfeito pois se sacrifica pela amada e gosta tanto dela que é capaz de abrir mão de suas próprias coisas. Outra característica do discurso de amor romântico é entextualizada nessa fala, isto é, a predicação do sacrifício e do desprendimento de si próprio como provas de amor. Marília re-entextualiza nesse trecho o discurso do amor romântico datado do fim do século XVIII (GIDDENS, 1993; FREIRE COSTA, 1998), que prevê um herói apaixonado, capaz de fazer tudo e suportar tudo pela mulher amada, uma donzela indefesa que também é consumida por esse amor, e também a lógica dicotômica dos gêneros do senso comum (LOURO, 2010), que presume um homem frio e racional e uma mulher emotiva e passional.

No próximo excerto, Marília expande essa visão do personagem Edward como sendo “mais uma mulher do que um homem”.

**Excerto 14: “uma visão feminina do que um homem deveria ser”**

1	Marília	eu li uma vez- uma citação também na <u>internet</u> duma- de um blog de
2		<u>leitura</u> que eles falavam assi:::m eh:: como é que é? “ninguém me disse
3		que- <u>pra não me apaixonar</u> pelo <u>personagem</u> ” hh eu continuo achando o
4		<u>Edward</u> um::: um::: um < <u>ideal</u> de <u>amor</u> de uma <u>MULHER</u> > ((muito
5		pausadamente))
6	Laura	hmm
7	Marília	uma <u>mulher</u> escreveu, o <u>homem</u> tem que ser <u>assim</u> . Mas ele ↑ não é um
8		<u>homem</u> , né



9	Laura	Hu-hum
10	Marília	absolutamente. Eu ↑num conheço um homem que pense assim, que
11		seja assim. <u>Nunca</u> vi. Só ↑vi <u>ele</u> .
12	Laura	você acha que <u>mulheres</u> pensam assim?
13	Marília	MULHER <u>pensa</u> em <u>homem-</u> <u>pensa</u> que o <u>homem</u> >tem que ser
14		daquela forma<
15	Laura	ah sim
16	Marília	isso não é um ↑homem. Isso é um homem ↑criado por uma ↑ <u>mulher</u> .
17	Laura	hh
18	Marília	↑sempre vai ser. Ele pra <u>mim</u> sempre vai ser um homem criado por
19		uma <u>mulher</u> , a <u>visão</u> <u>feminina</u> do que o <u>homem</u> <u>deveria</u> <u>ser</u> . Das
20		<u>qualida::des</u> , não o que ele deveria <u>ser</u> , das <u>qualidades</u> que um homem
21		deveria <u>ter</u> , >né, o amor incondicional,< a <u>fidelidade</u> ... ele é
22		ex↑tremamente <u>fiel</u>
23	Laura	é verdade
24	Marília	entendeu, e <u>mulher</u> é muito- é, acho que a- <a qualidade <u>mais apreciada</u>
25		pela mulher É a fidelidade>. Por <u>mais</u> que hoje ela <u>traia</u>
26	Laura	hu-hum
27	Marília	>talvez até< <u>mais</u> , <u>tanto quanto</u> ou mais que os <u>homens</u> , >eu acho que a
28		qualidade <u>mais</u> <... pelo <u>tempo</u> que eu vejo, eu acho que uma das
29		qualidades <u>mais</u> ... < <u>apreciadas</u> > pela mulher, <é a <u>fidelidade</u> >. É aquela
30		coisa “ESTOU COM VOCÊ (.) <e mais ninguém>”. >↑Isso a gente
31		fala das <u>mulheres</u> também< que tão <u>procurando</u> uma <u>coisa</u> <u>legal</u> , <u>séria</u> ,
32		não umas <u>mulheres</u> que querem <u>se igualar</u> , querem <u>pensar</u> e <u>agir</u> como
33		um <u>homem</u> . Porque <u>são</u> <u>diferentes</u> .

Entre as linhas 1 e 3, Marília re-entextualiza uma citação de um blog sobre não se apaixonar por um personagem de livro e conclui que Edward é “um <ideal de amor de uma MULHER>” (linha 4). Marília pronuncia essa frase muito pausadamente e com ênfase nas palavras-chave, como que para reforçar seu argumento. As qualidades de Edward predicadas por Marília como tão positivas são justificadas por ela pelo fato de que ele é um personagem que foi escrito por uma mulher, mantendo visões estereotípicas dos gêneros. Nas linhas 10 e 11, Marília se posiciona como observadora das relações e pessoas à sua volta e afirma, por meio de modalização epistêmica, nunca ter visto um homem assim, o que corrobora sua fala de que um homem como o Edward não existe fora dos livros. Marília é categórica nessa afirmação, o que é ressaltado pela ênfase na palavra “nunca”. Essa predicação de Edward como um homem que é o ideal de uma mulher volta a aparecer, também com bastante ênfase, nas linhas 7 e 8, 13 e 14, 16 e 18 e 19.

Nota-se também, na linha 19, que Marília predica Edward como o homem ideal para qualquer mulher. O uso do artigo definido “a” em “a visão feminina do que o homem deveria ser” permite a inferência de que há uma visão feminina única do que um homem deveria ser e que essa visão é aquela descrita nas linhas seguintes: um homem que é fiel e ama incondicionalmente a sua parceira. O mesmo artigo definido aparece também nas ocorrências nas quais Marília descreve preferências femininas (“pela mulher”, linhas 25 e 29), enquadrando tudo aquilo em uma performance feminina única.

Mais adiante, nas linhas 21 e 22, Marília cita características, como o amor incondicional e a fidelidade, que ela observa em Edward que mostram que, como ela vinha defendendo, ele é um homem criado por uma mulher. Há nessa fala, novamente, re-entextualizações de discursos relacionados ao amor romântico, pois mantém a ideia de que a mulher ama mais do que o homem, chegando a ser de maneira incondicional, e

também reforça a ideia da monogamia, considerando a fidelidade uma prova de amor. O discurso da fidelidade, nas linhas 24 e 25 e depois nas linhas 27 a 30, é indexicalizado por Marília como a qualidade que uma mulher mais aprecia em um homem, re-entextualizando também discursos culturais estereotipados de que homens traem, pois homens é natural e mulheres são fiéis porque não sentem a mesma necessidade. Nas linhas 24 e 25, Marília é categórica nessa afirmação, marcada com ênfase em “é” e ritmo desacelerado da fala. Há também muitas ênfases entre as linhas 27 e 30, em especial, na linha 30, quando Marília anima a voz de um suposto parceiro que afirmaria estar com ela e mais ninguém. A pausa entre “ESTOU COM VOCÊ” e “<e mais ninguém>” (em ritmo desacelerado) marca dois polos, indexicalizando que, se alguém está de verdade comprometido com uma pessoa, não estará se envolvendo também com outra.

A marcação da distinção entre homens e mulheres re-entextualizada por Marília é acentuada na linha 25, quando a participante reconhece que, hoje em dia, mulheres traem como os homens, e entre as linhas 30 e 33, quando Marília alinha esse comportamento a um comportamento tipicamente masculino, predicando-o de maneira negativa. Na fala da participante, uma mulher trair seu parceiro seria uma maneira de “se igualar” e querer “pensar e agir como um homem”, desconsiderando performances diferentes das relações monogâmicas como uma maneira válida de se relacionar amorosamente. Por fim, Marília afirma categoricamente que homens e mulheres são diferentes (linha 33, com ênfase em “são”), o que nos permite inferir que, para uma mulher que faça performances femininas estereotípicas, não é possível ter uma relação amorosa com homens, pois, de acordo com esse discurso, eles simplesmente não valorizam nem buscam as mesmas qualidades que elas em uma relação.

Em determinado momento de uma das entrevistas, Marília fala sobre a dificuldade de ser solteira em uma sociedade que espera que as pessoas formem casais.

Falávamos sobre pessoas que são felizes solteiras. Pergunto, então, se ela conhece alguém que tenha escolhido ficar solteira. É aí que surge uma narrativa sobre uma mulher que, segundo a participante, passou a se relacionar com mulheres para não ficar sozinha (linha 2), pois não encontrava nos homens aquilo que ela buscava.

**Excerto 15: “aí ela acabou cedendo e optou por se relacionar com uma mulher”**

1	Laura	você conhece alguém... que tenha feito essa escolha?
2	Marília	Eu conheço <u>gente</u> que mudou de <u>gênero</u> hh pra ↑ não ficar <u>sozinha</u> hh
3	Laura	hein? Como assim?
4	Marília	É, >conheço uma pessoa- eu conheço uma< <u>mulher</u> que deixou de- de-
5		se relacionar com <u>homens</u> , >passou a se relacionar< com <u>mulheres</u>
6		porque ela não <encontrava:: <u>ninguém</u> que tivesse> um relacionamento
7		assim, que <u>quisesse</u> um relacionamento <u>sério</u> , de fidelida::de, de- só
8		queri::a >esses relacionamentos <u>efêmeros</u> , vamos-< de <u>ficar</u> . Ela não
9		queria mais <u>ficar</u> , ela ↑queria um relacionamento <u>sério</u> ... eh eh
10		<emocionalmente mais <u>estável</u> >. E ↑aí ela:: acabou cede::ndo e::
11		opto::u por se relacionar com <u>mulher</u> . Ela se relacion <u>ou</u> com <u>homens</u> ,
12		ela foi ca <u>sada</u> muito te::mpo (.) tem <u>filho</u> e ta::l, ↑mas >hoje em dia ela
13		se relaciona com uma mulher<, ela deix <u>ou</u> - ↑porque ela não encontrava
14		<em <u>homens</u> da <u>idade dela</u> >, >quarenta, quarenta e poucos anos<,
15		ninguém co:::m com esse <u>perfil</u> de fica::r, de ↑querer uma coisa séria.
16		En↑tão ela partiu pra:: “vamo ↑mudar de <u>gênero</u> ” acabo::u <u>cedendo</u> aos
17		<u>assédios</u> de uma mulhe::r, sei ↑lá, eu... acho esqui↑sito, né? Hh
18	Laura	hh

19	Marília	num é minha <u>praia</u> , não seria a minha praia, mas... ↑tão lá, tão juntas as
20		mulheres (.) <Isso é uma <u>tendência</u> , já reparei>
21	Laura	isso o quê?
22	Marília	<u>mulher</u> ficando com <u>mulher</u>
23	Laura	você acha que por ↑isso?
24	Marília	<u>também</u> , eu acho que é porque:: mulher <u>entende</u> melhor uma <u>mulher</u> ...
25		e eu <u>acho</u> que:: ↑sei lá:: ↑eu não <u>sei</u> , não dá pra <u>explicar</u> por que que
26		alguém é- >se interessa por alguém do mesmo sexo. Mas eu <u>vejo</u> muita
27		gente< procurando eh- eh- acho que se <u>afina</u> mais. Acho que as
28		mulheres tão começando a <u>pensar</u> que <u>mulher</u> se afina bem com mulher

Para responder minha pergunta, Marília começa usando termos neutros em relação ao gênero (“gente”, na linha 2, e “pessoa”, na linha 4), só depois se referindo à personagem de sua narrativa em questão como “mulher” (linha 4). Em seguida, Marília re-entextualiza entre as linhas 4 e 7 um discurso muito comum na sociedade contemporânea, de que mulheres que se relacionam com outras mulheres o fazem porque não conseguiram encontrar homens. Na história contada pela participante, a personagem da narrativa não encontrava nos homens com quem se relacionava as características que ela procurava em um relacionamento. Tais características (a fidelidade e o desejo por um relacionamento sério) são atribuídas à feminilidade no discurso hegemônico e isso, segundo Marília, justificaria a opção dessa mulher em passar a se relacionar com outra mulher, que teria os mesmos objetivos e interesses que ela em uma relação amorosa.

Nas linhas 10 e 11, Marília afirma que a personagem em questão “acabou cedendo e optou por se relacionar com uma mulher”, ideia repetida nas linhas 16 e 17

(“acabo::u cedendo aos assédios de uma mulhe::r”). As ênfases e alongamentos nessas duas instâncias podem indexicalizar espanto e desconforto em relação ao que está sendo narrado – o que também é indexicalizado pela recorrência de momentos em que o tom de voz de Marília fica mais agudo, como pode ser observado em diversos termos nas linhas 2, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 19 e 25. São re-entextualizados nessa fala (nas linhas 10 e 11 e, depois, nas linhas 16 e 17) discursos que entendem a sexualidade como voluntária, isto é, o indivíduo escolhe se relacionar afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Infere-se também que essa escolha se deu a partir de uma desistência em relação ao sexo oposto que, em princípio, seria a preferência dessa mulher. Essa “preferência” é marcada discursivamente por Marília na linha 12, quando ela menciona que a mulher se relacionou com homens, foi casada e tem um filho, provavelmente como uma forma de comprovar para mim como interlocutora que essa mulher de fato gostava de homens e só “cedeu” a uma mulher por falta de opção. A pausa entre “ela foi casada muito te::mpo” e “tem filho e ta::l” parece indicar um momento em que Marília parou para pensar e se lembrou de mais um argumento a favor da heterossexualidade da personagem além do fato de ela ter sido casada, como se ter tido um filho fosse uma prova maior de que ela gostava de homens.

Esses discursos estão na contramão das teorias que considero nesta pesquisa: a sexualidade se dá por meio de performances e não são fixas e determinadas (cf. seção 2.2.2). Ao afirmar que a personagem de sua narrativa comprovadamente prefere homens, mas optou por se relacionar com mulheres por não encontrar homens que quisessem o tipo de relacionamento que ela queria, Marília considera que a “verdadeira” expressão de desejo sexual da personagem era em relação ao sexo oposto. De acordo com as noções de performances aqui teorizadas (cf. seção 2.2.2), não haveria uma sexualidade “verdadeira”. Mesmo a personagem da narrativa tendo passado a se

relacionar como uma mulher, Marília ainda a entende como alguém que prefere homens e, em vez de interpretar seu comportamento como uma nova performance de desejo sexual, o atribui à dificuldade de se encontrar homens que queriam uma relação estável.

A justificativa da troca de gêneros feita pela personagem da narrativa para conseguir o tipo de relacionamento que ela buscava marca também re-entextualizações de discursos estereotípicos quanto às identidades de gênero, pois presume que as qualidades que ela buscava só poderiam ser encontradas em mulheres e que não existem homens diferentes do considerado padrão. Re-entextualizações desses discursos também podem ser observadas na linha 24 (“eu acho que é porque:: mulher entende melhor uma mulher”) e nas linhas 27 e 28 (“Acho que as mulheres tão começando a pensar que mulher se afina bem com mulher”).

O excerto a seguir traz uma narrativa sobre um casal no qual o homem é construído como diferente dos estereótipos de gênero em relações amorosas.

**Excerto 16: “*ela tá sempre esperando [...] ele mostrar que é igual a todos*”**

1	Marília	Eh, eu tenho um <u>casal</u> ... assim, <um adendo, <u>esse</u> aí... eu ainda> não
2		cheguei à conclusão. Eu <u>acho</u> que ele é apaixonadíssimo por <u>ela</u> . E ela
3		porque viveu uma vida muito complicada, de um relacionamento- o
4		pai foi muito:: muito <u>ruim</u> pra ela, foi muito ruim pra <u>mãe</u> ... <ela é
5		<u>muito</u> :: <u>agressiva</u> nessa:>... ela tá <u>sempre</u> - tá <u>nesse</u> patamar, >ela tá
6		sempre <u>esperando</u> < que <alguma coisa vá <u>acontecer</u> pra ele <u>mostrar</u> que
7		ele não é> uma pessoa diferente, que ele é igual a <u>todos</u> , entendeu?
8	Laura	arrãm
9	Marília	então, ela tá <u>sempre</u> <u>esperando</u> que ele dê uma <u>mancada</u> . E ele é

10	extremamente apaixonado por ela. ↑Então qualquer <u>deslize</u> que <u>ele dê</u> ,
11	ela não <u>pergunta</u> a ele >por que aquilo aconteceu, ela já< <u>enfia</u> a faca
12	nele e ele... fica <u>desesperado</u> , já quase se separaram duas vezes... quase
13	separaram não, quase que ela foi <u>embora</u> . Uma vez ela- eles <u>brigaram</u>
14	muito <u>feio</u> ... nessa <u>segunda</u> vez ela foi embora uma semana. Ele ficou...
15	ARRASADO. Ele ficou um <u>traste</u> , ele não conseguia <u>trabalhar</u> ... eu
16	fiquei com ele <u>cinco horas</u> <u>conversando</u> , <u>conversando</u> , <u>ouvindo</u> ,
17	<u>ouvindo</u> ... ele fez eh:: <u>sessão</u> especial na terapia <u>também</u> ... ele <u>chorou</u>
18	comigo vá::rias vezes eu VIA nele... ESSE cara, ele é assim
19	TOTALMENTE apaixonado pela mulher. Esse é.

Nessa narrativa, Marília se posiciona como amiga e confidente (linhas 16 a 18) de um homem com performances diferentes da estereotípica de um homem em uma relação amorosa, isto é, na narrativa que Marília re-entextaliza, ele é construído por meio de emoções (“eu acho que ele é apaixonadíssimo por ela”, linha 2; “ele é extremamente apaixonado por ela”, linhas 9 e 10; todo o trecho entre as linhas 14 e 19). O homem em questão é predicado por Marília em sua narrativa como excepcional em relação aos demais homens. Isto pode ser observado quando, depois de caracterizar o sofrimento dele diante de uma briga com a mulher, Marília reafirma que ele é apaixonado e conclui com “esse é”, na linha 19. Nesse caso, marcar discursivamente que “esse é” apaixonado pela mulher constrói uma oposição em relação aos demais, que não são. A excepcionalidade é também marcada pela ênfase no pronome “ESSE” na linha anterior, pois o uso desse recurso prosódico implica que os outros homens não são apaixonados por suas mulheres como o personagem dessa narrativa.



Marília predica a mulher do casal em questão como uma pessoa muito desconfiada e justifica essa desconfiança (linhas 5 a 7 e linhas 9 a 12), recontextualizando um discurso psicanalítico de que ela é assim, pois teve uma vida complicada e problemas com o pai (linhas 2 a 4). Na fala de Marília, essa mulher estaria sempre esperando que seu marido mostrasse “que ele não é uma pessoa diferente, que ele é igual a todos” (linhas 6 e 7). Essa fala traz à tona novamente a visão estereotípica de masculinidade nas relações amorosas, pois reafirma que homens são todos iguais e que esse seria diferente do esperado. Nos trechos anteriores, Marília construiu discursivamente os homens de acordo com os estereótipos, predicando performances diferentes dessas como exclusivas de um personagem de livro. Nessa narrativa, Marília desconstrói o estereótipo e apresenta um homem com performances mais parecidas com o estereótipo feminino e uma mulher predicada como desconfiada na relação por estar esperando o tal estereótipo masculino dele.

Entre as linhas 14 e 18, Marília ressalta o sofrimento do homem do casal predicando-o como “ARRASADO”, com bastante ênfase, indexicalizando a intensidade, e constrói discursivamente esse sofrimento listando o fato de que ele não conseguia trabalhar, o tempo que ele gastou conversando a respeito (com ênfase nas “cinco horas”, indexicalizando algo impressionante), o fato de ele ter feito sessão extra na terapia e ter chorado por causa da briga com a mulher. Todos esses exemplos de comportamento listados por Marília constroem um homem levado pela emoção, o que seria um comportamento esperado de uma mulher no senso comum. O sofrimento desse homem é predicado positivamente por Marília, pois significaria que ele é apaixonado de verdade pela mulher, que não consegue acreditar. No discurso do senso comum, é valorado positivamente que os homens não sejam emotivos e, no contexto dessa

narrativa de Marília, é positivo justamente o fato de que o personagem masculino seja tomado por emoções.

Neste capítulo, analisei a maneira como o amor foi construído nas performances narrativas de Marília por meio da re-entextualização de diferentes discursos e também a construção dos gêneros nas relações amorosas nesse mesmo contexto. Analisei apenas quatro excertos referentes à construção dos gêneros por julgar que os escolhidos dão conta dos sentidos recorrentes nos dados, não tornando a análise repetitiva.

No próximo capítulo, proponho uma discussão sobre os dados analisados em relação às teorias estudadas para esta pesquisa.

## **5. Discussão**

Neste capítulo, retomo as duas questões de pesquisa, divididas por seções, e discuto possíveis respostas para elas como forma de criar maior inteligibilidade sobre os dados analisados anteriormente.

### **5.1 Como os discursos de amor são entextualizados nas performances narrativas da participante?**

A análise dos dados referentes a esta questão de pesquisa apontou a convivência de entextualizações de diversos discursos sobre amor – alguns contraditórios – nas performances narrativas da participante. Observa-se, em seu discurso, a fricção de repertórios distintos e a orientação simultânea, em uma mesma pessoa, para dois regimes amorosos antagônicos, o “antes” e o “depois”. O primeiro, entextualizado como mais antigo, predica o amor como algo lento, emocional, cuidadoso, companheiro, permanente ou eterno, confiante, maduro, capaz de estabelecer vínculo duradouro, marcado por entrega emocional, completude, confiança e conectividade entre os parceiros, configurando algo mágico. O regime amoroso atual, segundo analisado no discurso da participante, indica amores rápidos (imediatismo), convenientes (voltados para o utilitarismo da relação), sazonais, práticos, provisórios, descartáveis, substituíveis, impulsivos ou marcados por uma euforia momentânea, e passíveis de traição.

Essa convivência de discursos está de acordo com as teorizações abordadas nesta dissertação referentes à noção de que mobilizamos diferentes discursos em nossas

performances. Desse modo, muitas vezes, reproduzimos discursos sobre um fenômeno que se contradizem entre si, pois somos seres instáveis e de performances múltiplas e variadas. Como discutido no capítulo anterior, em diferentes trechos dos eventos de letramento dos quais Marília participa, o amor foi construído como aceitação/aprovação, como um inconveniente, como algo mágico e duradouro (ou eterno) e como companheirismo e cuidado com o outro. Em todas as seções, o amor é construído como algo necessário, ainda que, às vezes, seja um *mal* necessário (cf. seção 4.1.2).

Nas ocorrências em que o amor foi construído como aceitação/aprovação, algo mágico e duradouro e como companheirismo e cuidado com o outro, todas essas construções foram compreendidas como condições básicas para que um sentimento seja considerado amor – e não amizade, paixão ou outro tipo de emoção. Isto é, de acordo com o que foi analisado na fala da participante, é possível, por exemplo, haver companheirismo sem haver amor, é possível haver aceitação sem haver amor, mas não é possível haver amor sem haver companheirismo, aceitação, duração prolongada e a sensação de que existe algo mágico no sentimento ou na relação. É como se amor fosse um sentimento capaz de englobar uma série de outros sentimentos e práticas que podem ser associadas a outros sentimentos. Seria, então, a presença de todos esses fatores que comporiam o que se pode chamar de amor.

Embora o amor romântico não apareça de maneira explícita nas construções de amor como companheirismo e cuidado com o outro e de amor como aceitação/aprovação, a ideia de que o conjunto dessas construções aliadas à duração prolongada é necessário para que um sentimento seja considerado amor é romântica. Em outras palavras, o amor romântico, como visto na seção 2.3, tem um caráter salvacionista capaz de preencher um vazio na vida do indivíduo (GIDDENS, 1993; LINS, 2012) e é comumente associado à felicidade (FREIRE COSTA, 1998); portanto,

um amor que precisa de todas essas características para ser considerado amor e que é entendido como necessário na vida de um indivíduo é, por definição, um amor romântico. A ideia de que o amor precisa ser tantas outras coisas e de que a perda de qualquer uma delas significa que não é amor pressupõe que o amor e, conseqüentemente, um relacionamento amoroso preenche diversas lacunas que, na verdade, poderiam ser preenchidas por outras relações. Entender que só é amor se for tudo isso é uma visão romântica, pois credita ao amor a responsabilidade de agir em várias esferas da vida de um indivíduo e de sua realização pessoal.

Nas palavras de Lins (2012b, p. 302):

“Na melhor das hipóteses o amor é uma convergência de muitos desejos, alguns deles sexuais, outros éticos, muitos diretamente práticos, outros pouco românticos e fantásticos. No amor não queremos só sexo e segurança, mas também felicidade, companhia, diversão, alguém para viajar, sair, ouvir conselhos, ter orgulho desse alguém, enfim, uma associação com quem é uma vantagem social e um aliado, alguém com quem vamos dividir o trabalho doméstico e aumentar a renda da casa, alguém de quem podemos depender na hora dos problemas e nos consolar nos momentos de tristeza, e por aí vai. Na realidade, gostaríamos de tudo isso, emoções e constância, excitação e segurança, e de preferência tudo junto, num só pacote, um pacote supostamente garantido pelo amor.”

Essa ideia do “pacote” que seria garantido pelo amor é correlata aos discursos de amor romântico, pois condiciona felicidade e realização pessoal ao amor. Como apontado por Freire Costa (1998, p. 19), o amor “deixou de ser um meio de acesso à felicidade para tornar-se seu atributo essencial”. Lins (2012) contesta a ideia de um amor como “pacote” capaz de englobar uma série de outras emoções afirmando que o amor é apenas mais uma emoção que seria parte do tal pacote. Segundo a autora, “[m]esmo que seja indesejável, podemos ter amor sem companheirismo, amor sem sexo, amor sem apoio emocional, amor sem excitação, amor sem estabilidade” (LINS, 2012b, p. 302). Sendo assim, a perda de um desses componentes caracteriza apenas a perda do “pacote”, mas confundimos com a perda do amor.

Além dos aspectos relacionados a companheirismo e cuidado com o outro, aceitação/aprovação e duração prolongada, mais facilmente descritos pela participante, há também o fator mágico. Nos trechos em que o amor é construído como algo mágico, analisados no capítulo anterior, em nenhum momento é oferecida pela participante uma caracterização do que seria esse “algo mágico” que ela associa com amor. Na verdade, a dificuldade em explicar o que é o amor é justamente o que caracteriza o sentimento como amor. Não basta a aceitação, o companheirismo e uma relação duradoura – pois isso poderia ser simplesmente uma amizade –, há de se sentir também um algo mais, que não se consegue explicar.

Um grande problema prático na compreensão do amor como um “pacote” que engloba tudo que já foi citado e que é também algo mágico que não se pode explicar é que não é possível encontrar tudo isso em apenas uma pessoa ou em apenas uma relação. Desse modo, se acreditamos que amor só é amor se for tudo isso, o desapontamento e a desilusão são inevitáveis. Em alguns dos trechos analisados no capítulo anterior, Marília se posiciona como desiludida e reconhece que aquilo que ela acredita que é amor é algo que só existe em livros. Essa percepção talvez explique o profundo interesse de Marília e tantas outras mulheres pela saga Crepúsculo. Sobre a época do surgimento do amor romântico e da literatura romântica, Giddens (1993, p. 55) afirma que

“[o] consumo ávido de novelas e histórias românticas não era em qualquer sentido um testemunho de passividade. O indivíduo buscava no êxtase o que lhe era negado no mundo comum. Vista deste ângulo, a realidade das histórias românticas era uma expressão de fraqueza, uma incapacidade de se chegar a um acordo com a autoidentidade frustrada na vida social real. Mas a literatura romântica era (e ainda é hoje) também uma literatura de esperança, uma espécie de recusa.”

A visão de que a literatura romântica é tanto uma fuga da realidade quanto uma forma de esperança é condizente com a ideia de que, nas sociedades contemporâneas, não há

mais espaço para esse tipo de amor (BAUMAN, 2004), pois tal visão prevê indivíduos frustrados em sua busca por algo que pertence apenas à literatura.

Retomo aqui alguns pontos teóricos desenvolvidos na seção 2.3. Bauman (2004) e Giddens (1993) observam o mesmo fenômeno, isto é, as mudanças nas relações amorosas, de maneiras diferentes. Ambos reconhecem as mudanças sociais que configuram o cenário contemporâneo, marcado pela rapidez e pela fluidez, e ambos entendem que tais características influenciam diretamente as relações interpessoais. As interpretações dos dois diferem no que tange aos aspectos positivos e negativos dessa influência nas relações. Enquanto Giddens (1993) celebra a fluidez como uma maneira de libertação, chamando à atenção as múltiplas possibilidades de se relacionar afetiva e sexualmente e à facilidade da busca por algo melhor em casos de insatisfação, Bauman (2004) associa essa fluidez a uma espécie de descartabilidade das relações (e, conseqüentemente, dos indivíduos envolvidos nela) e a um eterno hedonismo.

Tendo essas teorizações em mente, cabe aqui retomar a construção do amor como algo duradouro (ou até eterno) observada nas performances narrativas de Marília (cf. seção 4.1.3). A participante predica a duração prolongada como condição para que o sentimento em uma relação seja considerado amor de verdade, chegando a comparar amor a uma “doença crônica”. Marília também chega a afirmar nesses mesmos trechos que, hoje em dia, as pessoas têm relações muito rápidas – e isso, de acordo com essa construção, não é amor. Como observado em Bauman (2004) e Lins (2012), a crítica à rapidez das relações contemporâneas é um discurso muito comum hoje em dia. Sobre esse ponto, penso ser interessante comentar sobre o que irei chamar de “ilusão do saudosismo”.

Ao nos referirmos às relações de hoje em dia como vazias de significado, muito rápidas e facilmente descartadas em oposição às relações duradouras de antigamente,

precisamos levar em conta os motivos pelos quais essas relações antigas duravam tanto tempo. A crítica à rapidez das relações parece partir de um pressuposto de que, antes, as pessoas se esforçavam mais para manter uma relação e que esse esforço se dava graças ao amor, mais valorizado em outros tempos. Essa perspectiva me parece limitada e ilusória, pois desconsidera que muitas relações eram duradouras simplesmente porque o divórcio não era bem visto pelas sociedades (GIDDENS, 1993; LINS, 2102). Desse modo, muitos casais permaneciam juntos por toda a vida não porque se amavam, mas porque sentiam não ter outra opção. Além disso, como já comentado na seção 2.3, os discursos de amor romântico, um amor que deveria durar para sempre, eram propagados por interesses econômicos e religiosos (GIDDENS, 1993) justamente para estimular os casais a permanecerem juntos.

Por mais que hoje em dia outros discursos sobre amor se façam presentes nas sociedades contemporâneas, ainda circulam também discursos de que o amor – se for mesmo amor –, deverá durar para sempre. Entendo esse discurso como potencialmente nocivo aos indivíduos em uma relação, pois ele pressupõe que o amor seja capaz de suportar tudo e passar por uma série de provações. Quando se acredita que o amor suporta tudo e precisa de provas, acredita-se também que a dificuldade é natural a esse sentimento. É essa crença, que muitos indivíduos compartilham, que pode levar a relacionamentos emocionalmente abusivos, pois essa dificuldade não só seria intrínseca às relações amorosas, como seria também parte dos testes pelos quais um amor passa. Penso que esse tipo de amor é precisamente o que pode ser observado na saga *Crepúsculo*.

Outro aspecto que considero nocivo no discurso de amor como necessariamente duradouro é que, mesmo que não chegue a configurar uma relação abusiva, uma relação insatisfatória aos indivíduos envolvidos pode ser mantida por anos, privando esses



indivíduos de experiências mais proveitosas. A crença de que pode haver algo ou alguém melhor e escolher terminar um relacionamento amoroso para ir em busca disso não é necessariamente hedonista como levantado por Bauman (2004); ela pode, na verdade, ser uma maneira de libertar indivíduos que estariam presos a uma relação insatisfatória simplesmente por não terem coragem ou não acharem possível dar um fim a ela. Enfatizo, então, novamente, que a duração prolongada de um relacionamento amoroso está longe de significar uma prova de que ele é baseado em amor verdadeiro, tampouco significa que os indivíduos nesse relacionamento estão felizes e satisfeitos.

A durabilidade do amor também prevê a questão da aceitação, também uma construção observada nas performances narrativas de Marília (cf. seção 4.1.1). A aceitação do outro é um ponto importante tanto do amor romântico quanto do amor confluyente, mas de maneiras diferenciadas. No amor romântico, a aceitação vem de um amor incondicional que, como visto, é capaz de passar por tudo. Esse tipo de aceitação é a que eu caracterizaria como propícia para o surgimento de um relacionamento abusivo ou para a simples crença de que é normal ser difícil. Já no amor confluyente, a aceitação não é uma forma resignada de se concordar em passar por cima de tudo. Nesse caso, a aceitação vem de um conhecimento da personalidade do indivíduo com quem se está relacionando e da apreciação de suas qualidades. Seria, de certa forma, uma aceitação mais legítima, pois requer intimidade e o indivíduo tem a liberdade de não aceitar o que passa a conhecer do outro nessa intimidade. É a escolha em aceitar que faz com que a relação seja possível e prazerosa.

Como também observado nas performances narrativas de Marília na seção 4.1.1, a aceitação é uma questão importante não apenas entre os indivíduos em um relacionamento amoroso, mas também em relação à sociedade. Por mais que hoje em dia as separações e os divórcios sejam mais comuns, ser solteiro permanece como algo

indesejado nos olhos do senso comum das sociedades contemporâneas, especialmente para as mulheres (LINS, 2012). Para ser socialmente aceito, é preciso estar em casal e, não só isso, mas um casal heterossexual e monogâmico. A necessidade de se sentir aceito socialmente é também o que leva muitas pessoas a começarem relacionamentos que não lhes interessam e mantê-los, ainda que não estejam mais lhes satisfazendo emocionalmente. Parece que a condição básica para a felicidade é estar em casal, não importa a qualidade da relação em que se esteja, pois estar solteiro é constantemente associado à infelicidade e ao insucesso pessoal (LINS, 2012).

Considerando todos os pontos comentados até aqui, é claro, então, que o amor pode também ser construído como um inconveniente (cf. seção 4.1.2), pois ele foge à racionalidade e às praticidades do dia a dia. Um amor que só é amor se for tudo aquilo que foi debatido até aqui é um amor de séculos atrás, inadequado para se viver em uma sociedade que não é a mesma – ponto já levantado por Freire Costa (1998) e brevemente comentado na seção 2.3. Esse conflito entre o que a participante constrói como amor e a dificuldade de viver um amor assim nos dias de hoje é também uma causa provável de desapontamento e desilusão, pois se baseia na tentativa de unir modos de vida incompatíveis.

Respondo a primeira questão de pesquisa, então, sugerindo que os significados de amor construídos discursivamente pela participante em suas performances, ainda que algumas vezes se assemelhem ao amor confluyente (GIDDENS, 1993), são muito mais condizentes com os discursos tradicionais de amor romântico, que se frustram com a liquidez e a praticidade do cotidiano das sociedades contemporâneas (BAUMAN, 2004 e 2007, respectivamente). Sigo, então, para a segunda questão de pesquisa.

## **5.2 Como os gêneros são construídos nas performances narrativas da participante da pesquisa em relação aos discursos de amor romântico presentes no livro e outros discursos de amor entextualizados por ela?**

Na análise dos dados apresentados na seção 4.2, os gêneros foram construídos pela participante em suas performances narrativas como binários (homem e mulher) e estereotípicos, ainda que no último trecho houvesse uma quebra desses estereótipos. Com exceção do último trecho, nas performances narrativas de Marília, os homens foram construídos como infiéis em relações amorosas, desinteressados em um compromisso mais sério e indispostos, de uma maneira geral, a se envolverem emocionalmente. As mulheres, em oposição, foram construídas como fiéis, em busca de compromisso sério, carentes de um vínculo emocional em suas relações com homens e, no último trecho, desconfiadas.

Embora no discurso de Marília seja possível se entrever outras performances de gênero e sexualidade (embora todos os trechos tenham seguido uma perspectiva heteronormativa das relações amorosas, houve um trecho com uma narrativa sobre uma mulher que se relaciona com outra), todas as ocorrências de performances de gênero diferentes das estereotípicas foram entextualizadas por Marília como casos excepcionais. Mesmo as performances de mulheres que traem em relacionamentos foram entextualizadas por Marília como uma tentativa de se igualar aos homens, deixando implícito que esse não é um comportamento feminino.

A diferenciação entre os dois gêneros, homem e mulher, construída por Marília se associa aos papéis tradicionais de homem e mulher em relações amorosas de acordo com os discursos de amor romântico. A democratização dos gêneros sugerida por Giddens (1993), decorrente da libertação sexual feminina e outras mudanças das

sociedades contemporâneas, não aparece na fala de Marília, que ratifica os discursos culturais estereotipados das relações amorosas entre homens e mulheres.

A seguir, nas considerações finais, discuto os aspectos negativos da manutenção dos estereótipos de gênero nas relações amorosas, bem como as demais questões levantadas neste capítulo, propondo reflexões para essas práticas como uma forma de “queerizar” as relações.

## 6. Considerações finais

*“As pessoas que só amam uma vez na vida são as verdadeiramente superficiais. O que denominam lealdade ou fidelidade, eu chamo de letargia do hábito ou falta de imaginação.” (Oscar Wilde)*

*“Amar não é aceitar tudo; aliás, onde tudo se aceita, desconfio que há falta de amor.” (Vladimir Maiakósvki)*

Neste trabalho, busquei criar inteligibilidade sobre os discursos de amor e gênero em relações amorosas mobilizados em performances narrativas de uma leitora adulta de uma série de livros voltada para o público feminino adolescente. A motivação da pesquisa foi a aparente contradição em ver uma mulher de perfil tão diferente do público-alvo da série se dizer apaixonada pelo herói romântico que é construído na série. Dissertei sobre alguns estudos a respeito do amor e das relações amorosas, argumentando que os sentidos de amor que conhecemos são construções sociais e que o amor não é um sentimento universal e natural como se prega no senso comum. Levando isso em conta, procurei investigar quais sentidos de amor e gênero em relações amorosas eram construídos pela participante da pesquisa. Para isso, analisei eventos de letramento dos quais ela participa e as performances narrativas espontâneas que surgiram neles. Observei na análise que, embora diferentes discursos sobre amor circulem nas sociedades contemporâneas, nas performances narrativas da participante, os discursos tradicionais de amor romântico foram predominantes.

A manutenção desses discursos tradicionais em relação ao amor acarreta também a manutenção dos estereótipos de gênero em relacionamentos amorosos e a hierarquização dos gêneros nesse mesmo contexto. Nesses estereótipos, em relações heterossexuais, a mulher é aquela que se preocupa com as emoções e que estaria em busca de uma relação amorosa, enquanto o homem, visto como prático e racional, seria mais atraído pelo sexo. Não há espaço nessa concepção para a sexualidade feminina e

para a mulher que não se interessa em casar e ter filhos, nem para o homem que se apaixonou e deseja um relacionamento sério, nem para homens e mulheres que preferiram se relacionar com indivíduos do mesmo gênero, ou seja, aqueles que fazem performances diferentes das estereotípicas. São esses discursos tradicionais quanto aos gêneros em relações amorosas que produzem as excludências de homens mais emotivos, de mulheres que vivem a sexualidade de maneira mais livre, de casais homoafetivos e de relações poliamorosas.

Outra característica do discurso romântico e da manutenção dos gêneros como no amor romântico é a questão do cavalheirismo. Gestos aceitos socialmente como gentilezas de um homem para uma mulher (como abrir a porta do carro, puxar a cadeira para a mulher se sentar etc.) são, na verdade, sexistas, pois pressupõem uma mulher frágil e um homem que tenta protegê-la e cuidar dela. Os mesmos gestos, se vindos de uma mulher para um homem, causariam estranheza.

Além dessas questões de gêneros estereotípicos, há também as questões relacionadas ao amor debatidas no capítulo anterior. Conforme argumentei na seção 5.1, a crença de que o amor só é amor se composto por todos aqueles sentidos construídos pela participante em suas performances narrativas é aprisionadora. É essa crença que restringe as relações amorosas a modelos estabelecidos séculos atrás e que não parecem mais fazer sentido na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, graças à circulação e à grande aceitação de discursos de amor romântico, outras formas de relação acabam sendo marginalizadas.

Os exemplos mais corriqueiros de formas de relações amorosas marginalizadas por serem diferentes do modelo – um homem e uma mulher monogâmicos que se relacionam com o objetivo de formar uma família nuclear (cf. seção 2.4) – são as relações poliamorosas ou entre pessoas do mesmo gênero. No entanto, por “diferente do

modelo”, me refiro também a relações que, embora prototípicas segundo o senso comum no que diz respeito aos gêneros dos envolvidos, diferem do modelo quanto ao modo de os indivíduos se relacionarem. Isto é, pode se referir também a relações de pouca duração, a relações sexuais sem vínculo amoroso, a relações de amizade que envolvem sexo e até a famílias formadas por mães solteiras, entre outros exemplos que não se enquadram no modelo hegemônico.

Tendo em vista todos os pontos discutidos até aqui neste capítulo, acredito que seja importante, então, pensar em formas de “queerizar” as relações amorosas. Uso o termo “queerizar” retomando Butler (2002; [1990] 2003; 2004) e Sullivan (2003). Conforme teorizado na seção 2.2.2, os gêneros e a sexualidade são construções sociais que, estabilizando-se por meio de repetição, vão ganhando aparência de natural. Isto é, as identidades de gênero e sexualidade consideradas prototípicas pelo senso comum são ideias naturalizadas e, por serem uma construção social, podem ser postas em cheque (cf. performativo e performatividade na seção 2.2.2). Da mesma maneira, as relações amorosas consideradas prototípicas também podem ser reavaliadas e reconstruídas. Considerando, então, que as Teorias Queer propõem a desconstrução de modelos aparentemente rígidos e generalizações – isto é, a criação de normas que priorizam uns em detrimento de outros –, entendo que “queerizar” as relações seria uma forma de democratizá-las.

Enquanto uma forma de relação, de relacionar-se afetiva e sexualmente e de caracterizar os gêneros em uma relação são considerados a norma, qualquer variante dessa norma causa estranheza, pois é avaliada em relação a ela. Esses discursos que enfatizam o diferente (em relação ao que é considerado normal) geram marginalizações, que podem gerar discursos de ódio e violência, como ocorre com a homofobia. Sob uma perspectiva queer, não há uma norma, ou seja, não se trata de substituir os modelos

vigentes por outros, que englobem outras práticas e performances identitárias. “Queerizar” é acabar com os modelos referenciais, as normas, as generalizações. No caso das relações amorosas, isto significa desconstruí-las de modo a serem vividas pelos indivíduos da maneira que considerarem mais adequadas a eles em determinados momentos de suas vidas. Isso diz respeito tanto a uma auto-aceitação e a um auto-conhecimento quanto à aceitação por parte dos outros daqueles que se relacionam de outras maneiras.

A compreensão de que o amor como o conhecemos e os formatos de relações amorosas aceitos socialmente são construções abre caminho para novas construções e “queerizar” esses sentidos é entender todos eles como legítimos, sem que haja um referencial do que é “o normal”. Desse modo, acredito que o aspecto mais importante em refletir sobre os discursos de amor que circulam nas sociedades e sobre os modelos de relacionamentos que aprendemos e questioná-los é saber que há possibilidades diferentes das quais vivemos, e que aquelas que vivemos são escolhas e aprendizados, não regras que devem ser seguidas ou determinações biológicas das quais não temos escapatória. Entendo, então, que seria produtivo reconhecer que não há uma fórmula para como nos relacionamos afetivamente com aqueles por quem sentimos afeto e que seria libertador negociar os próprios termos de cada relacionamento com cada um com quem viéssemos a nos relacionar.

Essa liberdade abrange também a escolha por ser solteiro/a, pois compreender que a necessidade de se viver em um casal monogâmico é também uma construção é compreender que essa necessidade não existe de fato. Muitas pessoas buscam em relacionamentos uma sensação de completude, pois esse é um dos discursos mais propagados sobre amor. Discursos sobre individualidade se, por um lado, como aponta Bauman (2004), podem fazer com que as pessoas se interessem menos pelas outras; por



outro, há um ganho que identifico: a decisão por se relacionar sexual-afetivamente com alguém apenas por vontade e preferência, não por motivos que, como já debatido no capítulo anterior, levam a desapontamento e frustração. Penso, então, que a liberdade de escolha afetiva e sexual que é possível nos tempos mais recentes é uma maneira de democratizar as relações não apenas no que tange aos gêneros, mas também aos modos de se relacionar e aos próprios termos de cada relação que, não tendo que atender a moldes pré-estabelecidos, podem ser mais satisfatórias para cada indivíduo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGHA, Asif. **Language and social relations**. Nova York: Cambridge University Press, 2007.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer. Palavras e Ação**. Tradução por Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962/1990.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Intimations of postmodernity**. Londres: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Tradução por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Los retos de la educación en la modernidad líquida**. Barcelona: Gedisa, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Richard. **Story, performance and event: contextual studies of oral narrative**. Cambridge: CUP, 1986.

BAUMAN, R. e BRIGGS, C. **Poetics and performance as critical perspectives on language and social life**. American Review of Anthropology, 1990.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local literacies: reading and writing in one community**. Londres: Routledge, 1998.

BLOMMAERT, Jan. Text and context. In: BLOMMAERT, J. **Discourse: key topics in Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. A sociolinguistics of globalization. In: COUPLAND, N; JAWORSKI (Eds.) **The New Sociolinguistics Reader**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

\_\_\_\_\_. A messy new market place. In: BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, Jan.; RAMPTON, Ben. **Language and superdiversity: a position paper**. Working Papers in Urban Language e Literacies, Paper 70, 2011.

BLOOME, David. **Reading as a social process**. Adventures in Reading/Language Research, 1983.

BLOOME, David. **Necessary indeterminacy and the microethnographic study of reading as a social process**. 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990/2003.

\_\_\_\_\_. Critically queer. In: STRIFF, E. (Ed.). **Performance studies**. New York: Palgrave, 2002.

\_\_\_\_\_. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é Linguística Aplicada. In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. (Org.). **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC-PUCSP, 1992.

COELHO, Maria Cláudia. **O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

COUPLAND, N.; GARRET, P.; WILLIAMS, A. Narrative demands, cultural performances and evaluation: teenage boys' stories for their peers. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DERRIDA, J. **Limited Inc**. Evanston: Northwestern University Press, 1992.

DÖRNYEI, Z. **Research Methods in Applied Linguistics**. Oxford: OUP, 2007.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987/1999.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. Tradução por Edmundo Cordeiro. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE COSTA, Jurandir. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FRIDMAN, L. C. **Vertigens pós-modernas. Configurações contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GAUNTLETT, David. Introduction. In: Gauntlett, D. **Media, gender and identity: An introduction**. London: Routledge, 2008.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. Londres: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. 2000. "New People in New Worlds: Networks, the New Capitalism and Schools." in *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*, edited by B. Cope and M. Kalantzis. London: Routledge.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução por Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 1979/2002.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. **Post-modern interviewing**. Missouri: SAGE Publications Inc., 2003.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 1982/2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

HEATH, Shirley Brice. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. In: MAYBIN, J. (Ed.). **Language and Literacy in Social Practice**. Clevedon: Multilingual Matters, 1993.

JACOB, E. **Clarifying Qualitative Research: a focus on traditions**. Educational Researcher, v. 17, n. 1, p. 16-24, 1998.

KULLICK, D. No. In: CAMERON, D.; KULLICK, D. **The language and sexuality reader**. Londres: Routledge, 2006.

LANGELLIER, K. M. You're marked: Breast cancer, tattoo, and the narrative performance of identity. In: BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. (Ed.). **Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2001.

LIEPE-LEVINSON, K. Striptease: desire, mimetic jeopardy and performing spectators. In: STRIFF, E. (Org.). **Performance Studies**. Nova York: Palgrave, 2003.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor – Vol. 1: Da Pré-História à Renascença**. Rio de Janeiro: Best Seller Ltda., 2012a.

\_\_\_\_\_. **O livro do amor – Vol. 2: Do Iluminismo à atualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Best Seller Ltda., 2012b.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. (Ed.) **Disinventing and reconstituting languages**. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 2007.

MAYBIN, J.; MOSS, G. **Talk about texts**: reading as a social event. *Journal of Research in Reading*, v. 16, n. 2, p. 138-147, 1993.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Lua Nova**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Eclipse**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Amanhecer**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009b.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (mimeo) Os espaços da narrativa como construto teórico-metodológico na Investigação em Linguística Aplicada.

\_\_\_\_\_. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009a.

\_\_\_\_\_. **A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno no esporte e no sexo em um jornal carioca**: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística)*, n. 27, p. 129-157, 2009b.

\_\_\_\_\_. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.

\_\_\_\_\_. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b.

\_\_\_\_\_. On being white, heterosexual and male at school: multiple positionings in oral narratives. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINNA, A.; BAMBERG, M. **Identity and discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2006c.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Discursos de identidades**. Rio de Janeiro: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidades fragmentadas**: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PENNYCOOK, Alastair. Performance and performativity. In: PENNYCOOK, A. **Global Englishes and Transcultural Flows**. Nova Iorque: Routledge, 2007.

\_\_\_\_\_. **Language as local practice**. Londres: Routledge, 2010.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SANTOS, Maria de Lourdes Pinheiro dos. **Mulheres em um evento social de leitura: intertextualidade e identidade social**. 2002.

SCHIFFRIN, D. Speech Act Theory. In: SCHIFFRIN, D. **Approaches to Discourse**. Cambridge: Blackwell, 1994.

SILVERSTEIN, M.; URBAN, G. The natural history of discourse. In: SILVERSTEIN, M.; URBAN, G. (Ed.). **Natural Histories of Discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. Literacy Practices and Literacy Myths. In: STREET, B. **Social Literacies: critical approaches to literacy in development, knowledge e education**. London: Longman, 1995.

SULLIVAN, N. **A critical introduction to queer theory**. Nova Iorque: New York University Press, 2003.

THREADGOLD, Terry. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

THORNBORROW, J.; COATES, J. The Sociolinguistics of narrative: identity, performance, culture. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

VERTOVEC, Steven. **Super-diversity and its implications**. *Ethnic and Racial Studies* 30: 6, 2007, p.1024 -1054.

WILDE, Oscar. O melhor de Oscar Wilde. Tradução por Dau Bastos. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

WOLCOTT, H. **Transforming qualitative data: description, analysis and interpretation**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

WORTHAM, Stanton. **Narratives in Action: a strategy for research and analysis**. Nova Iorque: Teachers College Press, 2001.

YIN, Robert K. **Estudos de caso: Planejamento e método**. Tradução por Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## ANEXO 1

### Convenções de transcrição utilizadas

...	Pausa não medida
(.)	Pausa de menos de 2 décimos de segundo
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
,	Entonação intermediária, de continuidade
-	Para súbita
<u>sublinhado</u>	Ênfase em som
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
: ou ::	Alongamentos
[ ]	Fala sobreposta
↑	Som mais agudo do que os do entorno
hh	Aspiração ou riso
( )	Fala não compreendida
((palavra))	Comentário do analista, descrição de atividade não vocal
“palavra”	Fala relatada

Convenções adaptadas de estudos da Análise da conversa (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), com incorporações de Loder e Jung (2009).

## **ANEXO 2**

### **Perguntas elaboradas para os eventos de letramento realizados para a pesquisa.**

#### **Setembro/2013**

- 1) O que te fez querer ler os livros? Quando foi? Como começou?
- 2) O que te chamou atenção na história?
- 3) Qual o seu livro preferido da série? Por quê?
- 4) O que você achou dos filmes?
- 5) Você se identifica com algum personagem? Qual? Por quê? Tem algum personagem que você não gosta?
- 6) Em outros momentos, você já se referiu ao Edward como “o homem perfeito?” Por que você o acha perfeito? Quais características desse personagem te agradam?
- 7) Você procura essas características em homens na sua vida também? Encontra?
- 8) Qual foi a coisa mais romântica que alguém já fez por você? Por que isso foi tão marcante?
- 9) O Edward tem muito ciúme do Jacob com a Bella. Você acha esse ciúme justificado? O que você acharia do mesmo comportamento em um parceiro?
- 10) A Bella e o Edward dizem sempre um para o outro que não seriam capazes de viver um sem o outro e que o amor deles é eterno. Você acredita nesse tipo de amor? Por quê?
- 11) O que você entende por amor romântico? Você já teve alguma experiência assim na sua vida?
- 12) Você acha que as relações amorosas hoje em dia são diferentes do que eram antigamente? Como? O que mudou?

#### **Março/2014**

- 1) Você acha que vale tudo por amor? Vale enfrentar tudo o que a Bella enfrentou para ficar com o Edward?
- 2) Na sua opinião, o que a Bella vê no Edward e o que ele vê nela? Por que eles gostam um do outro?
- 3) Por que você acha que a Bella nunca quis o Jacob? Ela teria sido feliz com ele?
- 4) Você conhece casais que você considera felizes? O que te faz achar que esses casais são felizes?
- 5) Você acha que o amor é um sentimento universal, que todo mundo sente em algum momento da vida, da mesma forma?
- 6) O que você acha de relacionamentos abertos?
- 7) É impossível ser feliz sozinho?